

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - FAFICH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

MARIANA SCHLICKMANN

**A INTRODUÇÃO DOS ESTUDOS AFRICANOS NO BRASIL NOS ANOS 1959 -
1987**

Belo Horizonte
2015

MARIANA SCHLICKMANN

**A INTRODUÇÃO DOS ESTUDOS AFRICANOS NO BRASIL NOS ANOS 1959 -
1987**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em História.

Linha de Pesquisa: História Social da Cultura.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Vanicléia Silva Santos.

Belo Horizonte
Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais
2015

907.2 Schlickmann, Mariana
S344i A introdução dos estudos africanos no Brasil nos anos
2015 1959 -1987 [manuscrito] / Mariana Schlickmann. - 2015.
135 f.
Orientadora: Vanicléia Silva Santos.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1. História - Teses. 2. Historiografia - Teses. 3. África – História - Teses. I. Santos, Vanicléia Silva . II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

A INTRODUÇÃO DOS ESTUDOS AFRICANOS NO BRASIL NOS ANOS 1960 -1985

MARIANA SCHLICKMANN

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em HISTÓRIA, área de concentração HISTÓRIA, TRADIÇÃO E MODERNIDADE: POLÍTICA, CULTURA E TRABALHO, linha de pesquisa História Social da Cultura.

Aprovada em 27 de fevereiro de 2015, pela banca constituída pelos

Profa. Dra. Vanicleia Silva Santos - Orientadora

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Prof. Dr. Douglas Áttila

Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

Profa. Dra. Mônica Lima e Souza

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Belo Horizonte, 27 de fevereiro de 2015.

A minha definição de amor: Bruno, Ana, Gil e Guh.

AGRADECIMENTOS

Dentre as muitas pessoas que quero agradecer, começo por minha orientadora, professora Vanicléia Silva Santos, que mais do que mestra e orientadora, foi também um exemplo e uma amiga. Aprendi muito sobre o continente africano e apaixonei-me ainda mais pela História da África a partir de seus ensinamentos. Obrigada por acreditar em meu trabalho!

Agradeço também ao acolhimento da Universidade Federal de Minas Gerais, a Pós-graduação em História, aos professores e a CAPES pela oportunidade e financiamento da minha pesquisa. A banca de qualificação, Prof. Dr. Douglas Atilla Marcelino e Prof. Dr. Valdemir Donizete Zamparoni pelas valiosas observações, apontamentos e conselhos. Agradeço aos colegas do mestrado pela acolhida, por dividir angústias, risadas, filmes e experiências, foi mais fácil dividindo o peso com vocês.

Bel e Denise, formamos um trio improvável e uma família na selva de pedra que é Belo Horizonte. Guardo nossos momentos juntos e nossa convivência com muito carinho e ternura. Obrigada por terem entrado em minha vida e me acolhido, vocês são minha maior saudade.

Mesmo estabelecendo uma nova fase profissional na UFMG, não posso deixar de agradecer ao NEAB-UDESC, em especial ao Prof. Paulino de Jesus Francisco Cardoso, pela minha formação, por despertar meu amor por África e por acreditar que as asas daquela guriuzinha de Balneário Camboriú poderiam alcançar voos maiores do que os que ela tinha imaginado. Valeu *curicada!*

Camilíssima, Aninha, Tatavo e Bruno, sem vocês esta pesquisa não tinha saído. Obrigada por fazer a caça ao tesouro às fontes que pessoalmente não pude ir atrás, vocês foram demais!

A minha família, minha base, meu tudo, agradecer a vocês é pouco. Minha mãe Ana Elisa, meu pai Gilmar e meu irmão Gustavo, vocês são meus exemplos, minha segurança, minha inspiração. Obrigada por acreditar em mim, por me apoiar incondicionalmente, por não perguntar sobre minha dissertação nos momentos críticos, e por ser quem vocês são! A vocês também peço desculpas pelas ausências e pelos momentos de mau humor. Sabe como é!

Bruno, deixei você por último em meus agradecimentos porque acho que é quem eu mais tenho, e ao mesmo não sei por onde começar a agradecer. Carregasse este peso comigo, e com certeza nosso “projeto de família” fez tudo ser mais fácil. Obrigada por

acreditar em mim, por me amparar em teu ombro para eu chorar, por comprar chocolate e deixar bilhetinhos inspiradores antes de ir para o trabalho. Obrigada por me entender, por compreender minhas ausências e ao mesmo tempo saber quando precisava me afastar do trabalho árduo da escrita. Obrigada pela solidariedade, pela confiança inabalável e pela generosidade, por sempre estar pronto para ajudar, não importando no que fosse. Mil obrigadas, amor.

**Era uma África diferente da que tinha imaginado, mas todos nós sabemos como
África sabe se transformar naquela que cada um tem dentro de si.**

Pepetela

RESUMO

O presente trabalho buscou compreender o processo de institucionalização dos estudos africanos no Brasil, por meio de uma pesquisa historiográfica, analisando o legado deixado pelos primeiros pesquisadores acadêmicos sobre o continente africano e a influência de seus trabalhos em pesquisas brasileiras posteriores. O exame da historiografia africana produzida no Brasil de 1959 a 1987 evidenciou as formas como os intelectuais brasileiros compreendiam o continente africano, as mudanças de pensamento em relação à África ao longo do tempo e os usos da história pela academia, em seus relacionamentos com diversas esferas dos países africanos.

PALAVRAS-CHAVE: História, Estudos Africanos no Brasil, História da África.

ABSTRACT

This study aimed understands the process of institutionalization of African studies in Brazil. Through a historical research, we analyze the legacy left by the first academic researchers on the African continent and the influence of their works in subsequent Brazilian researches. The examination of African historiography produced in Brazil from 1959 to 1987, sought to highlight the ways in which Brazilian intellectuals understood the African continent, the changes undergone in the way of thinking about Africa over time, and the uses of history by the academic world, in their relationships in different spheres with African countries.

KEY-WORDS: History, African Studies in Brazil, African History.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Subáreas de conhecimento dos artigos da revista <i>Afro-Ásia</i> (1960-1983) ..	54
Gráfico 2 - Recortes geográficos dos artigos da Revista <i>Afro-Ásia</i> (1965-1983).	55
Gráfico 3 – Subáreas de conhecimento dos artigos da revista <i>Estudos Afro-Asiáticos</i> (1978-1987)	59
Gráfico 4 – Recorte geográfico da revista <i>Estudos Afro-Asiáticos</i> (1978-1987).	61
Gráfico 5 – Subáreas de conhecimento dos artigos da revista <i>África</i> (1978-1987).	63
Gráfico 6 – Subáreas de conhecimento das teses e dissertações brasileiras sobre África (1969-1987)	74
Gráfico 7 - Recorte geográficos das teses e dissertações brasileiras sobre África (1969-1987).	75
Gráfico 8 – Subáreas de conhecimento dos livros sobre África publicados no Brasil entre 1961 e 1987	78

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Subáreas de conhecimento mais recorrentes nas revistas <i>Afro-Ásia</i> , <i>Estudos Afro-Asiáticos</i> e <i>África</i>	65
Quadro 2 – Recortes geográficos mais recorrentes nas revistas <i>Afro-Ásia</i> , <i>Estudos Afro-Asiáticos</i> e <i>África</i>	66
Quadro 3 – Recortes geográficos mais em África recorrentes nas revistas <i>Afro-Ásia</i> , <i>Estudos Afro-Asiáticos</i> e <i>África</i>	67
Quadro 4 - Perfil dos pesquisadores que publicaram artigos nas revistas <i>Afro-Ásia</i> , <i>Estudos Afro-Asiáticos</i> e <i>África</i>	68
Quadro 5 – Subáreas de conhecimento das revistas, monografias e livros publicados sobre África no Brasil	81
Quadro 6 – Recorte geográfico geral das revistas, monografias e livros publicados sobre África no Brasil	82
Quadro 7 – Recorte geográfico da África em revistas, monografias e livros publicados sobre África no Brasil.....	82

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEA: Centro de Estudos Africanos

CEAA: Centro de Estudos Afro-Asiáticos

CEAO: Centro de Estudos Afro-Orientais

IBEAA: Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos

H.G.A: História Geral da África

MN: Movimento Negro

SINBA: Sociedade de Intercâmbio Brasil África

UNESCO: *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*/Organização das Nações Unidas para Saúde, Educação e Ciência

UCAM: Universidade Cândido Mendes

UFBA: Universidade Federal da Bahia

USP: Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 - A TRAJETÓRIA DOS ESTUDOS AFRICANOS NO BRASIL ...	26
1.1 O contexto nacional: Nina Rodrigues, Gilberto Freyre e a criação de uma África nagô	26
1.2 Década de 1960: a institucionalização dos estudos africanos no Brasil.....	34
1.3 Movimento Negro e Afrocentrismo nas décadas de 1970 e 1980.....	41
1.4 Novas perspectivas para os estudos africanos - 1980.....	48
CAPÍTULO 2 – A PRODUÇÃO BRASILEIRA SOBRE ÁFRICA	52
2.1 Revistas dos Centros de Estudos Africanos	53
2.2 Dissertações e teses sobre o tema	69
2.3 Livros.....	76
CAPÍTULO 3 – UMA ANÁLISE DIRECIONADA DA PRODUÇÃO BRASILEIRA SOBRE ÁFRICA	84
3.1 Alcance e repercussão das publicações	85
3.2 Análise das publicações na área de História	91
3.3 Balanço final.....	100
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
BIBLIOGRAFIA	105
APÊNDICES.....	115

INTRODUÇÃO

Atualmente, o Brasil vive um contexto de grande interação política, econômica e cultural com o continente africano. O número de embaixadas brasileiras em África chegou a 38 em 2013,¹ os acordos comerciais expandiram numericamente e o interesse de pesquisadores brasileiros em estudar o continente fortalece cada vez mais os Estudos Africanos no Brasil.

Estas mudanças dinâmicas e significativas sugerem analisarmos criticamente o estreitamento dos laços com o continente africano em diversas esferas, e de que modo estes refletem nas produções acadêmicas sobre a África no Brasil, pois, de acordo com Vanicléia Silva Santos, o número de monografias brasileiras dedicadas aos temas africanos e afro-brasileiros cresceu mais de 500% entre os anos de 1992 e 2012.² Com este crescimento de pesquisas na área, indagamos que conhecimento acerca de África está sendo constituído no Brasil? Como se iniciou a produção de um conhecimento dito científico e histórico sobre a África no Brasil? Qual a influência de trabalhos estrangeiros nas pesquisas acadêmicas nacionais?

Responder tais questionamentos importa na medida em que auxilia na compreensão do processo de introdução dos Estudos Africanos no Brasil, objetivo desta dissertação, visto que a historiografia (tanto sobre África quanto sobre subáreas relativas ao tema) tem papel primordial para o trabalho de historiadores. Refletir sobre o processo de escrita da história e a construção dos instrumentos teóricos e metodológicos constitui base da formação acadêmica da profissão, habilita a edificação do conhecimento e o ato de *fazer* história.

No Brasil, os estudos africanos advêm de uma profunda conexão com os estudos afro-brasileiros.³ Neste trabalho, optamos pelo entendimento de estudos africanos como um campo de estudo constituído por diversas subáreas do conhecimento, que se dedicam, através de uma metodologia própria, ao estudo do continente africano.⁴ Desde

¹ <http://www.itamaraty.gov.br/o-ministerio/o-brasil-no-exterior>, Acesso em 28 de fevereiro de 2014.

² SANTOS, Vanicléia Silva. A redescoberta da África no Brasil: As pesquisas em História da África no Brasil (1992-2012). In: FERRAO, J. (Org.). *Ensino Superior e Investigação Científica no Espaço da CPLP*. LISBOA: AULP, 2012, v. 22, p. 129.

³ De acordo com Lívio Sansone, estes se caracterizam pelo “estudo das relações raciais e da produção cultural negra no Brasil” (p. 7). SANSONE, Lívio. Um Campo Saturado de Tensões: O Estudo das Relações Raciais e das Culturas Negras no Brasil. *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 24, nº 1, 2002, p. 5-14.

⁴ HOUNTONDJI, Paulin J. Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: duas perspectivas sobre os Estudos Africanos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 80, Março, 2008, p. 149-160; FERREIRA, Roquinaldo. A institucionalização dos Estudos Africanos nos Estados Unidos: advento, consolidação e transformações. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 30, nº 59, p. 73-90 – 2010.

as primeiras pesquisas realizadas por Nina Rodrigues, até as recentes lutas pela afirmação do campo perante órgãos de financiamento de pesquisa, falava-se de África associando-a aos seus descendentes no Brasil e a questão racial no país. Na revisão historiográfica da produção brasileira, os autores unanimemente evidenciam Nina Rodrigues e Gilberto Freyre como os primeiros destaques no tema.

O primeiro trabalho acadêmico com foco de análise nos Estudos Africanos no Brasil foi o livro do cientista político espanhol Luís Beltrán, chamado *O africanismo brasileiro*, de 1987. Beltrán era professor da Universidade Livre do Congo, atuando como professor-visitante na Universidade de São Paulo, em 1974, e na Universidade Federal da Bahia, em 1978. As duas universidades brasileiras possuíam naquele momento dois importantes Centros de Estudos Africanos, aos quais o pesquisador se vinculou. A preocupação inicial do autor pautava-se em distinguir os Estudos Africanos dos Estudos Afro-brasileiros, tarefa com relevante teor de dificuldade, uma vez que ambos se entrelaçam e se complementam, refletindo confusão considerada comum no Brasil.⁵

Utilizando-se das fontes oficiais do Comércio e do Ministério das Relações Internacionais (MRE), o autor traçou uma cronologia da história política do Brasil com África, priorizando o contexto da ditadura militar brasileira e os acordos firmados com países do continente africano. Beltrán também dissertou sobre o nascimento dos Centros de Estudos Africanos no Brasil, problematizando as dificuldades de institucionalização do campo. Na última e maior parte de seu livro, indexou minuciosamente toda a bibliografia existente no Brasil – tanto a produzida no país quanto a traduzida para a língua portuguesa – de 1940 até 1984. A obra do cientista político espanhol constitui análise superficial do assunto, pois, apesar de ter elencado mais de 400 títulos mais de quatro décadas de bibliografia existente e disponível no Brasil sobre África, não realizou uma crítica aprofundada sobre as obras em si. Contudo, seu livro possui relevância indelével, visto que fornece uma imensa contribuição aos interessados na temática.

Já José Maria Nunes Pereira escreveu a primeira dissertação sobre o tema, intitulada *Os Estudos Africanos no Brasil e as relações com a África – um estudo de caso: o CEAA (1973 – 1986)*, defendida no departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo (USP) em 1991. Pereira comparou o desenvolvimento dos

⁵ BELTRÁN, Luís. *O Africanismo Brasileiro*. Recife: Pool, 1987, p. 17.

Estudos Africanos no Brasil concomitante ao estabelecimento de relações comerciais e diplomáticas entre Brasil e África. Devido ao seu estreito relacionamento com o Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) da Universidade Cândido Mendes/RJ, a produção bibliográfica acerca do continente africano do CEAA foi analisada pelo autor como um estudo de caso. Da mesma forma, o autor também realizou uma análise historiográfica das obras de Nina Rodrigues e seu discípulo Arthur Ramos - considerados por Pereira estudiosos da área de Estudos Afro-brasileiros⁶ -, assim como Gilberto Freyre e José Honório Rodrigues. José Maria Nunes Pereira tinha por objetivo evidenciar a contribuição destes autores para os Estudos Africanos no Brasil e as diferentes perspectivas de cada um deles.

Em 2008, Pereira retomou o tema em um artigo intitulado *Os Estudos Africanos na América Latina: Um estudo de caso. O Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA)*, no qual criticava a falta de análises sobre o desenvolvimento dos Estudos Africanos no Brasil, propondo-se a sistematizar um balanço sobre os Estudos Africanos na Inglaterra, na França, nos Estados Unidos e na América Latina, esta última apenas de forma superficial. O seu foco era o Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA), apresentando também importantes informações acerca do Centro de Estudos Afro-Orientais/UFBA, do Centro de Estudos Africanos/USP e da trajetória de seus fundadores. Além disso, o autor também debateu acerca da influência dos Estudos Afro-brasileiros, tanto na historiografia quanto no CEAA:

Outra singularidade dos estudos africanos no Brasil é facilmente verificável: a maioria dos universitários negros dedica-se aos estudos afro-brasileiros, sendo raro os especialistas em estudos africanos. Aliás, até hoje é pouco expressiva a formação de africanistas.⁷

No artigo, o autor destacava ainda a produção e as atividades do CEAA nas décadas de 1970/1980, um dos poucos trabalhos reveladores da produção deste período, mesmo que limitada a apenas um centro de pesquisa.

⁶ PEREIRA, José Maria Nunes. *Os Estudos Africanos no Brasil e as relações com a África – um estudo de caso: o CEAA (1973 – 1986)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). São Paulo: Universidade de São Paulo, 1991.

⁷ PEREIRA, José Maria Nunes. Os Estudos Africanos na América Latina: Um estudo de caso. O centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA). In: *Los estudios afroamericanos y africanos en América Latina: herencia, presencia y visiones del otro*. Córdoba; Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales e CEA-UNC, Centro de Estudios Avanzados-Universidad Nacional de Córdoba, 2008, p. 284.

Após o livro de Beltrán (1986) e a dissertação de Pereira (1991), um dos primeiros autores a refletir criticamente sobre a história da África no Brasil foi Valdemir Zamparoni, por meio do artigo *Os estudos africanos no Brasil: veredas*, publicado em 1995. Há quase 20 anos, em um período anterior a criação da Lei Federal 10.639/03⁸, o historiador criticava o currículo eurocêntrico daquele momento, quando as únicas referências à África eram acerca do Egito antigo.⁹ Zamparoni discorreu sobre a interrupção das relações brasileiras com o continente africano no findar do tráfico negreiro e o projeto de nação e nacionalidade do Brasil no período republicano.

O autor analisou a obra de Nina Rodrigues, influenciada pelas teorias raciais do século XIX, e a produção de Arthur Ramos, entusiasta de Herskovits.¹⁰ Seguiu cronologicamente tecendo críticas a Gilberto Freyre, ressaltando a contribuição da USP nas décadas de 1940 e 1950 para mudanças no estudo da escravidão e afirmando que José Honório Rodrigues foi o primeiro autor anticolonialista, na década de 1960. Zamparoni relacionou os autores ao contexto histórico em que estavam situados, traçando um paralelo entre as perspectivas teóricas e metodológicas do momento e as produções realizadas. Também dissertou sobre os Centros de Estudos Africanos no Brasil, utilizando como fontes os trabalhos de Beltrán e de José Maria Nunes Pereira, que já se destacavam no período como importantes referências acerca do tema. Ainda, mapeou algumas ações pontuais em diversos estados e universidades, procurando, no contexto da década de 1990, ressaltar os esforços dos pesquisadores sobre o assunto.

Valdemir Zamparoni voltou a refletir sobre os Estudos Africanos no Brasil em 2007, no artigo *África e os estudos africanos no Brasil: passado e futuro*,¹¹ momento em que retomou a questão de forma mais crítica, em um período pós-Lei Federal 10.639/03, tecendo uma cronologia da trajetória dos Estudos Africanos no país, contudo, sem focar nos principais pesquisadores. Sua tônica pautava-se na problematização das representações arcaicas ainda existentes sobre África, mesmo após a criação da lei e da multiplicação de cursos voltados para a temática, de monografias produzidas e de pesquisadores especializados.

⁸ A Lei Federal 10.639 de 2003 estabelece a obrigatoriedade, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

⁹ ZAMPARONI, Valdemir D. Os estudos africanos no Brasil: veredas. *Rev. Educ. Pública*, Cuiabá, v. 4, n. 5, jan./jun. 1995, p.106.

¹⁰ Melville Jean Herskovits (1895-1963), antropólogo norte-americano, foi um dos pioneiros nos estudos africanos e afro-americanos nos EUA.

¹¹ ZAMPARONI, Valdemir. África e os estudos africanos no Brasil: passado e futuro. *Cienc. Cult.* vol. 59, n. 2 São Paulo, Apr/June 2007.

O autor, utilizando fontes bibliográficas, novamente delineou uma cronologia, relacionando os Estudos Africanos com a construção de uma identidade nacional brasileira e com as relações entre o governo brasileiro e países africanos. Em ambos os artigos, é importante destacar que mesmo de forma breve e superficial, trata-se do primeiro autor a apontar o envolvimento de organizações negras (Frente Negra Brasileira e Movimento da Consciência Negra) com os Estudos Africanos no Brasil.

Nove anos após a publicação do primeiro artigo de Valdemir Zamparoni, a historiadora Beatriz Gallotti Mamigonian publicou em 2004 o artigo *África no Brasil: mapa de uma área em expansão*.¹² A autora ressaltou o trabalho pioneiro de Nina Rodrigues e as inovações de Gilberto Freyre, mas o foco do trabalho pautou-se nos estudos acerca da escravidão, em especial a rota dos escravos, o trabalho escravo e os africanos na diáspora. Na realidade, Mamigonian não analisou os Estudos Africanos no Brasil, mas sim os africanos na historiografia brasileira, dialogando, por isso, com os Estudos Afro-brasileiros e Africanos. A autora também apontou instrumentos teóricos e metodológicos para pesquisas sobre o que considerava uma área em formação no país, a de experiência africana no Brasil.

Neste mesmo ano (2004), Anderson Ribeiro Oliva também elaborou o artigo intitulado *A história da África em Perspectiva: Caminhos e descaminhos da historiografia africana e africanista*,¹³ percorrendo sobre os Estudos Africanos. A produção possui recorte temporal amplo, e recua no tempo, apontando desde a visão sobre a África na perspectiva de Heródoto e viajantes árabes até as teorias raciais do século XIX. Oliva traçou uma cronologia destes no exterior e no Brasil, mas o foco de seu trabalho envolve a História da África e o processo de consolidação desta subárea como um campo de pesquisa.

Em 2010, Leila Leite Hernandez escreveu o artigo *História da África no Brasil*, examinando de forma pontual os Estudos Africanos no Brasil. Hernandez, como outros autores, analisou criticamente a obra de Nina Rodrigues e Gilberto Freyre e o deslocamento da centralidade da raça nos trabalhos acadêmicos para a análise dos aspectos culturais.¹⁴ Contudo, a ênfase do estudo pautou-se em José Honório Rodrigues, Pierre Verger e outros autores, comparando a conjuntura internacional e sua influência

¹² MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. *África no Brasil: mapa de uma área em expansão*. *Topoi* (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 33-53, 2004.

¹³ OLIVA, Anderson Ribeiro. *A história da África em Perspectiva: Caminhos e descaminhos da historiografia africana e africanista*. *Revista Múltipla*, Brasília, 10(16): 9 – 40, junho – 2004.

¹⁴ HERNANDEZ, Leila Leite. *História da África no Brasil*. Cerrados (UnB. Impresso), v. 19, p. 231-242, 2010, p. 220.

na produção acadêmica brasileira. Para a autora, os trabalhos posteriores à década de 1990 apresentam maior diversidade de temas, fontes e metodologia, numa perspectiva mais global e do mundo atlântico.

Também em 2010, Luiza Nascimento dos Reis defendeu a dissertação de mestrado, intitulada *O centro de estudos afro-orientais da Universidade Federal da Bahia: intercâmbio acadêmico e cultural entre Brasil e África (1959-1964)*, concentrando-se na inauguração e no funcionamento do Centro de Estudos Afro-Orientais na Universidade Federal da Bahia, abordando a relação com o governo e a função de agente de diálogo com países africanos. A autora explorou a dinâmica de funcionamento do CEAO, utilizando como fonte a documentação produzida pela instituição e as correspondências oficiais de seus dirigentes.¹⁵ O trabalho de Reis não atentou especificamente para os Estudos Africanos, mas as informações da autora sobre a dinâmica de funcionamento do CEAO, o primeiro e um dos mais importantes Centros de Estudos Africanos no Brasil, são importantes para a compreensão do papel exercido por este tipo de instituição no processo de institucionalização dos estudos africanos no Brasil.

Neste mesmo ano de 2010, Gilson Brandão de Oliveira Junior escreveu a monografia *Agostinho da Silva e o CEAO: a primeira experiência institucional dos estudos africanos no Brasil*. Seu objeto de estudo também centrou-se no CEAO, mas com outro foco, realizando uma análise historiográfica dos Estudos Africanos, associada a debates que envolviam o ambiente acadêmico brasileiro em diferentes períodos, como a “questão do negro”, a formação da identidade nacional e a influência do elo brasileiro com Portugal, exercido nas mais diversas esferas.¹⁶ Além disso, Oliveira Junior analisou o pensamento e a trajetória do fundador do Centro de Estudos Afro-Orientais, o português Agostinho da Silva.

Em 2011, Marcelo Bittencourt e Sílvio Marcus de Souza Correa publicaram o artigo *África e Brasil: uma história de afastamentos e aproximações*,¹⁷ analisando a historiografia brasileira sob o prisma da “desafricanização” do Brasil, argumentando

¹⁵ REIS, Luiza Nascimento dos. *O Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia: intercâmbio acadêmico e cultural entre Brasil e África (1959-1964)*. 2010. 217 f. Dissertação (mestrado) – Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2010.

¹⁶ OLIVEIRA JUNIOR, Gilson Brandão de. *Agostinho da Silva e o CEAO: a primeira experiência institucional dos estudos africanos no Brasil*. 2010. 235f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2010, p. 14.

¹⁷ BITTENCOURT, Marcelo; CORREA, Sílvio Marcus de Souza. *África e Brasil: uma história de afastamentos e aproximações. Métis: história & cultura*. Caxias do Sul, RS: Educus, v. 10, n. 19, 2011.

como a academia brasileira constituiu papel importante no movimento simultâneo de “desafricanização” e “europeização” do país na primeira metade do século XX. Bittencourt e Correa também ponderaram sobre a reaproximação política e econômica do governo brasileiro com países africanos a partir da década de 1960, concomitante ao crescimento de produções acadêmicas brasileiras sobre África.

Um dos trabalhos mais recentes a examinar criticamente os Estudos Africanos no Brasil é a tese de doutorado de Marcia Guerra Pereira, designada *História da África, uma disciplina em construção*, de 2012. Neste trabalho, a autora avalia currículos e conteúdos de História da África em universidades, a formação dessa disciplina e desse campo de estudo. Pereira explana a ligação dos Estudos Africanos aos interesses do governo, mas também com os movimentos sociais, em especial o Movimento Negro. Através do estudo de legislações, diretrizes, editais de concursos, ementas e entrevistas, expõe o papel do Movimento Negro na institucionalização do campo, mostrando que pressões externas também contribuíram para a criação da disciplina; “[...] a História da África oferece uma oportunidade de examinar-se como as universidades respondem às mudanças políticas e desenvolvem novas disciplinas acadêmicas”.¹⁸

Os trabalhos supracitados possuem similaridades, pois ressaltam a importância de Nina Rodrigues, Gilberto Freyre, Arthur Ramos, Thales de Azevedo, Edson Carneiro no surgimento dos Estudos Africanos no Brasil. As pesquisas de Gilson Brandão de Oliveira Júnior, Luiza Nascimento dos Reis e José Maria Nunes Pereira também revelam informações sobre os Centros de Estudos Africanos das universidades brasileiras.

Os estudos mais antigos focam seus olhares principalmente nos autores que desenvolviam a temática, seu pioneirismo e contribuição, diferentemente dos mais recentes que enveredam para novas abordagens, ressaltando as representações acerca de África e diversos agentes que contribuíram para os Estudos Africanos no Brasil, para além dos cinco autores já citados. Contudo, todas estas produções realizam críticas pontuais, com recortes pequenos e restritos, sem analisar o processo mais abrangente de fundação e consolidação deste campo de estudos.

Entre 1959 e 1963 foram criados os três primeiros Centros de Estudos Africanos no Brasil, a saber: Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO) junto à Universidade Federal da Bahia (UFBA), fundado em 1959; o Instituto Brasileiro de Estudos Afro-

¹⁸ PEREIRA, Marcia Guerra. *História da África, disciplina em construção*. 2012. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). 2012, p. 23.

Asiáticos (IBEAA), fundado em 1961, e transformado em Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA) em 1973, junto à Universidade Cândido Mendes do Rio de Janeiro (UCAM); e, por fim, o Centro de Estudos e Cultura Africana junto à FFLCH/USP (1963), hoje denominado Centro de Estudos Africanos (CEA).

Todas as obras mencionadas anteriormente citam a criação destas instituições e ressaltam sua importância como um marco da institucionalização dos Estudos Africanos no Brasil. Entretanto, não abordam os encaminhamentos após o processo de institucionalização. Alguns artigos, como os de Hernandez e Mamigonian, perpassam o final de 1980 e o início dos anos 1990, momento de uma nova guinada influenciada pelo contexto internacional, este sim bastante estudado.

Carlos Lopes, John Fage e Philip Curtin,¹⁹ analisaram a construção da historiografia africana na Europa e nos Estados Unidos e apontaram alguns pressupostos de como a África é/era apresentada nas produções ocidentais e nos estudos dos próprios africanos durante décadas de interesse de nossa pesquisa.²⁰ Dessa maneira, faz-se necessário elaborar uma análise historiográfica que objetive principalmente examinar as obras produzidas nas décadas de 1960, 1970 e 1980 sobre o continente africano no Brasil. Logo, este estudo é válido na medida em que busca preencher esta lacuna na historiografia africana produzida no Brasil.

Neste sentido, o presente trabalho tem por escopo compreender o processo de introdução dos Estudos Africanos no Brasil, identificando os principais agentes e os papéis dos movimentos sociais, políticos e acadêmicos neste processo. Pretendemos também realizar uma análise quantitativa, identificando no material publicado no Brasil e escrito por brasileiros no período delimitado, quais os principais temas analisados, o perfil dos pesquisadores, recortes geográficos e temporais mais comuns.

É evidente a relevância dos Centros de Estudos Africanos da UFBA, da USP e da UCAM na institucionalização do campo, pois a partir destes espaços de produção do conhecimento, as pesquisas se institucionalizaram e puderam ser aprofundadas. Os três núcleos de pesquisa possibilitaram diálogos para intercâmbios acadêmicos e

¹⁹ FAGE, John D. A evolução da historiografia da África. In: KI-ZERBO, J. (Org.). *História Geral da África, V. 1. Metodologia e Pré-História da África*. São Paulo: Ática/UNESCO, 1982. CURTIN, Philip. Tendências recentes das pesquisas históricas africanas e contribuições à história em geral. In: KI-ZERBO, J. (Org.). *História Geral da África, V. 1. Metodologia e Pré-História da África*. São Paulo: Ática/UNESCO, 1982. LOPES, Carlos. A Pirâmide Invertida - historiografia africana feita por africanos. In *Actas do Colóquio Construção e Ensino da História da África*. Lisboa: Linopazas, 1995, p. 21-29.

²⁰ Para saber mais: BARRY, Boubacar. Reflexões sobre os discursos históricos das tradições orais em Senegâmbia. In: BARRY, Boubacar. *Senegâmbia: o desafio de uma história regional*. Salvador, SEPHIS, s/d, p. 5-34.

contribuíram para a propagação de conhecimento brasileiro sobre a África, pois até então era extremamente difícil encontrar bibliografias sobre o assunto, e quando havia, raramente tratava-se de texto em português.²¹

Em razão da importância destes centros construímos a delimitação cronológica de nossa proposta. O recorte temporal é 1959, ano de fundação do Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, o primeiro do Brasil, inaugurando um novo momento de aproximação política entre o Brasil e alguns países africanos; e termina em 1987, ano em que a primeira dissertação de mestrado na área de história, escrita no Brasil, sobre África foi defendida.

Quanto ao recorte espacial, não há uma delimitação específica neste trabalho, pois tanto nosso objeto de estudo quanto as fontes abrangem diversas regiões do Brasil, como Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo e, algumas vezes, cruzam o Atlântico, em especial quando abordam a construção de relações dos Centros de Estudos Africanos com países como Guiné-Bissau, Angola, Moçambique e Nigéria.

Para tal empreitada, a produção historiográfica do período constituiu-se como principal fonte. As revistas dos centros de estudos conformaram fontes importantes para este trabalho, uma vez que contêm não apenas artigos da época sobre o tema, como também os editoriais e as notícias que auxiliaram na compreensão do funcionamento destes núcleos de pesquisas. As monografias defendidas entre 1969 e 1987 também foram estudadas, indicando a produção acadêmica e os principais pesquisadores do período.

O ponto de partida para localizar a produção centrou atenção nos registros do *Currículo Lattes*, quando listamos um enorme volume de livros sobre África publicados por brasileiros, acadêmicos ou não, no período. Pesquisadores já falecidos ou que não possuem cadastro no sistema *Lattes*²² também foram indexados. O principal critério de busca foi a produção acadêmica, considerando também a proeminência de autores(as) que debatem pesquisas sobre África no Brasil em seus artigos.

No levantamento realizado para esta pesquisa, além de 17 monografias produzidas por brasileiros, foram localizados 37 livros dedicados ao tema, e ainda os volumes da revista *Afro-Ásia*, publicada desde 1965 pelo Centro de Estudos Afro-

²¹ OLIVA, Anderson Ribeiro. A história da África em Perspectiva. *Revista Múltipla*, Brasília, 10(16): 9 – 40, junho de 2004.

²² Este sistema é uma plataforma nacional que integra os dados de currículos dos pesquisadores de todas as áreas, grupos de pesquisas e instituições. Para maiores informações: <http://www.cnpq.br/web/portal-lattes/sobre-a-plataforma;jsessionid=8F5DE8A59EFE147A1456A2410151F0DA>

Orientais/UFBA; os da *Estudos Afro-Asiáticos*, pertencente ao Centro de Estudos Afro-Asiáticos/UCM que circula desde a década de 1970; e as edições da revista *África*, fundada em 1978 pelo Centro de Estudos Africanos/USP.

As revistas dos Centros de Estudos Africanos foram importante instrumento de divulgação de conhecimentos a respeito do continente africano, bem como permitiram diálogo entre a sociedade e a comunidade acadêmica. Examinando os textos publicados entre 1965 e 1987, destacamos duas características deste primeiro momento institucional dos Estudos Africanos no Brasil: primeira, a falta de limites específicos entre as pesquisas sobre estudos africanos e afro-brasileiros; segunda, os temas em voga no período, condizentes com as transformações políticas do continente africano.

Para trabalhar com este volume de fontes, pesquisas similares nortearam o referencial teórico metodológico, em especial as publicações de Carlos Fico e Ronald Polito, que nortearam o levantamento das fontes e o modo de análise quantitativa. Maria Helena Rolim Capelato e Eliana Regina de Freitas Dutra auxiliaram no diagnóstico qualitativo das fontes e na identificação de conceitos e tendências historiográficas nas obras analisadas. Por sua vez, Jurandir Malerba ajudou a moldar este trabalho com a ideia de “radiografia” da prática de crítica historiográfica, pretensão da presente dissertação, pois de acordo com o autor, a historiografia também possui historicidade, pois é um produto da história, logo, isto a torna objeto e fonte da história.²³

Para a análise das fontes, o contexto implica ponto de relevância. De acordo com José Costa D’assunção Barros:

A construção do “Contexto”, e eventualmente o que poderá ser entendido como uma “Recontextualização”, constitui uma etapa extremamente importante para qualquer tipo de fontes (e não apenas para as dialógicas). Em um artigo extremamente interessante, Edward Palmer Thompson (1924-1993) chama enfaticamente atenção para a necessidade de reinserir as evidências, os discursos, as práticas ou os processos examinados em seu “contexto total”.²⁴

²³ FICO, Carlos; POLITO, Roland. *A História no Brasil (1980-1989): elementos para uma avaliação historiográfica*. Ouro Preto: UFOP, 1992. CAPELATO, Maria Helena Rolim; DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Representação política: o reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir. *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas, SP: Papyrus, 2000. MALERBA, Jurandir. Notas à Margem: a crítica historiográfica no Brasil dos anos 1990. *Textos de História*, v. 10, n1/2, 2002, p. 181. MALERBA, Jurandir. *Ensaio: teoria, história e ciências sociais*. Londrina: EDUEL, 2011.

²⁴ BARROS, José Costa D’assunção. O tratamento historiográfico de fontes dialógicas. *Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia*, Ano 3, nº 4, Julho 2001, p. 14.

Diagnosticar o contexto de produção das fontes permite percebermos que o pesquisador não está isento das influências do ambiente que o cerca, e que as obras analisadas fazem parte de uma conjuntura, implicadas por diversas influências. Por isso, é importante evidenciar o lugar de enunciação dos pesquisadores, seus referenciais teóricos e os usos que fizeram/fazem da História.

A história da historiografia torna o texto histórico uma fonte de pesquisa, documento do historiador.²⁵ Todo trabalho realizado por um historiador é datado e remete a um tempo e lugar de enunciação do pesquisador. Partindo desta premissa, os textos de História também são considerados documentos históricos, pois possuem historicidade, e na história da historiografia constituem fontes a serem analisadas com a finalidade de produzir conhecimento histórico. Os usos da história, o relato de mudanças, as variações de sentidos e valores, são, portanto, um esforço de reconhecimento e análise das muitas dimensões e interpretações do passado.

A operação historiográfica ocorre através da interpretação de documentos e vestígios do passado e deve evidenciar os sentidos e a importância atribuída a estes, bem como as relações de poder em que se inserem, além de diferenciar o fato do relato, o objeto e sua representação.²⁶ Todos estes elementos (contexto histórico de produção, lugar social, problemas, noções, métodos, fontes, escrita) constituem a produção historiográfica, que se relaciona de modo particular em cada obra.

Para este trabalho, também partimos do pressuposto de que não só a produção do conhecimento, mas também sua disseminação social deve ser considerada, uma vez que as fontes analisadas (livros, monografias e revistas) são produzidas e assimiladas de formas distintas. Assim, a visão de Carlos Fico e Rolando Polito auxilia nesta questão:

Estamos entendendo, então, por historiografia, não só a análise da produção do conhecimento histórico e das condições desta produção, mas igualmente, o estudo de suas condições de reprodução, circulação, consumo e crítica. O momento da produção do conhecimento, portanto, não se confunde com o de sua disseminação social, ainda que sejam evidentes as possibilidades de ambos se relacionarem.²⁷

²⁵ BALABAN, Marcelo. Reflexões sobre história e historiografia. *História da historiografia*, número 8, abril de 2012, 217-224, p. 219.

²⁶ KARNAL, L.; TATSCH, F. G. Documento e História. A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. 1ª ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011, p. 15.

²⁷ FICO, Carlos; POLITO, Roland. *A História no Brasil (1980-1989): elementos para uma avaliação historiográfica*. Ouro Preto: UFOP, 1992, p. 19.

Esta dissertação é um exercício de fazer uma história da historiografia não pautada na totalização de verdades parciais, tampouco que produza verdades engessadas e impermeáveis. Pretendeu-se não apenas narrar ou legitimar uma história da História, mas tornar inteligíveis as formas de compreensão do passado e de pensar historicamente.²⁸ Os procedimentos teóricos e metodológicos utilizados foram flexibilizados com a finalidade de abrir distintas possibilidades de acesso ao passado.²⁹

Esta é uma das pretensões deste texto, tornar inteligíveis as formas como os intelectuais brasileiros compreendiam o continente africano e os usos da história pela academia. Deste modo, nossa narrativa histórica para este trabalho divide-se em capítulos, conforme abordagens explicativas a seguir.

No primeiro capítulo, intitulado *A Trajetória dos Estudos Africanos no Brasil*, analisamos a produção da historiografia brasileira acerca do continente africano na área de Ciências Humanas, no período de 1959 a 1987, objetivando delinear a trajetória nacional e internacional dos estudos sobre África no período proposto por esta pesquisa e identificando os principais pesquisadores, suas obras publicadas, perspectivas teóricas e abordagens metodológicas.

O segundo capítulo, *A produção Brasileira sobre África*, dedica-se a análise das obras produzidas no período deste recorte temporal. Como a produção é volumosa (37 livros, 17 monografias e mais de 20 anos de publicações das revistas dos centros de pesquisa), e nem todas as obras se encontram disponíveis, a concentração maior será em monografias, revistas e livros resultantes de produções acadêmicas. Pretendemos realizar uma análise qualitativa, identificando as principais características de cada tipo de publicação.

O terceiro e último capítulo, enunciado *Uma análise direcionada da produção brasileira sobre África*, avalia a repercussão e o alcance da produção de conhecimento sobre África no Brasil, e também pondera as obras específicas da área de História da África, enfocando principais temas e autores, bem como as correntes historiográficas que influenciaram os pesquisadores brasileiros nesta temática.

²⁸ FREIXO, Andre de Lemos. Um 'arquiteto' da historiografia brasileira: história e historiadores em José Honório Rodrigues. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 31, nº 62, p. 143-172 – 2011, p. 169.

²⁹ ARAÚJO, Valdei Lopes de. Sobre o lugar da história da historiografia como disciplina autônoma. *Locus*. Juiz de Fora, V. 12, p. 79-94, 2006, p. 91.

1 A TRAJETÓRIA DOS ESTUDOS AFRICANOS NO BRASIL

A história da África é importante para nós, brasileiros, porque ajuda a explicar-nos. Mas é importante também por seu valor próprio e porque nos faz melhor compreender o grande continente que fica em nossa fronteira leste e de onde proveio quase a metade de nossos antepassados. Não pode continuar o seu estudo afastado de nossos currículos, como se fosse matéria exótica.¹

Os Estudos Africanos nasceram a partir de diferentes contextos e compuseram distintas trajetórias ao redor do mundo. Tanto no Brasil quanto em outros lugares, sentiram transformações metodológicas ao longo do tempo, ocorridas no ambiente acadêmico e também na sociedade, por isso, estudá-las permite ampliarmos a compreensão acerca dos Estudos Africanos como um processo. Neste capítulo evidenciamos os principais pensamentos e correntes historiográficas que permearam a área, tanto no Brasil quanto no exterior, estabelecendo paralelos, conexões e apontando as diferenças do que foi produzido no país e no exterior.

1.1 O CONTEXTO NACIONAL: NINA RODRIGUES, GILBERTO FREYRE E A CRIAÇÃO DE UMA ÁFRICA NAGÔ

Em 15 de novembro de 1889, o jovem país chamado Brasil tornou-se República. Um ano antes, havia sido encerrada legalmente a escravidão, e a massiva população de escravizados e seus descendentes transformou-se em problema para a nova nação que tentava se libertar da monarquia e criar uma identidade pautada num sentimento de unidade e pertencimento, o “povo brasileiro”. Esta questão também apareceu em outros momentos da história do Brasil, como na Semana de Arte Moderna de 1922², nos anos 1930 no Governo de Getúlio Vargas e com o processo político de redemocratização dos anos 1980. José Maria Nunes Pereira enfatizou a questão da identidade nacional como preocupação em diferentes momentos de nossa trajetória:

¹ COSTA e SILVA, Alberto da. A história da África e sua importância para o Brasil. In: *Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*. 5ª. Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011, p. 240.

² A partir da Semana de Arte Moderna, novos padrões estéticos e culturais começaram a se destacar, valorizando características culturais consideradas “genuinamente” brasileiras.

A questão da identidade nacional aflorou principalmente em três grandes conjunturas históricas: a independência, em 1822; com a abolição do regime escravo e o surgimento da República, em 1888-1889; e com a Revolução de 1930. A questão da formação do povo ou da cidadania é obrigatória nesses três momentos. Após o surto indianista nos meados dos oitocentos, com a consequência da Independência, temos política de maior incentivo a imigração europeia no pós-abolição e, finalmente, no âmbito da Revolução de 1930, a reinterpretação da nação.³

Neste contexto, como “inventar” uma nação, sendo esta formada em sua maioria por africanos e seus descendentes? Como manter a hierarquia social com o fim da escravidão? Segundo Gilson Brandão de Oliveira Júnior, a solução foi construir um elo luso, “associa[ndo] o surgimento de nosso país ao contato com europeus/portugueses, supostamente responsáveis pelo seu *descobrimento* e pelo amálgama étnico que caracteriza a sua formação”.⁴ Deste modo, as raízes do Brasil foram fincadas na Europa, e nesta concepção, o Brasil nasceu devido a Portugal, sendo suas tradições e hábitos culturais advindos do velho continente.

Os pensadores Carl F. P. von Martius e Francisco Adolfo de Varnhagen,⁵ além de reforçar traços e laços europeus do Brasil, também se esforçaram em minimizar a presença africana no país e a miscigenação da população brasileira.⁶ Contudo, von Martius foi o primeiro a afirmar que os africanos eram parte da história do Brasil, mesmo que seu papel fosse considerado pequeno e inferior. Nesta conjuntura, as teorias do racismo científico alegavam a existência de distintas raças entre os homens, hierarquizando-os e inserindo o branco como mais “evoluído” na escala e o negro caracterizado unicamente em termos negativos.⁷

Este novo Brasil República foi construído com expectativas de modernidade e prosperidade, pautadas em padrões eurocêntricos. Contudo, para o sucesso no projeto de nação, era preciso saber o que fazer com a enorme população negra que manchava a proposta de ideal branco europeu da população brasileira. Para Oliveira Júnior:

³ PEREIRA, 1991, p. 37.

⁴ OLIVEIRA JUNIOR, Gilson Brandão de. *Agostinho da Silva e o CEAQ: a primeira experiência institucional dos estudos africanos no Brasil*. 2010. 235f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2010, p.14.

⁵ MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Como se deve escrever a história do Brasil*. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), 1845; VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil* (1854-1857). Madrid, Imprensa de J. del Rio, a cargo de F. Molina, R. Estrella, 7.

⁶ BITTENCOURT, Marcelo; CORREA, Sílvio Marcus de Souza. África e Brasil: uma história de afastamentos e aproximações. *Métis: história & cultura*. Caxias do Sul, RS: Educs, v. 10, nº 19, 2011, p. 8.

⁷ SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1879 – 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 82.

Somente a partir do final do século XIX os *homens de ciencia* passam a interessar-se na investigação do negro no Brasil: não por seu valor cultural e papel ativo na construção da identidade nacional, mas como um “problema” a ser transposto, para manter indelével a imagem desta “promissora” nação pretensamente branca.⁸

O primeiro homem de ciência a se dedicar ao “problema do negro”, - isto é, a função, situação, integração e desenvolvimento das populações de origem africana no país, foi Raymundo Nina Rodrigues (1862-1906), pioneiro dos Estudos Africanos no Brasil. Médico por formação e professor de Medicina Legal na Faculdade de Medicina da Bahia, Rodrigues escreveu seu famoso livro, *Africanos no Brasil*, em 1906, obra publicada apenas na década de 1930.

Marcado pelo positivismo e embebido nas teorias do racismo científico, o ineditismo do trabalho de Nina Rodrigues consistiu em recolher as memórias dos antigos africanos ainda vivos na Bahia, entendendo que conhecer as populações negras do Brasil requeria estudar a África; e principalmente, ressaltar suas especificidades, identificando diferentes etnias e grupos, na contramão do pensamento da época, que rotulava todo esse contingente simplesmente de “negros”.

O autor adotava uma perspectiva diferente, enxergando os africanos como colonos, e por isso, produtores de cultura, não como mera massa de mão de obra. Mas, na perspectiva de Rodrigues, essa colonização africana era negativa, pois a mestiçagem sinalizava perigo e atraso para o progresso e também uma ameaça à nacionalidade brasileira, que almejava uma identidade europeia.⁹ O autor defendia a existência de diferentes raças, sendo a negra inferior à branca; contudo, era contra o fenômeno da escravidão:

O critério científico da inferioridade da raça negra nada tem de comum com a revoltante exploração que dele fizeram os interesses escravagistas dos norte-americanos. Para a ciência, não é essa inferioridade mais do que um fenômeno de ordem perfeitamente natural, produto da marcha desigual do desenvolvimento filogenético da humanidade nas suas diversas divisões ou seções. “Os negros africanos”, ensina Hovelacque, “são o que são, nem melhores nem piores do que os brancos; pertencem apenas a uma outra fase de desenvolvimento intelectual e moral”.¹⁰

⁸ OLIVEIRA JUNIOR, 2010, p. 21.

⁹ RODRIGUES, Raymundo Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Madras, 2008, p. 24.

¹⁰ RODRIGUES, 2008, p. 22.

Além de identificar demográfica, cultural e religiosamente a presença africana no Brasil, e de preconizar a importância da história da África para os estudos sobre o tráfico e a escravidão, Nina Rodrigues também distinguiu, entre os africanos e seus descendentes, diferentes grupos étnicos, comparando-os e hierarquizando-os categoricamente, colocando os nagôs acima dos bantu, ewes, haussás, achantis e demais povos.

Para o estudioso, os nagôs mantiveram sua pureza cultural, percebida principalmente nos ritos de candomblé, considerados pelo autor mais sofisticados e organizados que os ritos religiosos de outros grupos. Em seu pensamento, a mestiçagem era condenável, e por isso os nagôs não deveriam se miscigenar com demais grupos africanos para preservar sua pureza. Para Arilson S. de Oliveira, “era como se o ‘arianismo’ de Nina Rodrigues fosse transportado para o povo nagô”.¹¹

O favorecimento deste grupo perante os outros, denominado por James Lorand Matory de nagocentrismo,¹² influenciou os trabalhos dos sucessores de Rodrigues. Esta influência, que caracterizou o grupo como Escola Baiana, deu-se não apenas na continuidade de hierarquização e comparação entre etnias e grupos culturais, mas também no enfoque dos trabalhos, voltados, com mais frequência à cultura nagô/sudanesa, em especial, à religiosidade praticada através do candomblé. Fernando Mourão, ao analisar a bibliografia existente sobre os dois grupos, enfatiza claramente o privilégio recebido pelos povos nagôs/iorubás/sudaneses em detrimento dos bantu.¹³

Pontual destacar a abordagem insistente em procurar uma pureza, uma essência africana na religião praticada no Brasil, vertente perigosa porque não delimita fronteiras entre os estudos sobre os africanos e seus aspectos culturais e os estudos sobre as influências culturais dos africanos no Brasil. Já citamos a preocupação de alguns autores como Luís Beltrán,¹⁴ a respeito da falta de delimitação entre o campo dos Estudos Africanos e Afro-brasileiros.

O segundo pesquisador brasileiro a se dedicar à temática foi Manuel Raimundo Quirino (1851-1923). Além de um líder abolicionista, Quirino fez registros antropológicos sobre a população africana remanescente na Bahia. Assim como Nina Rodrigues,

¹¹ OLIVEIRA, Arilson S. de. Roger Bastide e a Identidade Nagocêntrica. *Sankofa*. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, nº 2, dez./2008, p. 87.

¹² MATORY, James Lorand. *Black atlantic religions: tradition, transnationalism, and matriarchy in the Afro-Brazilian Candomblé*. New Jersey: Princeton University Press, 2005, p. 43.

¹³ MOURÃO, Fernando Augusto de Albuquerque. “Reprise” da África no Brasil. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos da USP*: São Paulo, 1 (1), 1978, p. 7.

¹⁴ BELTRÁN, Luís. *O Africanismo Brasileiro*. Recife: Pool, 1987.

caracterizava os africanos forçados a vir para o Brasil como colonos, não com a denominação de escravos. Em sua perspectiva, estes não eram bárbaros, mas populações civilizadas e aptas a trabalhos qualificados, como a mineração.¹⁵ É nítido o esforço de Quirino em ressaltar as qualidades positivas e as contribuições relevantes dos africanos e seus descendentes. O intelectual posicionava-se favorável à mestiçagem, pois acreditava que as características positivas dos africanos pudessem ser transmitidas para diferentes gerações, ao contrário do pensamento de Nina Rodrigues.

A influência de Rodrigues pode ser percebida no trabalho de seu discípulo, Arthur Ramos (1903-1949),¹⁶ também médico, mas que abandonou a perspectiva racialista de seu mestre, e por influência da obra do antropólogo norte-americano Melville J. Herskovits, aluno de Franz Boas, adotou um novo conceito de cultura e relatividade cultural. Por meio desta nova abordagem e da utilização de instrumentos metodológicos inovadores, como psicologia e etnologia, Ramos despontou nacionalmente como pesquisador.

Apesar de refutar as teorias raciais e evolucionistas, e de caracterizar a África como um mosaico cultural composto por grupos heterogêneos, o autor, assim como seu antecessor Nina Rodrigues, não conseguiu se desvencilhar da hierarquização e classificação das populações africanas, que em sua visão estavam basicamente divididas em dois grupos: sudaneses (iorubás ou nagôs e jêjes) e bantu (angolas, cabindas, benguelas, congos). Arthur Ramos se dedicava a temática da religiosidade, abarcando outros cultos além do candomblé, adentrando também no universo da psiquiatria, em diálogo com sua formação médica. Nesta área, pesquisava, em conexão com a antropologia, os “efeitos” da escravidão na população negra e os danos causados pelo racismo científico.

A escola feita por Nina Rodrigues também marcou presença nos escritos de Edison de Souza Carneiro (1912-1972), um dos primeiros pesquisadores a escrever sobre o

¹⁵QUIRINO, Manuel Raimundo. A raça africana e os seus costumes na Bahia. *Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia*. Salvador, 1916; QUIRINO, Manuel Raimundo. *O colono preto como fator da civilização brasileira*. Imprensa Oficial do Estado da Bahia, 1918. Por seu caráter de raridade bibliográfica e importância para os estudos sobre o negro brasileiro, este texto foi republicado em formato digital pela *Revista Afro-Ásia*, número 13, 1980. Disponível em: http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n13_p143.pdf.

¹⁶RAMOS, Arthur. *O Negro Brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934; RAMOS, Artur. *As Culturas Negras no Novo Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937; RAMOS, Artur. *O negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940.

Quilombo dos Palmares, e o primeiro pesquisador negro do tema. Entretanto, sua principal linha de pesquisa centrou-se nas religiosidades afro-brasileiras, em especial o candomblé.¹⁷

Carneiro dedicou-se muito a pesquisas sobre sincretismo religioso, o que, de acordo com Oliveira, era visto sob uma perspectiva negativa pelo autor, pois ameaçava a pureza da religiosidade de origem africana:

Por outro lado, para Édison Carneiro, o sincretismo representa “degeneração” sim, mas “degeneração” da africanidade, pois não foi somente com o catolicismo que se verificou a obra do sincretismo na Bahia. Mas foi o catolicismo a influência predominante. E, já agora, há mais uma modalidade inesperada de sincretismo, – a sessão de caboclo, onde predominam as práticas espíritas sobre o ritual fetichista.¹⁸

A perspectiva do autor também era nagocêntrica, pois acreditava que a religião autêntica viera ao Brasil através dos grupos iorubás, e que a pureza restringia-se a poucos terreiros de candomblé em Salvador. O nagocentrismo não pautou apenas a produção brasileira, influenciando sobremaneira pesquisas de autores estrangeiros, como Pierre Verger e Roger Bastide. Segundo Oliveira Júnior, também apresentou reflexo nas primeiras ações do Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, como por exemplo, nas diretrizes de pesquisa voltadas para o estudo do candomblé nagô e o ensino da língua iorubá.¹⁹

Um dos mais proeminentes pesquisadores na década de 1930, Gilberto Freyre (1900-1987), autor de duas obras clássicas do período: *Casa Grande & Senzala*, de 1933 e *Sobrados e Mocambos*, publicada em 1936,²⁰ sugere a mestiçagem, antes condenada, como marca característica da identidade nacional brasileira. Freyre manteve o elo luso em sua pesquisa, reforçando a importância de Portugal na constituição do Brasil, mas abriu espaço para a contribuição das populações indígenas e africanas, mesmo que em menor proporção, pois para ele o protagonismo era português e, os africanos, coadjuvantes neste contexto histórico. Gilberto Freyre entendia a mestiçagem como algo positivo, a ser incentivado, posicionamento importante para a criação do mito da democracia racial. Segundo o autor, a

¹⁷ CARNEIRO, Edison de Souza. *Negros Bantos*. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1937; CARNEIRO, Edison de Souza. *O Quilombo dos Palmares*. Editora Brasiliense: São Paulo, 1947; CARNEIRO, Edison de Souza. *Candomblés da Bahia*. Editora Museu do Estado da Bahia: Salvador, 1948; CARNEIRO, Edison de Souza. *Religiões Negras*. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1936.

¹⁸ OLIVEIRA, Arilson S. de. Roger Bastide e a Identidade Nagocêntrica. *Sankofa*. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, nº 2, dez./2008, p. 87.

¹⁹ OLIVEIRA JUNIOR, 2010, p. 123 e 124.

²⁰ FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933; FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mocambos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

miscigenação proporcionava a convivência harmoniosa das três raças que construíram o país (indígena, africana e europeia).

Em *Casa Grande & Senzala*, Freyre evidenciou a importância da obra de Franz Boas para a compreensão acerca da distinção entre raça e cultura, evidenciando a forte perspectiva culturalista da sua obra. De acordo com Leila Hernandez:

A história social da escravidão de Freyre é um campo da cultura e da interação social presente no processo da reconstrução de um discurso que parte da instabilidade econômica e de uma sedimentação social fluida, própria do processo de desagregação de um sistema escravocrata que facilitou a miscigenação. Ao ter presente a dinâmica da africanização e da desafricanização, Freyre voltou seu olhar para as mestiçagens e trocas culturais e simbólicas que costuraram as diferenças, resultando em complexas formas de adaptabilidade.²¹

A relação entre Freyre e o conceito de Franz Boas, constitui ponto polêmico, pois ele entendia raça a partir de uma perspectiva cultural, e não biológica. No ponto de vista de José Maria Nunes Pereira, Freyre distorceu o conceito de Boas, de quem foi aluno, ao generalizar e atribuir características psicológicas a cada grupo racial, pois para Franz Boas o meio social distinguia as populações, e não a raça, visto que esta inexistia.²² Esta generalização de características das populações aparece em Freyre em suas obras seguintes, sendo o português colonizador, idealizado, um herói dos trópicos. Segundo o autor, a constituição deste sujeito já seria mestiça devido a convivência com judeus e árabes e essa formação multicultural o tornava flexível e disposto a conhecer e conviver com novas culturas, as quais se sujeitavam ao seu domínio.

Nas obras posteriores de Gilberto Freyre verificamos como essa idealização do português levou a criação do conceito de luso-tropicalismo, que afirmava a flexibilidade da população portuguesa em se adaptar a outros locais, em especial aos trópicos, e que a capacidade dos homens portugueses de miscigenar e absorver trocas culturais criou uma “civilização inter-racial nascida no espaço de colonização portuguesa”.²³

Este segundo momento da produção de Freyre ocorreu a partir da década de 1950, período em que sua obra no Brasil já estava totalmente desacreditada, mas sua projeção permitiu contatos estreitos com o governo português. A convite de Portugal o autor viajou

²¹ HERNANDEZ, Leila Leite. História da África no Brasil. *Cerrados* (UnB. Impresso), v. 19, p. 231-242, 2010, p. 222.

²² PEREIRA, 1991, p. 57.

²³ PINTO, João Alberto da Costa. Gilberto Freyre e o lusotropicalismo como ideologia do colonialismo português (1951–1974). *Revista UFG*, Junho 2009, Ano XI nº 6, p. 152.

a cinco “províncias ultramarinas” portuguesas (Guiné Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique), entre 1951 a 1952, resultando na publicação de dois livros: *Aventura e Rotina* (1953) e *Um brasileiro em Terras Portuguesas* (1953). Para Pereira:

Neles, ao mesmo tempo, o luso-tropicalismo é aplicado ao particular das colônias portuguesas e ao contexto do início dos anos 50, tendo se constituído num instrumento de propaganda extremamente eficaz nas mãos do colonialismo português, em especial através de seus representantes na ONU, após o início das guerras de independência das colônias portuguesas na África, em 1961. Angola, por exemplo, é apresentada como um “futuro Brasil”, desde que fosse dado tempo ao colonialismo português para realizar essa transformação.²⁴

Estas duas publicações de Freyre foram e são severamente criticadas, tanto no Brasil quanto no exterior, por seu caráter explicitamente parcial e enaltecedor do império português ultramarino, em um contexto de denúncias contra a exploração portuguesa e a luta pela independência das colônias africanas. Mas, ambas representam um marco, pois trata-se da primeira produção brasileira que aborda exclusivamente a África contemporânea, mesmo não proporcionando aos africanos a posição de protagonistas, lugar que, para Freyre, pertencia aos portugueses.

Nina Rodrigues escreveu sua obra no começo do século XX, material publicado somente em 1933, mesma década em que Arthur Ramos, Edison Carneiro e Gilberto Freyre publicaram seus trabalhos. Como explicitamos anteriormente, em alguns momentos a questão da identidade nacional foi uma preocupação para o governo, e na década de 1930, o golpe de Estado que colocou Getúlio Vargas na presidência do Brasil, trouxe novamente o assunto à tona.

Novas perspectivas apontadas pelos supracitados autores e eventos como o 1º Congresso Afro-Brasileiro, realizado em 1934, em Recife (organizado por Gilberto Freyre) e o 2º Congresso Afro-Brasileiro, que ocorreu em 1937 na Bahia (organizado por Edison Carneiro e Arthur Ramos), contribuíram para o aumento das pesquisas e o destaque dado ao tema. Estes dois Congressos tomaram demasiada importância, por influenciarem as pesquisas desenvolvidas nos Centros de Estudos Africanos, em especial no CEAO; e, pela primeira vez congregaram a academia e as comunidades religiosas de origem africana, união esta que se manteve nos cursos de línguas africanas ofertadas pelo Centro, em especial o iorubá.

²⁴ PEREIRA, 1991, p. 54.

Cabe ressaltar que estes autores da década de 1930 pesquisaram e escreveram ainda sobre um viés racista. A questão da mestiçagem, com Nina Rodrigues em 1906, considerada um problema, na década de 1930 se tornou a solução para a identidade nacional brasileira, consolidando o imaginário da democracia racial cunhada por Freyre. Zamparoni afirma que, para Rodrigues, Carneiro e Ramos:

África surge não como constituindo um objeto próprio de estudo, com sua especificidade e historicidade, mas como complemento à compreensão da dita "questão negra", como uma ferramenta para o entendimento e elaboração de uma imagem de povo, para a formação do caráter nacional brasileiro.²⁵

Sendo assim, apesar das mudanças na abordagem e na metodologia desde Rodrigues até Freyre, a questão da mestiçagem enfatizava a centralidade da raça, assim como o “problema do negro”, neste primeiro momento dos Estudos Africanos no Brasil.

1.2 DÉCADA DE 1960: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DOS ESTUDOS AFRICANOS NO BRASIL

Durante as décadas de 1940 e 1950, Gilberto Freyre manteve laços com o governo de Portugal. Neste contexto, o colonialismo português relutava em abdicar e conceder independência a suas colônias africanas, e o Brasil se mantinha diplomaticamente alinhado às ações lusitanas.

Na academia, perdeu-se o interesse pelos africanos, e o foco enveredou-se para os estudos sobre “o negro” e as relações raciais. Beatriz Mamigonian pontua que “aos poucos, o interesse pelos africanos de primeira geração se transferiu para os ‘negros’ em geral e se diluiu em tais investigações de uma ‘cultura negra’ genérica”.²⁶

A produção de destaque ocorreu através da nova geração da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, integrada pelos discípulos de Roger Bastide: Florestan Fernandes, Otávio Ianni, Fernando Henrique Cardoso e outros. Os estudos afro-brasileiros dominaram o cenário nacional principalmente com a temática

²⁵ ZAMPARONI, Valdemir D. Os estudos africanos no Brasil. *Veredas: Rev. Educ. Pública*, Cuiabá, v. 4, n. 5, jan./jun. 1995, p. 13.

²⁶ MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. África no Brasil: mapa de uma área em expansão. *Topoi* (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 5, n.9, p. 33-53, 2004, p. 35.

da escravidão, a partir de análises estruturais de aspectos econômicos e políticos do tráfico e da escravidão.²⁷ Pesquisas sobre as práticas religiosas afro-brasileiras, em geral de cunho etnográfico, também prevaleceram no cenário.²⁸

Alberto da Costa e Silva²⁹ avalia que, em finais da década de 1950 e início de 1960, três livros recolocaram o continente africano em evidência no ambiente acadêmico brasileiro: *O Brasil e o mundo ázio-africano*, de Adolpho Justo Bezerra de Menezes (1956); *África: colonos e cúmplices*, de Eduardo Portella (1961); e *Brasil e África: outro horizonte – volumes 01 e 02*, de José Honório Rodrigues (1964, 1ª edição 1961).

Adolpho Justo Bezerra de Menezes era formado em Ciências Jurídicas e Sociais e tornou-se diplomata de carreira, sendo seu livro voltado para o campo diplomático, o que caracteriza sua escrita menos preocupada com o tratamento e a análise de fontes do que o trabalho do historiador. Como fonte, o autor utiliza poucas referências bibliográficas, não indicando os documentos históricos utilizados para contextualizar a situação política dos países africanos e asiáticos abordados.

Menezes examinou questões atuais da década de 1950, momento da independência de diversos países africanos (Líbia, Marrocos, Tunísia, Costa do Marfim, Gana, Guiné, Sudão) e ponderou que estes ocupariam papéis relevantes no futuro e, por isso, mereciam atenção do Brasil. O estudioso também teceu críticas ao governo brasileiro, que, em sua opinião, deveria se estabelecer como liderança dos novos Estados e criar uma política externa inovadora, contrária ao colonialismo.³⁰

Eduardo Portella escreveu seu livro *África: colonos e cúmplices*, em tom de crítica mais dura do que Menezes, fazendo sérias acusações ao descaso do Ministério das Relações Exteriores em projetar uma política para os países africanos, atitude do MRE que denomina de racista e conservadora.³¹ O baiano Portella era crítico literário e ligado ao candomblé, tendo atuado como coordenador do Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos – IBEEA, fundado em 1961, ano de publicação de sua obra.

Dos três livros, o de Rodrigues obteve maior notoriedade. Único historiador de ofício dentre os três, tinha concepções claramente anticolonialistas. O autor aborda 400 anos de relação entre o Brasil e o continente africano, desde a escravidão até a posição

²⁷ HERNANDEZ, 2010, p. 224.

²⁸ MAMIGONIAN, 2004, p. 35.

²⁹ COSTA E SILVA, 2011.

³⁰ MENEZES, Adolpho Justo Bezerra. *O Brasil e o Mundo Ázio-africano*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 2ª edição, 1960, p. 229.

³¹ PORTELLA, Eduardo. *África: colonos e cúmplices*. Rio de Janeiro: Prado, 1961, p. 137.

brasileira perante a ONU nas questões do colonialismo português, a qual critica veementemente, e utiliza como fontes uma ampla documentação, desde documentos oficiais do Brasil Colônia e do Ministério das Relações Exteriores do século XX, até entrevistas e publicações estrangeiras.

Diferentemente de Gilberto Freyre, José Honório Rodrigues defendeu que a contribuição africana foi consideravelmente maior que a portuguesa para a constituição do Brasil. Para Rodrigues, o projeto de miscigenação, ao falhar em África e ser bem sucedido no Brasil, demonstrou ser necessário mais do que a pré-disposição portuguesa para a vida nos trópicos, como romantizou Freyre. O sucesso da miscigenação racial brasileira, em sua perspectiva, atribuía-se à escravidão, criadora de uma conjuntura social na qual as mulheres negras, demograficamente em maior número do que as mulheres brancas, eram submetidas à violência sexual por homens portugueses, gerando filhos considerados mestiços. Deste modo, a miscigenação ocorria sem nenhuma “glória” ao espírito aventureiro português, como era defendida por Freyre.³²

Rodrigues apresentou sua obra publicada em três edições (1961, 1964 e 1982), ampliadas e revisadas constantemente, atualizando assim os desdobramentos das independências das colônias africanas e do posicionamento do Brasil perante estas. Os livros de Rodrigues, Portella e Menezes marcaram o início da grande euforia que envolveu e propiciou o processo de institucionalização dos Estudos Africanos no Brasil na década de 1960. Ressaltamos que a institucionalização dessa área de estudos ocorreu no Brasil neste momento, a partir de dois fatores: o interesse do Governo Jânio Quadros pelas independências africanas e a fundação de três centros de estudos africanos no Brasil.

O ano de 1960 foi nomeado pela UNESCO como “ano da África”,³³ marcado pela independência de 17 países africanos. Estas transformações em África foram amplamente divulgadas na imprensa brasileira, conduzindo diversos intelectuais a voltarem seus olhares para o continente. Como afirma Jerry D`Avila, só com o processo de “descolonização africano é que os intelectuais brasileiros se apressaram para atravessar o Atlântico. A descolonização passou a ser o centro das atenções de uma geração de nacionalistas

³² RODRIGUES, José Honório Rodrigues. *Brasil e África: outro horizonte*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964, 2ª edição, p. 55.

³³ PEREIRA, 1991, p. 84.

culturais e econômicos.”³⁴ Apesar da importância dada pela UNESCO, naquele momento, a África ainda não era uma das prioridades da agenda internacional do Brasil.

Então, nesse contexto, e com a posse do presidente Jânio Quadros, em 1961, o governo brasileiro passou a aproximar-se do continente africano, período de criação dos já citados, primeiros centros de pesquisa sobre África e Ásia em três importantes universidades brasileiras.

Para Pereira, além do contexto político evidenciando o continente africano, um dos motivos da criação dos Centros foi o envolvimento prévio, mas não necessariamente acadêmico, de seus fundadores com os países africanos, principalmente Angola e Nigéria.³⁵ Além disso, produções como as de Nina Rodrigues e a Escola Baiana, e eventos como os Congressos Afro-Brasileiros, reforçavam a influência do nagocentrismo e dos terreiros de candomblé. Por isso, não se trata de coincidência a Bahia ser local da fundação do primeiro Centro de Estudos Africanos, o CEAO/UFBA, haja vista conformar o estado com os terreiros mais expressivos; Salvador, a cidade com a maior população negra do país e também o expressivo número de pesquisadores interessados no tema.³⁶

Este Centro de pesquisa foi criado por Agostinho da Silva, filósofo português exilado no Brasil desde 1944, em razão das perseguições sofridas pelo regime ditatorial de Salazar.³⁷ Antes de dirigir o CEAO, atuou como conselheiro do presidente Jânio Quadros nos assuntos africanos do MRE.³⁸ O apoio da UNESCO e do então reitor da Universidade Federal da Bahia, Edgar Rego dos Santos, foi fundamental para o surgimento do Centro e para garantir apoio institucional e financeiro, adotando a denominação Estudos Afro-Orientais já no ato de sua fundação.³⁹ Em razão da influência dos terreiros de candomblé, surgiram no CEAO diversas pesquisas com foco religioso nagocêntrico e também cursos de língua iorubá. A instituição foi também pioneira na intermediação da cooperação do Brasil com África, enviando pesquisadores e recebendo alunos africanos no primeiro programa deste estilo criado pelo governo federal na gestão de Jânio Quadros (1961).

³⁴ D'ÁVILA, *Hotel Trópico: O Brasil e o desafio da descolonização africana, 1950 – 1980*. São Paulo: Paz e Terra, 2011, p. 14.

³⁵ PEREIRA, 1991, p. 83.

³⁶ REIS, 2010, p. 18.

³⁷ D'ÁVILA, 2011, p. 36.

³⁸ PEREIRA, 2008.

³⁹ OLIVEIRA JUNIOR, 2010, p. 117.

Por sua vez, o IBEEA, instituído em 1961 como um órgão diretamente ligado à presidência, foi um projeto idealizado por Cândido Mendes,⁴⁰ Chefe da Assessoria Internacional da Presidência de Jânio Quadros na época de fundação do Instituto. O IBEEA localizava-se no Ministério da Educação, dentro do Palácio Capanema, no Rio de Janeiro, subordinado diretamente à presidência. Segundo Pereira, após o golpe civil-militar de 1964, esta assessoria passou a ser comandada pelo Itamaraty, extinguindo-se no mesmo ano.

Em 1973 Cândido Mendes retomou o projeto do Instituto, porém em novos moldes, a partir de então vinculado à Universidade Cândido Mendes, chamando-se Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA), movimento auxiliado por José Maria Nunes Pereira, empossado diretor-assistente do CEAA. A relação de Pereira com África data do início de sua formação nas universidades do Porto e de Coimbra, em Portugal, onde militava pela independência das colônias portuguesas.⁴¹

Em sua primeira fase, a meta principal era colaborar com o Itamaraty no desenvolvimento de relações culturais com África e Ásia. Contudo, a dinamicidade inicial foi sufocada pelas novas diretrizes da ditadura civil-militar. Posteriormente, já transformado em CEAA, ofereceu cursos e disseminou informações sobre o continente africano através de sua revista, denominada *Estudos Afro-Asiáticos*. As pesquisas, cursos e publicações inicialmente possuíam temas introdutórios como *Apartheid*, colonialismo, lutas de libertação, racismo, dentre outras temáticas afins. No decorrer dos anos os assuntos abordados se modificaram abrangendo questões de política externa brasileira e relações com África. Com apoio de financiamentos externos às Universidades, pesquisas de campo foram realizadas no continente africano e a revista do CEAA tornou-se referência consolidada, ganhando circulação internacional.⁴²

Já o Centro de Estudos Africanos (CEA) da USP, fundado em 1965 por Fernando Augusto Albuquerque Mourão e Ruy Galvão de Andrada Coelho, estava vinculado, inicialmente, ao departamento de Sociologia, denominado de Centro de Estudos e Cultura Africana. Em 1968, integrou-se à universidade, para além da representação que possuía

⁴⁰ Cândido Antônio José Francisco Mendes de Almeida nasceu no Rio de Janeiro, em 1928, e advém de uma família com títulos de nobreza ligados ao Vaticano. A família Mendes de Almeida criou no Rio de Janeiro, em 1906, a Escola Técnica de Comércio Cândido Mendes, que em 1919 abriu seu primeiro curso de ensino superior e desde então foi se expandindo até tornar-se uma universidade na década de 1960.

⁴¹ PEREIRA, 1991, p. 85.

⁴² PEREIRA, 1991, p. 107.

dentro do departamento de Sociologia, tornando-se interdisciplinar e interdepartamental, momento em que passou a ser denominado Centro de Estudos Africanos.

Mourão escreveu a primeira dissertação de mestrado brasileira sobre África, intitulada *A sociedade angolana através da literatura: a Luanda na obra de Castro Soromenho*, defendida em 1969 no departamento de Sociologia, e orientada por Ruy Coelho, que o auxiliou a fundar o CEA. O interesse do autor por África era anterior a sua trajetória na USP, surgindo no período de estudos e formação em Portugal na década de 1950, quando os movimentos de libertação dos países africanos de expressão portuguesa eram o principal acontecimento e preocupação de Portugal.

O entrelaçamento de Mourão com as propostas de independência implicou em perseguição política do governo de Salazar, tendo conseguido retornar ao Brasil apenas com auxílio do governo de Juscelino Kubitschek. A partir da década de 1970, o autor colaborou na gestão diplomática do Itamaraty, viajando com delegações governamentais brasileiras para África, como por exemplo, na ida ao Festival de Arte e Cultura Africana (FESTAC) na Nigéria, em 1977.⁴³

O CEA, através das grades disciplinares de vários departamentos do Centro Interdepartamental/Intraunidade da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, desde sua fundação ofereceu diversos cursos, recebendo grande fluxo de alunos africanos. A importância do CEA pode ser percebida pela grande produção acadêmica, sendo o centro de estudos africanos brasileiro com maior produção de teses e dissertações sobre África.

A década de 1960 representou um novo e notável momento para os estudos africanos no Brasil, período de institucionalização, a partir da criação dos primeiros centros de estudos dedicados ao tema, um marco devido ao reconhecimento acadêmico obtido com a oficialização e a existência legal dentro das universidades às quais se vincularam, garantindo estrutura oficial e acadêmica para pesquisas antes esporádicas.

Além disso, o destaque propiciado pelas independências de diversos países africanos colocou o continente em pauta tanto na academia quanto na política. Naqueles primeiros anos pós-Independência, o governo brasileiro preocupou-se em criar embaixadas e estabelecer relações comerciais e diplomáticas com África. O enfoque ultrapassou o interesse de universidades e do governo, pois, de acordo com Bittencourt e Correa, “esse

⁴³ PEREIRA, 2008.

interesse pela África não foi somente acadêmico. Entre artistas, escritores e estudiosos da cultura brasileira, houve uma busca consciente pela África”.⁴⁴

Infelizmente, a grande euforia da primeira metade da década de 1960 foi sufocada pelos anos iniciais do golpe civil-militar, que encerrou os projetos encaminhados por Jânio Quadros em relação ao continente africano. As novas diretrizes políticas refletiram diretamente nos centros de estudos africanos, cujos recursos pagos pelo governo foram suspensos, em especial do Ministério das Relações Exteriores e da Educação. O fechamento do IBEAA, ainda em 1964, representou as medidas tomadas pelos tempos sombrios da ditadura brasileira.

Outro duro golpe sofrido foi a Reforma Universitária de 1968,⁴⁵ quando se extinguiu o sistema de cátedras nas universidades públicas do Brasil, sendo substituídos por departamentos. Deste modo, laboratórios e centros de pesquisa, antes interdisciplinares, foram esvaziados com a realocação dos professores em distintos setores. De acordo com Márcia Guerra, a sociedade acadêmica ansiava pela reforma, uma vez que:

A seriedade do perfil acadêmico da Cátedra granjeava o reconhecimento do seu trabalho junto aos estudantes que, além de assistirem as aulas também compareciam às palestras e seminários organizados pelo grupo. As prerrogativas constitucionais asseguradas à Cátedra permitiam que ela pudesse desenvolver seu trabalho com tranquilidade, desde que este não viesse a conflitar com as especialidades dos outros catedráticos. Este mesmo reconhecimento tornou as limitações impostas pela estrutura universitária de então, impossíveis de serem seguidas à risca e, cada vez maior a pressão para que fossem ultrapassadas as barreiras.⁴⁶

Deste modo, as cátedras em história foram substituídas pela divisão quadripartite francesa: Antiga, Medieval, Moderna e Contemporânea, permitindo que temas como História do Brasil ou História da África fossem abordados por diferentes professores, em distintos contextos e enfoques, para além do catedrático. Por outro lado, esta divisão eurocêntrica automaticamente excluía a História da África do currículo, tornando-se uma opção do professor inserir o tema em sua disciplina e abordagem ou não.

⁴⁴ BITTENCOURT; CORREA, 2011, p. 12.

⁴⁵ PEREIRA, Marcia Guerra. *História da África, disciplina em construção*. 2012. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: História, Política, Sociedade. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012, p. 66.

⁴⁶ PEREIRA, 2012, p. 94.

1.3 MOVIMENTO NEGRO E AFROCENTRISMO NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980

O Movimento Negro Unificado, desde sua fundação, na década de 1970, apresentou constante preocupação com a educação, inserindo o tema em pauta e uma agenda de encontros, fóruns e seminários específicos para debater o assunto.⁴⁷ Neste período, o Movimento Negro ganhou força junto aos demais movimentos sociais reprimidos pela ditadura que começaram a lentamente se reorganizar/reestruturar. E, além disso, acontecimentos internacionais, como os movimentos de libertação de países africanos e a luta pelos direitos civis nos EUA contribuíram para o impulso do movimento.⁴⁸

A década de 1970, no Brasil, propiciou um momento marcadamente diverso, influenciado principalmente pelo fato de que as forças democráticas, após anos de exceção imposta pelos governos militares, começavam a se articular no país. A sociedade civil organizada se fazia presente na cena da redemocratização. Assim, movimentos sociais, tais como o feminista, sindical e o negro, passaram a dar voz, mais audível, às suas demandas. Era o período das insurgências populares contra a ausência de democracia.⁴⁹

Neste contexto de renovação, surgiram na década de 1970 diversas organizações de luta contra o racismo, denominadas Movimento Negro, nos mais variados estados do país como Bahia, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e São Paulo. No Rio de Janeiro, uma das grandes organizações foi a Sociedade de Intercâmbio Brasil África (SINBA), fundada em 1974; a mais conhecida de todas, criada em 7 de julho de 1978 em São Paulo, foi o Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial, em seguida renomeado de Movimento Negro Unificado. Na agenda, a principal demanda e objetivo era o combate ao racismo e à discriminação racial, perspectiva alinhada à pauta de âmbito mundial.

Consideramos válido enfatizar que, para o conceito de Movimento Negro, diversas definições plausíveis podem ser utilizadas, constituindo a de Regina Pahim Pinto uma das possíveis, a partir da qual compreende-se que:

⁴⁷ CARDOSO, Marcos. *O movimento negro em Belo Horizonte: 1978-1998*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2. Ed., 2011, p. 55.

⁴⁸ PINTO, Regina Pahim. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. Ponta Grossa: Editora UEPG; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2013, p. 319.

⁴⁹ SILVA, Joselina. Jornal SINBA: a África na construção identitária brasileira dos anos setenta. In: PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da. (Orgs.) *O Movimento Negro Brasileiro: escritos sobre os sentidos da democracia e justiça social no Brasil*. Belo Horizonte: Nandyala, 2009, p. 185.

Configura-se como movimento negro o conjunto das iniciativas de natureza política (*strictu sensu*), cultural, educacional ou de qualquer outro tipo que o negro vem tomando, com o objetivo deliberado de lutar pela população negra e de se impor enquanto grupo étnico na sociedade, independentemente da estratégia utilizada nessa luta.⁵⁰

No entendimento de Karin Sant'Anna Kössling, o Movimento Negro (MN) recebeu diversas influências internacionais que motivaram e moldaram o modo de conduzir o combate ao racismo no Brasil.⁵¹ Até o final da década de 1970, a agenda do movimento era voltada para as lutas de libertação dos países de expressão portuguesa, tendo Amílcar Cabral como grande liderança, e seus textos como referência para grupo de discussões. O MN estadunidense e as lutas pelos direitos civis conformaram referência para os brasileiros a partir de 1980, assim como suas principais lideranças: Panteras Negras, Malcolm X, Martin Luther King, Angela Davis, etc.

O Pan-africanismo, o movimento da Negritude e as lutas pela independência dos países africanos também influenciaram o MN, tornando-se pauta de reuniões, congressos e protestos no Brasil. Como afirma José Maria Nunes Pereira, um dos fundadores do CEEA/UCAM: “nesse ambiente político, ideologias como o pan-africanismo e a negritude bem como o anti-imperialismo terceiro-mundista eram pertinentes para os africanos e para nós”.⁵² Hédio da Silva Júnior pondera a existência de três correntes de pensamento que influenciavam o MN naquele momento:

Podemos identificar três matizes de pensamento no discurso da geração que se engaja no movimento negro nos anos 1970 e 80. [...] Você tem o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos, que sempre mobilizou a atenção da militância; você tem as lutas independentistas no continente africano, sobretudo, até pela facilidade da proximidade linguística, nos países lusófonos, notadamente Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau. E, por fim, o movimento pela *negritude*, que a rigor sempre foi um movimento literário na verdade, um movimento cultural de intelectuais de África e das Antilhas que se encontram em Paris nos anos 30 do século passado e que vão formular ideias a respeito do que seria ocidentalismo e orientalismo na perspectiva africana, nos valores africanos.⁵³

⁵⁰ PINTO, Regina Pahim. *O Movimento Negro em São Paulo: luta e identidade*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 1993, p. 31.

⁵¹ KÖSSLING, Karin Sant'Anna. Olhares sobre a África: temas dos movimentos negros brasileiros sob vigilância do DEOPS-SP (1964-1983). *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 30, nº 1/2/3, Jan-Dez 2008, p. 133.

⁵² PEREIRA, 2008, p. 288.

⁵³ SILVA JÚNIOR, Hédio. Entrevista concedida ao CPDOC. In: ALBERTI, Vera; PEREIRA, Amílcar Araujo (Org). *Histórias do Movimento Negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Pallas, 2007, p. 69.

A luta pelos direitos civis estadunidenses influenciou sobremaneira o pensamento e a formação dos militantes.⁵⁴ Contudo, de acordo com Kössling, o movimento da Negritude também foi fundamental na formação do pensamento da militância afro-brasileira:

[...] os militantes apropriaram-se da denominação “negritude” tanto em seus discursos quanto em suas produções literárias, mesmo os que não seguiam as formas apresentadas nos movimentos dos africanos em Paris ou nas Antilhas. A “negritude” no Brasil visava à (re)leitura das heranças culturais de origem africana e às qualificações sociopolíticas positivas de se assumir como afro-brasileiro.⁵⁵

Culturalmente, o momento também evidenciou destaques com a *soul music*, os bailes *Black*, o Olodum, a estética do cabelo *black power*, os grupos de teatro e a tentativa de resgate cultural da *Mama África*, ou seja, do continente africano como lugar das raízes, onde os militantes foram a procura de novos referenciais culturais. De acordo com Vera Alberti e Amilcar Pereira, estas manifestações culturais e artísticas objetivavam a elevação da autoestima das populações negras, além de despertá-las para a luta antirracista no Brasil.⁵⁶

A herança africana do Brasil pretendia ser resgatada pelo Movimento negro como instrumento de combate ao racismo e valorização do “ser negro” no país. Por isso, além da adoção de valores estéticos negros, heróis africanos ou de descendência africana tornaram-se símbolos importantes, e seus pensadores e filósofos lidos avidamente. Leopold Senghor, Frantz Fanon, Agostinho da Silva, Amilcar Cabral, Samora Machel, Malcolm X, Angela Davis e Marthin Luther King transformaram-se em referência, sendo estudados tanto nas reuniões do MN quanto na academia.⁵⁷ Diversos setores do movimento, como o Centro de Cultura Negra no Maranhão, organizavam reuniões periódicas para leitura e discussão destes autores mencionados.⁵⁸

⁵⁴ ALBERTI, Vera; PEREIRA, Amilcar Araujo. Qual África? Significados da África para o movimento negro no Brasil. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n 39, jan-jun de 2007, p. 32.

⁵⁵ KÖSSLING, Karin Sant’Anna. Olhares sobre a África: temas dos movimentos negros brasileiros sob vigilância do DEOPS-SP (1964-1983). *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 30, n 1/2/3, Jan-Dez 2008, p. 137.

⁵⁶ ALBERTI, Vera; PEREIRA, Amilcar Araujo. *Movimento negro e “democracia racial” no Brasil: entrevistas com lideranças do movimento negro*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005, p. 12.

⁵⁷ ALBERTI; PEREIRA, 2007, p. 29.

⁵⁸ ALBERTI; PEREIRA, 2005, p. 7.

Muitos destes militantes, como Fábio Leite⁵⁹, Júlio Braga Santana⁶⁰ e Rafael Sanzio Araújo dos Anjos⁶¹, estudiosos do Pan-africanismo e da Negritude, adaptando as filosofias para o contexto brasileiro, também estavam inseridos nas universidades, nos centros de estudos africanos, momento em que publicaram artigos e livros sobre África. O Centro de Estudos Afro-Asiáticos da Universidade Cândido Mendes abrigou muitas discussões acadêmicas com integrantes do movimento negro em suas reuniões semanais aos sábados, chegando a envolver 80 pessoas.⁶² Esta participação do Movimento Negro no CEEA também é refletida nas publicações da *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, que durante este período pautou-se em temas voltados para as independências dos países africanos e questões do terceiro mundo.⁶³

Os primeiros estudos sobre África surgiram no início do século XIX, tendo por base uma estrutura colonialista, que justificava a exploração do continente e de seus habitantes pelos europeus, permeada pelos ideais do racismo científico,⁶⁴ crendo na existência de diferentes raças entre os seres humanos e cuja escala evolutiva inseria os africanos no último grau hierárquico.⁶⁵ Os europeus consideravam os africanos inferiores, incapazes de possuir e/ou produzir sua própria história. Diversos historiadores e intelectuais do período reforçavam este pensamento, pois para a historiografia do momento, apenas os documentos escritos eram considerados fonte histórica. As populações ao sul do Saara, por não possuírem códigos alfabéticos, receberam o carimbo de ausência de história. Entre os principais pensadores desta corrente encontra-se Hegel (1770 – 1831). Segundo Fage, Hegel afirmava que:

⁵⁹ LEITE, Fábio Rubens da Rocha. *A questão ancestral: Notas sobre ancestrais e instituições ancestrais em sociedades africanas – Ioruba, Agni e Senufo*. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 1982.

⁶⁰ SANTANA, Julio Braga. *Le jeu de Búzios dans le Candomblé de Bahia: étude sur la divination dans les cultes Afro-bresiliens*. 1977. Tese (Doutorado em Antropologia) - Université Nationale du Zaïre. Kinshasa, 1977.

⁶¹ ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. *A Utilização dos Recursos da Cartografia Conduzida para uma África Desmistificada*. In: Editora da Universidade de Brasília. (Org.). *Humanidades - Retratos da África*. Brasília - DF: Editora UnB, 1989, v. 22, p. 12-32.

⁶² ALBERTI; PEREIRA, 2007, p. 142.

⁶³ As questões trabalhadas nas revistas são discutidas no terceiro capítulo desta dissertação.

⁶⁴ Maiores informações sobre as doutrinas raciais do século XX em: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil: 1879 – 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

⁶⁵ HERNANDEZ, Leila Leite. *O Olhar imperial e a invenção da África*. In: *A África na sala de aula: visita a história contemporânea*. Belo Horizonte: Selo Negro, 2005, p. 17-44.

“A África não é um continente histórico; ela não demonstra nem mudança nem desenvolvimento”. Os povos negros “são incapazes de se desenvolver e de receber uma educação. Eles sempre foram tal como os vemos hoje”.⁶⁶

Deste modo, os escritos de viajantes e aventureiros se impregnaram deste viés. Dentre os mais famosos podemos citar os relatos de Richard Burton, Hugh Clapperton, Gustav Nachtigal, John Speke, John e Richard Lander e Noel Baudin,⁶⁷ componentes de uma corrente em vigência até meados da segunda metade do século XX.

No Brasil, o racismo científico também influenciou pesquisadores. O primeiro trabalho sobre África realizado no Brasil, publicado em 1932, de autoria de Nina Rodrigues, é um exemplo de pesquisa permeada por uma visão negativa dos africanos e pelo racismo científico. As obras *Difícil África Negra* e *Made in África*, respectivamente de Mario Neme e de Luis da Câmara Cascudo também são influenciadas por essa perspectiva. Ambos escreveram já na década de 1960, e conduziram uma narrativa menos imbuída do racismo científico, mas constantemente caracterizavam as populações africanas de forma negativa.⁶⁸

Nas décadas de 1950, 1960 e 1970, mais de 40 países africanos tornaram-se independentes. Este contexto acarretou mudanças profundas no continente, que se estenderam para o modo da historiografia enxergá-lo. De acordo com Oliva:

A fragmentação política do continente forçava a construção de histórias nacionais para cada região “inventada” pelos europeus e reinventada pelos africanos. De uma forma geral, a independência criou, por parte de uma nova elite política e intelectual, a necessidade da elaboração das identidades africanas dentro do continente e desse perante o mundo. Para isso, era imprescindível retornar ao passado em busca de elementos legitimadores da nova realidade e encontrar heróis fundadores e feitos maravilhosos dos novos países africanos e da própria África. Por essa visão, o continente possuiria uma história tão rica e diversificada quanto a europeia.⁶⁹

Nesta conjuntura, historiadores africanos como Joseph Ki-Zerbo e Cheick Anta Diop se dedicaram a escrever a partir de uma nova perspectiva, pautada no ideal de que a História da África possui grandes civilizações e seus próprios heróis, muito além dos

⁶⁶ FAGE, John D. A evolução da historiografia da África. In: KI-ZERBO, J. (Org.). *História Geral da África*, V. 1. Metodologia e Pré-História da África. São Paulo: Ática: UNESCO, 1982, p. 8.

⁶⁷ OLIVA, Anderson. A História da África em perspectiva: Caminhos e descaminhos da historiografia africana e africanista. *Revista Múltipla*, Brasília: Ano IX - vol. 10 – nº 16, Junho de 2004, p. 17.

⁶⁸ NEME, Mario. *Difícil África Negra*. São Paulo: Coliseu, 1966; CASCUDO, Luis da Câmara. *Made in África*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

⁶⁹ OLIVA, 2004, p. 24.

marcos da chegada dos europeus ao continente.⁷⁰ Em simetria com o Pan-Africanismo, pretendeu-se elaborar a história de todo o continente, buscando encontrar uma identidade comum aos africanos.

Esta geração trouxe grandes contribuições para a consolidação da História da África como campo legítimo de produção de conhecimento, como a coleção de 8 volumes da História Geral da África, lançada no início da década de 1980, um dos primeiros trabalhos contemporâneos acerca da África subsaariana. Neste contexto, surgiram os primeiros trabalhos com fontes orais, como o do guineense Djbril Tamsir Niane, por exemplo, que escreveu um capítulo sobre o Mali para a Coleção História Geral da África.⁷¹

O trabalho de Jan Vansina⁷², historiador belga, teve um papel fundamental no desenvolvimento de uma metodologia para a credibilidade do uso das fontes orais para a própria defesa da História da África como uma área em si, capaz de produzir pesquisas com rigor historiográfico. A rigidez defendida por Vansina consagrou-se um dos grandes problemas desta historiografia, pois propunha-se uma história semelhante aos grandes feitos europeus, ora enaltecendo aspectos culturais como o Egito Negro de Joseph Ki-Zerbo⁷³ ora ressaltando os traumas coloniais.

Nesta perspectiva, o eurocentrismo⁷⁴ deu lugar ao afrocentrismo⁷⁵ e, apesar de os historiadores africanos tomarem lugar de protagonistas do momento, a falta de precisão historiográfica e de um refinamento metodológico para lidar com as fontes orais limitaram avanços nas pesquisas. Oliva afirma que ao utilizar:

[...] como “bandeira” maior a retórica de que os africanos possuiriam todas as qualidades apresentadas pelas populações de outros continentes e de que a África, de região periférica, passaria a ser pensada como região central da humanidade. Não que esses argumentos estivessem equivocados, mas o sentido ideológico e passional dos estudos comprometeu parte das pesquisas e teorias elaboradas.⁷⁶

⁷⁰ LOPES, 1995, p. 23.

⁷¹ NIANE, Djibril Tamsir. *Sundjata ou a Epopéia Mandinga*. Coleção Autores Africanos. São Paulo: Editora Ática, 1982.

⁷² VANSINA, Jan. *Oral Tradition as History*. Madison: University of Wisconsin Press, 1985.

⁷³ KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra*. Volume 1. Portugal: Publicações Europa-América, 1972.

⁷⁴ BARBOSA, Muryatan Santana. Eurocentrismo, História e História da África. *Sankofa*. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, nº 1 jun./2008.

⁷⁵ FARIAS, Paulo F. de Moraes. Afrocentrismo: entre uma contranarrativa histórica universalista e o relativismo cultural. *Revista Afro-Ásia*, 29/30 (2003), p. 317-343.

⁷⁶ OLIVA, 2004, p. 18.

A perspectiva afrocêntrica, caracterizada principalmente pelos movimentos do Pan-africanismo (estadunidense) e da Negritude (gestado em Paris) pode ser percebida no Brasil a partir de 1970, introduzida por intermédio do Movimento Negro e sua luta contra o racismo. Neste contexto, o MN e as universidades, principalmente através dos centros de estudos africanos, estavam em diálogo constante, uma vez que muitos pesquisadores também eram militantes.⁷⁷

Sendo assim, produções não acadêmicas e acadêmicas do período seguiam a mesma vertente de valorização da África e das populações negras. Autores como Júlio Braga, Henrique L. Alves⁷⁸ e Joel Rufino dos Santos⁷⁹ integraram este quadro, bem como pesquisadores estrangeiros, mas com formação no Brasil, como Kabengele Munanga⁸⁰ e Carlos Serrano.⁸¹ Alves e Munanga evidenciam as influências do Movimento da Negritude nas obras deles. Por sua vez, em Santos, temas recorrentes do movimento negro fizeram-se presentes, como a luta contra o racismo e a exaltação de heróis africanos ou negros, como Zumbi dos Palmares. Já a dissertação de Serrano, compôs um trabalho característico da corrente da Superioridade Africana, com o propósito de ressaltar como as organizações sociais africanas eram tão elaboradas quanto as europeias.

Nas décadas de 1970 e 1980 o MN buscava modificar o que era ensinado nas escolas, pois as abordagens reforçavam, por meio dos conteúdos, a invisibilidade ou posições sempre subalternas às populações afro-brasileiras. Desde o final da década de 1970, o MN propunha uma reformulação nos conteúdos do currículo escolar brasileiro, visando inserir conteúdos de História da África, além da valorização da história e cultura afro-brasileira.⁸²

⁷⁷ RATTS, Alex. Encruzilhadas por todo percurso: individualidade e coletividade no movimento negro de base acadêmica. In: PEREIRA; SILVA, 2009, p. 87.

⁷⁸ ALVES, H. L. *Diálogo da negritude*. Lorena, Centro de Estudos Históricos Gustavo Barroso. CEDIC/PUC-SP, 1965.

⁷⁹ SANTOS, Joel Rufino dos. *O que é Racismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982; SANTOS, Joel Rufino dos. *Zumbi*. São Paulo: Editora Moderna, 1985.

⁸⁰ MUNANGA, Kabengele. *Negritude. Usos e Sentidos*. São Paulo: Ática, 1986.

⁸¹ SERRANO, Carlos Moreira Henrique. *O poder político no reino Ngoyo*. Dissertação (Mestrado em Ciência Social) - Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 1979.

⁸² CARDOSO, Marcos. *O movimento negro em Belo Horizonte: 1978-1998*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2. Ed., 2011, p. 55.

1.4 NOVAS PERSPECTIVAS PARA OS ESTUDOS AFRICANOS - 1980

A década de 1980, no Brasil, é marcada por uma grande transformação historiográfica, que ocorreu em diversas áreas da História, incluindo a de estudos africanos. Novas questões, principalmente atreladas aos movimentos sociais e minorias começaram a ganhar destaque em diversos campos da História. Capelato e Dutra afirmam que o processo de redemocratização no Brasil conectou-se a esta virada, também pontuando:

Mas também cabe lembrar que, no âmbito internacional, a Revolução, tema central dos debates políticos a partir da Revolução Russa, foi sendo paulatinamente substituído pelo tema da democracia em decorrência da crise dos regimes comunistas e conseqüente crise do marxismo. No Brasil, esse fenômeno teve sua especificidade, porque ocorreu atrelado à preocupação com a crítica ao regime militar e à reflexão sobre o advento de novas formas de atuação política.⁸³

Por sua vez, Margareth Rago afirma que o período de abertura política trouxe demandas de novos grupos sociais, étnicos e sexuais, até então excluídos da sociedade; além de um grande florescimento cultural, que se expandiu através do desenvolvimento das telecomunicações no Brasil e do crescimento do mercado editorial.⁸⁴ Jurandir Malerba atribui à consolidação dos cursos de pós-graduação papel importante na renovação historiográfica brasileira, que impulsionou a produção acadêmica no Brasil.⁸⁵

A tradução de importantes autores como Michel Foucault, Edward P. Thompson e Walter Benjamin, que levaram mais de uma década para chegar ao Brasil, auxiliaram no suporte teórico-metodológico suscitados pelas novas demandas dos sujeitos e temas das pesquisas acadêmicas, e que o marxismo - até então o principal referencial teórico dos historiadores brasileiros - não alcançava.

Outra influência importante foi a Escola de Estudos Culturais, de Birmingham, Inglaterra, que além de Thompson, também era composta por autores como Raymond Williams, Stuart Hall, Richard Hoggart, Michel Foucault e Charles Taylor. Os Estudos

⁸³ CAPELATO, Maria Helena Rolim; DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Representação política: o reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir. *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas, SP: Papyrus, 2000, p. 250.

⁸⁴ RAGO, Margareth. A "nova" historiografia brasileira. *Anos 90*, Porto Alegre: PPGH/UFRGS, v. 7, n. 11, 1999, p. 74.

⁸⁵ MALERBA, Jurandir. Notas à Margem: a crítica historiográfica no Brasil dos anos 1990. *Textos de História*, vol.10, n1/2, 2002, p. 197.

Culturais proporcionaram a possibilidade de pesquisar as experiências cotidianas dos homens e das mulheres comuns, suas táticas de sobrevivência e de embate, silenciosas ou não, contra os mecanismos de opressão do poder hegemônico. O historiador estadunidense Robert Slenes ressalta a importância, sobretudo de Thompson e seus estudos sobre a formação da classe operária inglesa, para os trabalhos sobre escravidão no Brasil, pois a obra do historiador inglês marcou sobremaneira um novo olhar a respeito da família escrava, até então negada como forma de organização e constituição de relações pelo estereótipo construído acerca da vida em cativeiro.⁸⁶ Estas influências podem ser percebidas, de acordo com Slenes, principalmente na produção de conhecimento no Sudeste do país nos trabalhos de Kátia Mattoso, Emília Viotti, Stuart Schwarcz, Robert Slenes, Manuela Carneiro da Cunha, João José Reis, Luís Filipe de Alencastro, entre outros.⁸⁷

As transformações políticas, os novos cursos de pós-graduação e aportes teórico-metodológicos também influenciaram os estudos africanos no Brasil. As mudanças foram expressas através de novos temas e abordagens advindas de demandas para o entendimento do passado e do presente do continente africano. Questões como a história das mulheres e do gênero, dos trabalhadores rurais e urbanos, das doenças, do saber médico (tradicional e moderno), dos nacionalismos, das lutas armadas, dos conflitos do continente, das técnicas de produção, das diferentes formas de organização social, das diferentes culturas da e na África tornaram-se os novos objetos de estudos.

Tal alteração foi possível devido a uma ampliação das fontes utilizadas, e também das novas possibilidades de pesquisas multidisciplinares, trabalhando com outras áreas de conhecimento como arqueologia, linguística, antropologia e biologia. Novas perguntas, novos aportes teóricos e novas demandas para o entendimento do passado africano acabaram por ampliar e transformar a historiografia africana, surgindo assim as primeiras monografias dedicadas a temática.

A inauguração da produção acadêmica brasileira sobre África ocorreu com a dissertação na área de Sociologia de Fernando Albuquerque Mourão, em 1969, orientada por Ruy Galvão de Andrada Coelho, entusiasta na criação do CEA da USP nos anos seguintes. A área de Sociologia da USP foi uma grande produtora de conhecimento sobre o continente africano. Das 16 monografias sobre África consultadas em nossa pesquisa, e

⁸⁶ SLENES, 2011, p. 49.

⁸⁷ SLENES, Robert W. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava*. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp, 2. Ed., 2011, p. 50.

que serão analisadas no próximo capítulo, 9 são provenientes desta universidade. Dentre estas, 5 foram realizadas no departamento de Sociologia.

A partir da década de 1980 aumentou o número de monografias realizadas no Brasil dedicadas a temáticas exclusivamente africanas. A primeira dissertação na área de História foi defendida por Selma Pantoja, em 1987, na Universidade Federal Fluminense, sob a orientação do professor Ciro Flamarion Cardoso (1942-2013).⁸⁸ Nesse contexto, é importante ressaltar que os cursos de pós-graduação *strictu sensu* foram regulamentados no Brasil em 1965. Até então, havia entre as mais diversas áreas de conhecimento cerca de 30 cursos de pós-graduação no país, nem todos considerados mestrado ou doutorado.⁸⁹ Na área de História, por sua vez, somente em 1971 os cursos de pós-graduação foram organizados.⁹⁰ Ou seja, levaram-se 16 anos, após a inauguração da pós-graduação em História brasileira, para a primeira monografia sobre África ser defendida no Brasil.

Como já foi citada anteriormente, a reforma universitária de 1968 foi um duro golpe para o sistema de cátedras nas universidades. Na prática, esta ação significou a perda de autonomia dos laboratórios e núcleos de estudos, que ficaram impossibilitados de oferecer disciplinas ou criar novos cursos de graduação e pós-graduação. A partir daí, qualquer atividade, seja de pesquisa, ensino ou extensão realizada pelos centros de estudos, incluindo os CEAs, precisava passar pela aprovação do departamento ao qual o laboratório devia estar obrigatoriamente vinculado.

Entretanto, os departamentos, essencialmente os de Ciências Humanas foram outros protagonistas importantes, pois as monografias eram defendidas nestes programas, (em especial os de Sociologia, Letras e História); que, neste contexto, aprovaram a criação de disciplinas obrigatórias e optativas sobre África.

A USP, devido aos esforços do CEA, foi uma das primeiras universidades a oferecer disciplinas sobre África. A partir de 1972, os cursos de Ciências Sociais, História e Geografia receberam disciplinas tanto para a graduação quanto para a pós-graduação.⁹¹ Na graduação, eram oferecidas para os alunos do primeiro semestre, e na Pós-Graduação,

⁸⁸ Em 1977, Mario Maestri Filho também escreveu uma dissertação na área de História da África, realizada em outro país, na Bélgica, na *Université Catholique de Louvain*.

⁸⁹ SANTOS, Cássio Miranda dos. Os primeiros passos da pós-graduação no Brasil: a questão da dependência. *Ensaio: aval. pol., públ., educ.*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 37, p. 479-492, out/dez. 2002.

⁹⁰ FICO, Carlos; POLITO, Roland. A historiografia brasileira nos últimos vinte anos: tentativa de avaliação crítica. IN: MALERBA, Jurandir. *A velha história: teoria, método e historiografia*. Campinas, SP: Papyrus, 1996, p. 190.

⁹¹ MUNANGA, Kabengele. Estudo e ensino da África na Universidade de São Paulo: atuação do Centro de Estudos Africanos e do professor Fernando Augusto Albuquerque Mourão. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, São Paulo: número especial 2012:11 -30, p. 19.

para os do segundo semestre. Os temas das disciplinas também correspondiam aos assuntos mais em voga na década de 1970, citados anteriormente. As independências dos países africanos e suas configurações políticas foram os mais recorrentes.

Deste modo, podemos perceber que apesar da importância dos CEAs, principalmente na inauguração dos estudos africanos no Brasil, os departamentos e as disciplinas oferecidas por estes formaram academicamente os pesquisadores da área. É visível também, a consonância do Movimento Negro com estes avanços nas universidades, participando de grupos de estudos - principalmente no CEAA/UCAM -, auxiliando na construção e na disseminação de conhecimento acerca do continente africano e transformando seus militantes em pesquisadores acadêmicos.

2 A PRODUÇÃO BRASILEIRA SOBRE ÁFRICA

O segundo capítulo desta dissertação tem por objetivo analisar as obras produzidas sobre África entre 1959 e 1987. Primeiramente foi realizado um levantamento de dados sem delimitação teórica ou metodológica, evitando pré-julgar o material sem antes tê-lo analisado em comparação com a documentação integral. Este critério foi importante para reunir o maior número possível de obras, em diferentes formatos de publicações acadêmicas. A partir daí o material foi classificado e analisado através de uma periodização clássica e quantitativa, que permitiu visualizar uma série de informações e problemas a serem investigados.

Consideramos produções acadêmicas válidas para esta pesquisa teses de doutorado, dissertações de mestrado, artigos e livros. Foram levantadas 17 monografias (11 dissertações e 6 teses) produzidas por brasileiros, em universidades nacionais e estrangeiras. Os artigos utilizados são das revistas dos três centros de estudos africanos já citados neste trabalho: a revista *Afro-Ásia*, do Centro de Estudos Afro-Orientais/UFBA; a *Estudos Afro-Asiáticos*, pertencente ao Centro de Estudos Afro-Asiáticos/UCM; e *África*, revista do Centro de Estudos Africanos/USP. Ao todo, 37 livros foram selecionados para análise. Optamos por critério de seleção, utilizar somente livros acadêmicos que abarcassem a África como principal tema. Para caracterizar os livros como acadêmicos, levamos em conta a formação dos autores e das características das obras em si: presença de notas de rodapé, bibliografias e fontes utilizadas constituíram critérios para a utilização ou não dos trabalhos. Por isso, diversos volumes embebidos na temática de África foram desclassificados por não atenderem a estas demandas.

Esta análise não tem intenção de abarcar a totalidade da produção brasileira sobre África. Artigos publicados em outros periódicos nacionais e internacionais não foram computados nesta pesquisa pela impossibilidade de rastrear, de forma adequada, este vasto material. Contudo, acreditamos que nosso levantamento é substancial e pode apresentar resultado expressivo, mas não absoluto ou totalizante acerca dos estudos africanos no Brasil.

Procuramos assim, relacionar as informações compiladas em uma tentativa de compreender o movimento dos estudos africanos no país, detectando tendências e abordagens mais recorrentes, o perfil dos pesquisadores, recortes temporais e geográficos,

temas mais estudados e as áreas e subárea de conhecimento a qual pertencem, que foram estabelecidas através dos parâmetros da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).⁹²

2.1 REVISTAS DOS CENTROS DE ESTUDOS AFRICANOS

2.1.1 Afro-Ásia

A primeira revista acadêmica brasileira dedicada a estudos sobre África foi a *Afro-Ásia*, fundada em 1965, 6 anos após a criação do Centro de Estudos Afro-Asiáticos, a que é vinculada. Nos anos delimitados pela pesquisa (1959-1987) foram publicados 14 números da revista, em 9 volumes que totalizaram 90 artigos analisados. A publicação da *Afro-Ásia* possuiu periodicidade anual entre 1965 e 1970.

Nesta época, o diretor da revista foi Waldir Freitas - também coordenador do CEAO -, e o redator-chefe, Nelson de Araújo. O conselho de redação era composto por Vivaldo da Costa Lima, Guilherme de Souza Castro, Yêda Pessoa de Castro e Fernando da Rocha Peres. Posterior a 1970, apenas em 1976, 1980 e 1983 ocorreram publicações. Cada edição contou com diretor e conselho de redação distinto, diferentemente dos 6 primeiros anos do periódico.

Áreas e subáreas de conhecimento:

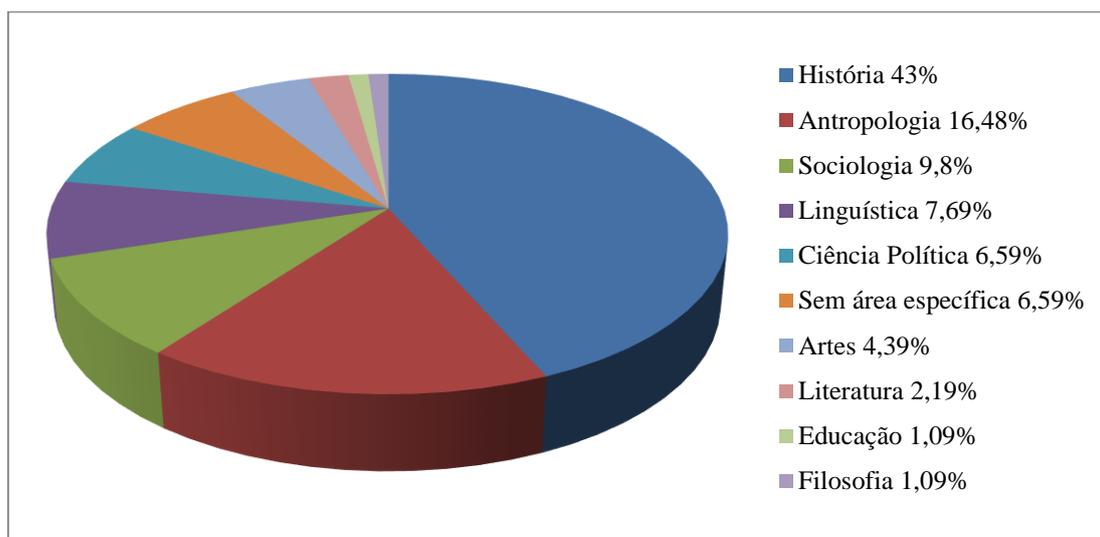
A respeito das Grandes Áreas de conhecimento, estas são predominantemente das Ciências Humanas, seguida da Linguística, Letras e Artes. A História foi predominante entre as subáreas de conhecimento, com 43% dos artigos. Entre as temáticas mais recorrentes está História da África, tráfico de escravos, escravidão, abolição e colonialismo. A antropologia ficou em segundo lugar com 16,48%, e a maioria dos artigos abordam questões de religiosidade, principalmente o Islã e Candomblé. Sociologia vem em seguida com 9,8%.

O periódico apresenta contribuição da Linguística, com 7,69%, fato decorrente da atuação de Yêda Pessoa de Castro, estudiosa da área, pesquisadora e coordenadora do CEAO. A Ciência Política, representada por 6,59% dos artigos foram temas recorrentes questões internacionais pertinentes ao “Terceiro Mundo”. Esta é mesma porcentagem,

⁹² Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Tabela de áreas de conhecimento. Disponível em <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/instrumentos-de-apoio/tabela-de-areas-do-conhecimento-avaliacao>> Acesso em fevereiro de 2015.

como pode ser observada no Gráfico 1, do item sem área específica. Escolhemos esta denominação para alguns textos da revista que tinham por assunto homenagens e tributos a pesquisadores importantes.

Gráfico 1 – Subáreas de conhecimento dos artigos da revista *Afro-Ásia* (1960-1983).



Fonte: Revista *Afro-Ásia*, 1965-1983. 14 números. Total de 90 artigos.

Recorte cronológico:

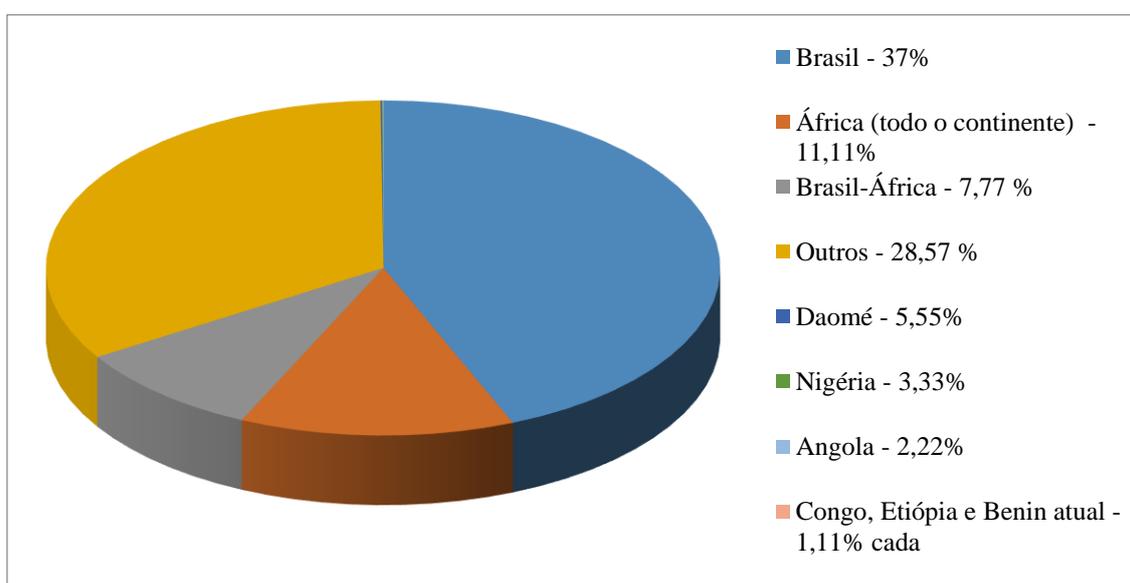
Assim como há uma grande diversidade de assuntos, o recorte temporal pautado em cada um dos artigos também variava muito. Apesar de 51 dos 90 artigos se dedicarem ao século XX, diversos deles perpassam os séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. 9 artigos abrangem mais de 4 séculos de recorte temporal e a maioria deles pertence aos primeiros exemplares da *Afro-Ásia*. Com o decorrer do tempo, os textos da revista passaram a se dedicar a assuntos menos amplos, com objetos de pesquisa mais específicos e, conseqüentemente, com recortes temporais menores.

Recorte geográfico:

A respeito do recorte geográfico dos artigos, apesar da revista ser intitulada *Afro-Ásia*, almejando se dedicar a temáticas africanas e asiáticas, o Brasil prepondera como o país mais estudado, correspondendo a 37% do total dos artigos. O tema da religiosidade, em especial o candomblé, e os artigos relacionados à escravidão corresponderam a maioria

dos textos, evidenciando predominância das temáticas afro-brasileiras. Na sequência, com 26,66% dos trabalhos, o continente africano desponta como recorte geográfico, sendo 11,11% destinados ao estudo do continente como um todo. Dentre estes, Daomé (atual Benin) foi o território mais citado, com 5 trabalhos; Nigéria vem em seguida, com 3 artigos, seguido por 2 a respeito de Angola; Congo, Etiópia e o Benin atual tiveram um cada. Conforme podemos observar no Gráfico 2 a seguir, Brasil e países africanos relacionados em um mesmo artigo estiveram presentes em 7,77% dos textos.

Gráfico 2 - Recortes geográficos dos artigos da revista *Afro-Ásia* (1965-1983).



Fonte: Revista *Afro-Ásia*, 1965-1983. 14 números. Total de 90 artigos.

Vale ressaltar, que neste gráfico, os 28,57% correspondem a locais citados somente uma vez no periódico, como é o caso de América do Sul, Terceiro Mundo, Ásia, Estados Unidos, Índia, China, Portugal, Israel, Japão e Irã.

Daomé apresenta-se como um dos recortes geográficos mais pesquisados, pois Júlio Santana Braga, pesquisador do CEAO, realizou pesquisa sobre religiosidade neste território, e publicou 3 artigos sobre o tema na *Afro-Ásia*. A Nigéria, pelo forte entrelaçamento com o candomblé, também era alvo de interesse devido aos estudos sobre religiosidade, o que contribuiu para ser o segundo território mais frequente na revista.

Autores/as:

Em relação aos autores, os detentores de maior número de textos publicados possuíam vínculo com o CEAO, a começar por Yêda Pessoa de Castro, a pesquisadora que mais publicou artigos na revista, conformando 6 no total. Em seguida, outro pesquisador do CEAO, Rolf Reicher, detém 5 artigos. Waldir Freitas de Oliveira, Carlos Ott, Roger Bastide e Julio Santana Braga publicaram 3 textos cada um. Vivaldo da Costa Lima, Fernando da Rocha Peres e Pierre Verger tiveram 2 manuscritos cada um. Ao todo, 72 pessoas publicaram artigos na *Afro-Ásia*, dentro do recorte temporal de interesse desta pesquisa de mestrado. Mesmo com a marcante desigualdade de gênero na revista (apenas 7 mulheres), Yêda Pessoa de Castro foi a pessoa que mais publicou artigos.

Como vemos na sequência deste trabalho, nas 3 revistas organizadas pelos centros de estudos africanos o desequilíbrio entre o número de homens e mulheres que publicaram textos é bem expressivo. Moema Guedes de Castro, em um estudo sobre a desigualdade de gênero na academia e, em especial na pós-graduação, afirma que o número de mulheres ingressantes nas universidades vem crescendo ao longo dos anos, e passou de 25,6% para 45,5% em 1980, e para 48,9% no final da década de 1980 e início de 1990.⁹³ Contudo, no período estudado poucas delas ocupavam cargos de docente nas universidades ou possuíam recursos para pesquisa. Por isso, o predomínio de autores masculinos está atrelado a desigualdade de gênero no ensino superior.

Origem/Nacionalidade:

Entre os pesquisadores, 28,88% são brasileiros. A segunda maior nacionalidade é estadunidense, contando com 7,77%, seguida de Nigéria e França com 4,44% cada e Israel com 2,22%. Em África, Senegal, Gana, Daomé e Marrocos também tiveram pesquisadores contribuindo para o periódico, com 1 artigo de cada país.

Formação:

Como a maioria dos artigos são da área de História esta também é a profissão da maioria dos pesquisadores: 18,88% historiadores, 13,33% antropólogos, 6,66 sociólogos e 3,33% cientistas políticos. Políticos, juristas, artistas, diretores de museus, teólogos, geógrafos, jornalistas, professores, advogados, linguistas e escritores também contribuíram para a *Afro-Ásia*.

Vínculo:

⁹³ GUEDES, Moema de Castro. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.117-132, jun. 2008, p. 124.

Sobre o vínculo dos pesquisadores, 12 eram associados ao CEAO e 2 professores de outros departamentos da UFBA também contribuíram para a revista. Das outras universidades brasileiras, a USP publicou 2 artigos; Universidade Federal do Pará (UFPA), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e Universidade Federal da Bahia (UFBA) também tiveram professores publicando artigos na *Afro-Ásia*; e 3 pesquisadores da Universidade de Ifé, na Nigéria, 2 da Universidade de Northwestern (EUA) e 2 da Universidade de Paris (França) também enviaram seus textos para o periódico.

Este grande número de pesquisadores estrangeiros, muitos vinculados a importantes universidades internacionais, mostra a rede de comunicações da revista, e também sua capacidade de articulação e alcance, das Filipinas ao Canadá. Em 4 continentes: América, Europa, Ásia e África pesquisadores de diversas áreas tiveram conhecimento da *Afro-Ásia* e estabeleceram diálogo com a revista.

2.1.2 Revista Estudos Afro-Asiáticos

A Revista *Estudos Afro-Asiáticos* foi fundada em 1978, 5 anos após a criação do Centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA). No recorte que analisamos, até o ano de 1987, foram publicados 13 números da revista, em 11 edições.

Destas 13, 3 são dedicadas inteiramente a comunicações apresentadas em eventos do CEAA. A revista número 6/7 de 1982 contém as 53 comunicações do 1º Seminário Internacional Brasil-África, realizado pelo CEAA e a revista número 8/9 de 1983 concentra as comunicações do Encontro Nacional Afro-Brasileiro. Por não se tratarem de artigos, mas sim das falas e alocuções dos participantes, estes 2 exemplares não foram analisados. A revista 11 de 1985 fez parte do conjunto analisado, pois publicou os anais, artigos apresentados no Colóquio da Afro-Latinidade, também organizado pelo CEAA.

A revista, em seu primeiro número se apresenta da seguinte forma:

Estudos Afro-Asiáticos publica artigos de pesquisa, textos de apoio com marcante preocupação didática, documentos oficiais de governos africanos e

asiáticos e de instituições internacionais e, numa última sessão, um resumo das principais atividades do CEAA, comentários bibliográficos e outros.⁹⁴

Estas características condizem com o perfil que o conselho editorial e o editor, José Maria Nunes Pereira, traçaram para a revista. A associação de Cândido Mendes com o governo possibilitou a *Estudos Afro-Asiáticos* uma liberdade raramente encontrada no período da ditadura civil-militar. Esta liberdade propiciou a aquisição de livros e materiais de difícil acesso no período, sendo muitos indicados para a leitura na sessão da revista intitulada Indicação Bibliográfica, como teses e dissertações ou livros publicados em outros países e importados pelo CEAA. Além disso, textos sobre assuntos normalmente censurados, como o comunismo na China foram publicados e discutidos.

Na análise da revista, delimitamos um recorte temporal de 1978-1987, o que totalizou 52 artigos publicados. Neste período as atividades do Centro de Estudos Afro-Asiáticos estavam voltadas para temas como *apartheid*, colonialismo e independências de países africanos, em especial as colônias portuguesas. Além disso, o CEAA estava trabalhando com consultorias e assessorias em diversas ações do Governo Federal relacionadas à África. As publicações da revista, até 1985, refletem estas temáticas pesquisadas no Centro. A partir de 1985, o financiamento da estadunidense Fundação Ford e a nova coordenação do CEAA trouxeram novos temas de pesquisa, que influenciaram diretamente nos conteúdos da revista. Neste novo período, pesquisadores relacionados aos estudos afro-brasileiros foram contratados, e a revista passou a dedicar mais espaço para questões brasileiras do que africanas.⁹⁵

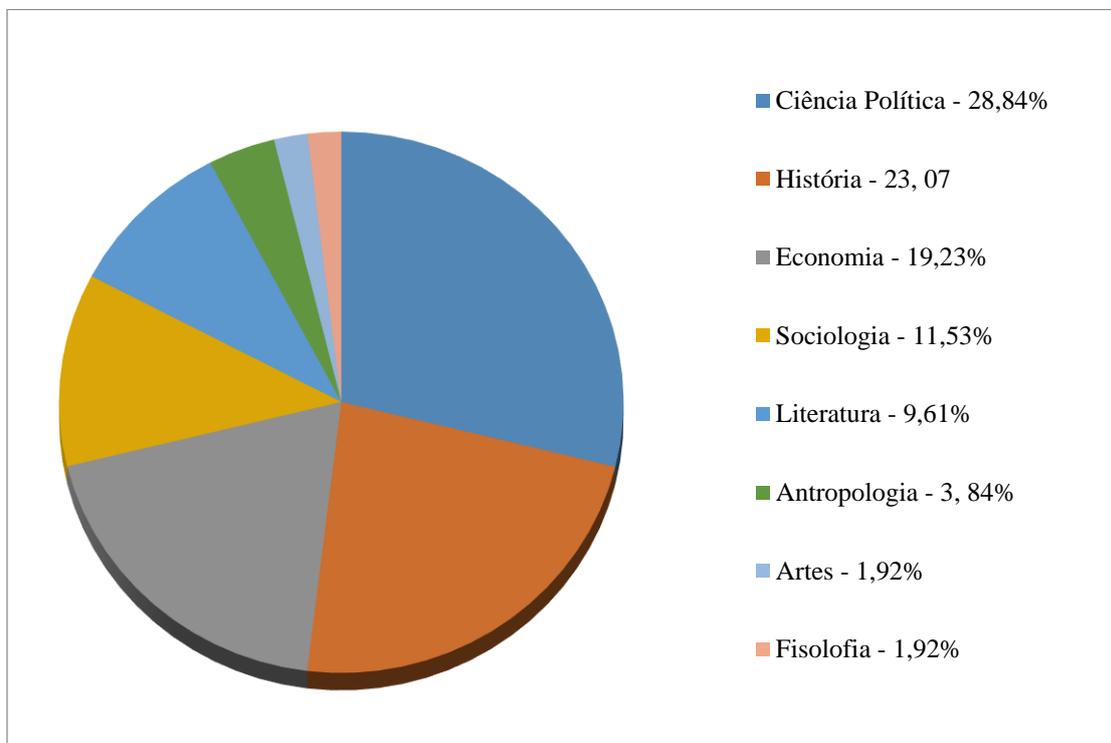
Áreas e subáreas de conhecimento:

O campo da Ciência Política teve maior número de trabalhos escritos, 15 no total, seguido pela História com 12, Economia com 10, Sociologia com 6, Literatura com 5 e demais áreas como Antropologia com 2 e Filosofia e Artes com 1 cada. A área da Ciência Política predominou nos artigos referidos à África; os textos da área de História tiveram mais foco no Brasil; da Economia abordaram as relações África-Brasil e os trabalhos sobre Arte foram dedicados a Ásia, de forma geral.

⁹⁴ APRESENTAÇÃO. Revista *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 1, n.1, jan-abr de 1978.

⁹⁵ SEGURA-RAMIREZ, Hector. *Revista Estudos Afro-Asiáticos (1979-1997) e relações raciais no Brasil: elementos para o estudo do subcampo acadêmico das relações raciais no Brasil*. 2000. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). São Paulo, 2000, p. 38.

Gráfico 3 – Subáreas de conhecimento dos artigos da revista *Estudos Afro-Asiáticos* (1978-1987).



Fonte: Revista *Estudos Afro-Asiáticos*, 1978-1987. 13 números. Total de 52 artigos.

Estes números contemplam as preocupações e atividades do CEAA. O envolvimento com a política e economia condizem com as pesquisas sob encomenda do governo realizadas no período. Citamos como exemplo o financiamento do FINEP (Financiadora de Estudos e Projetos) para realização de um estudo sobre o plano de desenvolvimento socioeconômicos da Argélia, Angola, Camarões, Congo, Egito, Gabão, Moçambique, Quênia, Zaire e Zimbábue.⁹⁶ Além disso, as questões de *apartheid*, racismo e independências, colonização/descolonização constituíam eixo central do CEAA. Do mesmo modo, os artigos de Sociologia, e sobre questões raciais eram voltados para a situação do negro no Brasil, a construção da identidade e a luta antirracista no país.

Recorte temporal

O recorte temporal dos artigos também chama atenção, pois mais de 80% se concentram no século XX. A virada do século XIX para o XX é o segundo período mais pesquisado, e depois século XIX. Há somente 3 artigos com uma periodização que

⁹⁶ Relatório de Atividades. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 13, (1987), p. 116.

atravessa um recorte temporal amplo, 2 dedicados a cultura chinesa, e 1 à história japonesa. Os recortes temporais dos artigos seguem em harmonia com os principais temas pesquisados, pois a política e economia contemporâneas no continente africano eram o principal alvo da linha editorial da revista.

Recorte geográfico:

No que diz respeito ao recorte geográfico dos artigos, de 1978 a 1987, o principal foco de pesquisa é África, totalizando 36, 53% dos 52 textos analisados. África do Sul e Angola são os países mais pesquisados, seguidos de Guiné-Bissau e Moçambique. Guiné-Bissau foi a primeira ex-colônia portuguesa reconhecida pelo Brasil como Estado independente, em 1 de julho de 1974, e também foi parceira de um projeto do CEEA financiado pelo Ministério das Relações Exteriores que tinha por objetivo cooperação técnica-cultural.⁹⁷

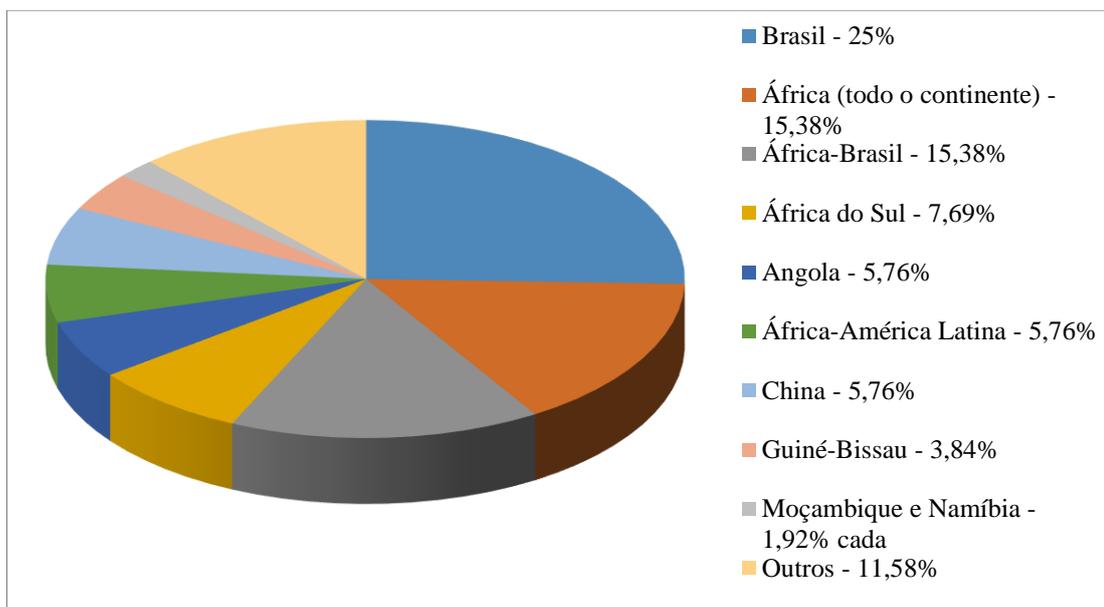
A predominância de países língua portuguesa como foco de análise dos artigos pode ter explicação na falta de domínio das demais línguas faladas nos países africanos, como o inglês e francês, e também pelas questões linguísticas e culturais compartilhada com Angola, Guiné-Bissau e Moçambique. Guiné-Bissau foi a primeira ex-colônia portuguesa reconhecida pelo Brasil como Estado independente, em 1 de julho de 1974, e também foi parceira de um projeto do CEEA financiado pelo Ministério das Relações Exteriores que tinha por objetivo a cooperação técnico-cultural.⁹⁸

A África do Sul, onde o inglês era língua oficial, tem destaque na Revista, por causa do debate internacional sobre o apartheid, assunto, muitas vezes analisado em comparação com as questões raciais brasileiras que foi alvo de preocupação dos artigos.

⁹⁷ Relatório de Atividades. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 1, (1978), p. 64.

⁹⁸ Relatório de Atividades. *Estudos Afro-Asiáticos*, n 1, (1978), p. 64.

Gráfico 4 - Recorte geográfico da revista *Estudos Afro-Asiáticos* (1978-1987).



Fonte: Revista *Estudos Afro-Asiáticos*, 1978-1987. 13 números. Total de 52 artigos.

Autores/as:

Outro fator que notamos diz respeito aos autores/as. Somente 8 mulheres escreveram artigos, contrastando com os 35 homens. Cabe também destacar que dos autores, 4 possuem mais de cinco artigos publicados, e todos são pesquisadores associados do CEAA. Jacques d'Adesky foi quem mais contribuiu para a revista, com 5 artigos, seguido de José Maria Nunes Pereira com 3, Kabenguele Munanga e Ricardo Joppert com 2 cada.

Origem/Nacionalidade:

Aprofundando um pouco o perfil dos pesquisadores, 34,61% eram brasileiros, 7,69% argentinos, 3,84% são sul-africanos, 3,84% angolanos, 3,84% ingleses, 3,84% estadunidenses e 3,84% mexicanos. As demais nacionalidades eram Congo, Portugal, Bélgica, França, Nigéria, Cabo Verde, Alemanha e Benin.

Formação:

11,53% dos pesquisadores tinha formação de historiador, 9,61% eram cientistas políticos, 7,69% filósofos, e 7,69% sociólogos. 5,76% tinham formação em Literatura, Antropologia e Ciência da Informação, enquanto Letras e Economia compunham 3,84% do total. Diplomatas, ministros, geógrafos, jornalistas, advogados também publicaram na *Estudos Afro-Asiáticos*.

O CEAA era internacionalizado, uma vez que mais da metade dos artigos foi escrito por estrangeiros. Pesquisadores de importantes universidades, nacionais e internacionais contribuíram para a revista. Ao todo, 11 pesquisadores do CEAA escreveram na *Estudos Afro-Asiáticos*, muitos, como foi citado acima, publicaram mais de uma vez no periódico. Das universidades brasileiras, USP, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF) e Pontifícia Universidade Católica de Goiás (UCG) estiveram presentes, além de órgãos governamentais como Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior (FUNCEX) e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE).

2.1.3 Revista *África*

A revista do Centro de Estudos Africanos da USP, denominada *África*, foi fundada em 1978, e comandada pelo seu diretor, Ruy Galvão de Andrada Coelho, e principalmente pelo vice-diretor, Fernando Augusto Albuquerque Mourão. Dentro de nosso recorte, analisamos 92 artigos, distribuídos em 10 revistas publicadas ininterruptamente, de 1978 a 1987.

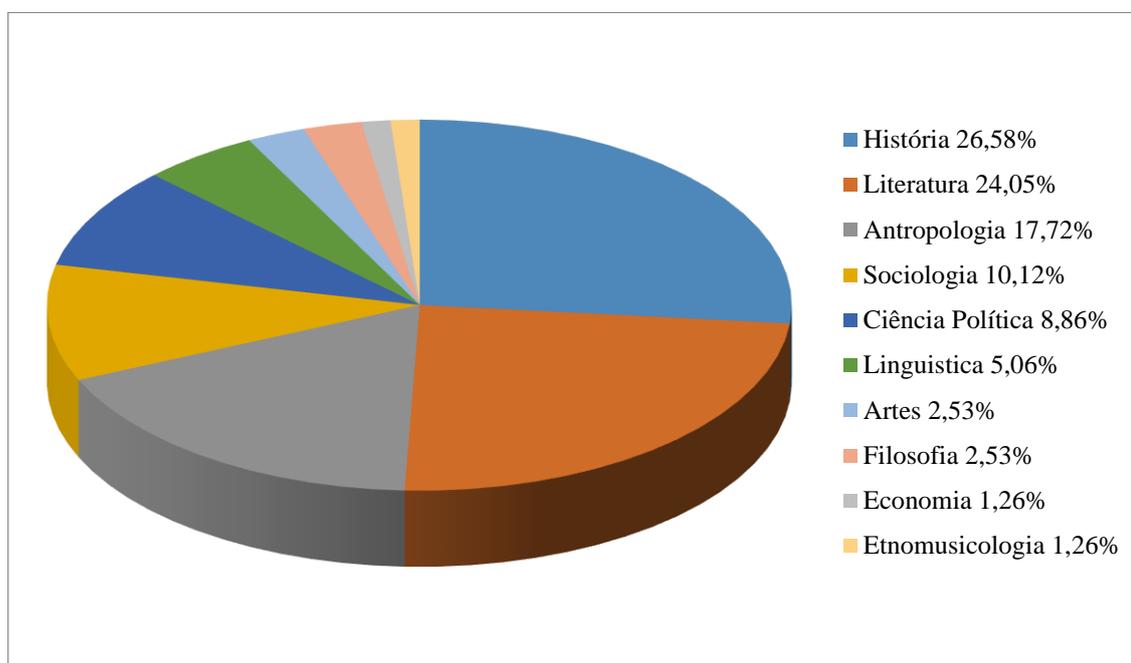
Entre as 3 revistas, *África* foi a que contou com mais autores estrangeiros, em comparação com a *Afro-Ásia* e a *Estudos Afro-Asiáticos*. Foi também a única que publicou artigos em outros idiomas (francês, inglês e espanhol), o que facilitou o acesso aos pesquisadores estrangeiros.⁹⁹

Áreas e subáreas de conhecimento

Das disciplinas, História foi a mais recorrente, com 26,58%, seguida de Literatura com 24,05%, Antropologia com 17,72%, Sociologia com 10,12% e Ciência Política com 8,86%, como principais áreas, conforme gráfico a seguir:

⁹⁹ MUNANGA, Kabengele. Estudo e ensino da África na Universidade de São Paulo: atuação do Centro de Estudos Africanos e do professor Fernando Augusto Albuquerque Mourão. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, São Paulo: número especial 2012, p. 11 -30, p. 26.

Gráfico 5 – Subáreas de conhecimento dos artigos da revista *África* (1978-1987).



Fonte: Revista *África*, 1978-1987. 10 números. Total de 79 artigos.

Dentro da Área de História, os assuntos mais recorrentes foram escravidão, colonialismo, ancestralidade, negritude e Rainha Nzinga Mbandi. Já em Literatura, Aimé Césaire foi o escritor mais pesquisado, seguido de José Luandino Vieira. Religiosidade e cultura foram temas igualmente recorrentes.

Recorte temporal:

A respeito do recorte temporal dos artigos, como nas demais revistas, o século XX é o mais pesquisado, com mais de 70,88% do total de artigos publicados. Trabalhos com mais de quatro séculos de recorte, ou sem temporalidade definida ocuparam 11,39%. A periodização do século XIX ao XX, como nas outras revistas, também apareceu com frequência. Contudo, o que chamou atenção foram 3 artigos com o recorte temporal pouco usual, século XVI ao XVII, fato que ocorreu pois foram dedicados ao estudo da Rainha Nzinga.

Recorte geográfico:

Sobre o recorte geográfico, a revista *África* foi a que mais dedicou artigos sobre o continente africano, totalizando 70,88%. O país mais pesquisado foi Angola, seguido de Cabo Verde, Nigéria e Zaire. Brasil teve somente 7,59%, quantidade que pode ser

considerada baixa em relação as demais revistas. Já as relações África-Brasil obtiveram 3,79% e as entre África-América 3,79%. Os países de língua portuguesa foram foco de análise da maioria dos artigos da subárea de Literatura. Na História, Angola despontou como um dos mais pesquisados, em razão das lutas de independência do país, as relações privilegiadas com o governo brasileiro a partir da segunda metade da década de 1970; e a língua em comum, o que obviamente facilitava a leitura das obras angolanas pelos brasileiros.

Autores/as:

Sobre o perfil dos 65 pesquisadores, 51 são homens, e 14 são mulheres, uma média maior que a das outras revistas. Como já foi citado, a revista contou com uma intensa colaboração de escritos estrangeiros, especialmente africanos e latino-americanos, há uma boa contribuição de mulheres latino-americanas, contudo, há somente duas mulheres africanas publicando no periódico: Maria do Céu Carmo Reis, de Angola e Dulce Almada Duarte de Cabo Verde.

A *África* também contou com diversos pesquisadores que publicaram mais de um artigo, muitos vinculados ao CEA. Luís Romano e Fernando Augusto Albuquerque Mourão, o vice-diretor do CEA, publicaram 4 textos cada um. Luís Beltrán e Fernando Campos publicaram 3 artigos cada. Carlos Serrano, Fábio Leite, Liana Salvia Trindade e Biodun Adediran, Kazadi Wa Mukuna contribuíram com 2 artigos cada.

Origem/Nacionalidade:

Entre os pesquisadores, 20,25% eram brasileiros, 11,39% eram da Nigéria, 7,59% do Zaire, 6,32% de Cabo Verde, 3,79% da Argentina e do Benin, 2,53% da França, do Canadá, do Congo, de Angola e dos EUA. Costa do Marfim, Espanha, Bélgica, Peru, Tanzânia e Quênia também contribuíram com textos para o periódico.

A revista do CEA foi a que menos teve pesquisadores associados publicando e também contou com menor participação de universidades brasileiras: 5 autores vinculados a USP escreveram artigos; a UFRJ também foi bem expressiva, contando igualmente com 5 publicações; além das contribuições da UFBA, UFF e Fundação Joaquim Nabuco. Das universidades estrangeiras, a Universidade de Ifé (Nigéria) foi a que mais teve pesquisadores publicando na revista, 6 deles ao todo, a maioria vinculada ao Departamento de História. A Universidade de Benin, também na Nigéria teve publicações de 3 de seus professores.

Formação:

Das profissões, os formados em Letras foram maioria, 12,65% no total, seguidos da área de História com 8,86% dos textos, Antropologia e Ciência Política com 5,06% e Sociologia com 3,79%. Entre os demais campos do conhecimento havia jornalistas, filósofos, dramaturgos, economistas, juristas, romancistas, diplomatas, cientistas sociais, médicos, etnomusicólogos, etnolinguistas e diretores de órgãos públicos.

2.1.4 Análise comparativa entre as Revistas

Todas as revistas trazem em si a marca da interdisciplinaridade, comum nos estudos africanos. Por isso, apesar da História ter sido sempre uma das subáreas mais recorrentes, Antropologia, Sociologia, Literatura, Ciência Política, Economia, Artes, Filosofia, Linguística e Educação também contribuíram com artigos substanciais para as revistas. A seguir, no Quadro 1, dispomos de maiores informações:

Quadro 1 - Subáreas mais recorrentes nas revistas *Afro-Ásia*, *Estudos Afro-Asiáticos* e *África*.

Subárea	Afro-Ásia	Estudos Afro-Asiáticos	África	Total
História	40	12	21	73
Ciência Política	06	15	07	28
Antropologia	15	02	14	27
Literatura	02	05	19	26
Sociologia	09	06	8	23
Economia	---	10	01	11
Outros¹⁰⁰	6	---	01	11
Linguística	06	---	04	10
Artes	04	01	02	07
Filosofia	01	01	02	04
Educação	01	01	---	02
TOTAL	90	53	88	222

¹⁰⁰ Na revista *Afro-Ásia*, o item “outros” refere-se a biografias, relatos de viagem, e etnomusicologia. Na revista *África* trata-se da etnomusicologia.

Fonte: *Revista África*, 1978-1987. 10 números. Total de 79 artigos; *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, 1978-1987. 13 números. Total de 52 artigos; *Revista Afro-Ásia*, 1965-1983. 14 números. Total de 90 artigos.

Conforme o quadro evidenciado anteriormente, podemos perceber que a área de História predomina em 32,88% dos textos dos periódicos acadêmicos em questão. As demais subáreas não apresentam evidente disparidade entre si, pois a segunda mais frequente é Antropologia com 12,16%, seguida de Ciência Política com 12,61%, Literatura com 11,71% e Sociologia com 10,36%.

Estes dados condizem com os recortes temporais mais presentes nas revistas. Por exemplo, a *Afro-Ásia* é a que possui o maior número de artigos dedicados à História, e ao mesmo tempo possui um recorte temporal mais diversificado, perpassando por diversos séculos. Já a *Estudos Afro-Asiáticos* apresenta um equilíbrio entre Ciência Política, História e Economia, as três disciplinas mais frequentes. O foco da revista nestes temas, principalmente política e economia está relacionado com o século XX como recorte temporal. Por sua vez, a revista *África* possui 70,88% dos artigos delimitados no século XX, e também uma boa distribuição dos artigos mais frequentes, que pertencem as áreas de Antropologia, História e Literatura.

O Quadro 2, abaixo, expõe em números os recortes geográficos mais presentes nos periódicos.

Quadro 2 - Recortes geográficos mais recorrentes nas revistas *Afro-Ásia*, *Estudos Afro-Asiáticos* e *África*.

Recorte Geográfico	Afro-Ásia	Estudos Afro-Asiáticos	África	Total
Continente Africano	24	19	55	98
Brasil	34	13	06	53
África-Brasil	07	08	03	18
África-América	05	04	03	12
Outros	20	09	10	38

Fonte: *Revista África*, 1978-1987. 10 números. Total de 79 artigos; *Revista Estudos Afro-Asiáticos*, 1978-1987. 13 números. Total de 52 artigos; *Revista Afro-Ásia*, 1965-1983. 14 números. Total de 90 artigos.

A *Afro-Ásia* é a única com mais artigos sobre o Brasil do que sobre o continente africano. Contudo, eles não se distanciam muito, pois abrangem temáticas afro-brasileiras, em especial religiosidade e assuntos relacionados à escravidão. Entretanto, ela possui uma média similar às outras revistas de artigos sobre relações África-Brasil e África-América que as outras revistas. Do mesmo modo, os textos sobre Brasil da *Estudos Afro-Asiáticos* também possuem como tema recorrente a escravidão e as religiosidades. Porém, a revista possui mais escritos sobre África, mas os números relativos aos demais temas não se distanciam muito, mantendo uma média equilibrada. Por sua vez, o periódico *África* é o que efetivamente mais se dedica ao estudo do continente africano, trazendo uma grande diversidade de temas, nas mais distintas áreas do conhecimento.

Aprofundando um pouco mais acerca das questões pontuadas nos periódicos, o Quadro 3 elenca a diversidade de países, conforme exposto a seguir.

Quadro 3 - Recortes geográficos em África mais recorrentes nas revistas *Afro-Ásia*, *Estudos Afro-Asiáticos* e *África*.

Recorte Geográfico	Afro-Ásia	Estudos Afro-Asiáticos	África	Total
África geral	10	8	29	57
Angola	2	3	6	11
Nigéria	3	---	4	7
Cabo Verde	---	---	7	7
Daomé	5	---	---	5
Zaire	---	---	5	5
África do Sul	---	4	---	4
Benin	1	---	2	3
Guiné-Bissau	---	2	1	3
Reino do Ngoyo	---	---	1	1
Namíbia	---	1	---	1
Moçambique	---	1	---	1
Reino de Gana	1	---	---	1
Congo	1	---	---	1
Etiópia	1	---	---	1

Fonte: Revista *África*, 1978-1987. 10 números. Total de 79 artigos; Revista *Estudos Afro-Asiáticos*, 1978-1987. 13 números. Total de 52 artigos; Revista *Afro-Ásia*, 1965-1983. 14 números. Total de 90 artigos.

Como pode ser percebido, artigos que abrangem o continente como um todo são maioria em todas as revistas. Angola é o país mais pesquisado, e também o único presente em todos os periódicos. Dos países de língua oficial portuguesa, somente Moçambique recebeu apenas um artigo, os demais (Guiné-Bissau, Cabo Verde e o já citado Angola) estiveram presentes em mais de um. Essa predominância, deve-se reforçar, está intrinsecamente ligada a facilidade que a língua em comum proporciona nas comunicações. Podemos perceber também, que a presença dos demais países atrela-se aos direcionamentos das revistas e aos pesquisadores estrangeiros que colaboraram com artigos, uma vez que a maioria escreveu sobre o seu próprio país.

Quadro 4: Perfil dos pesquisadores que publicaram artigos nas revistas *Afro-Ásia*, *Estudos Afro-Asiáticos* e *África*.

PESQUISADORES	AFRO-ÁSIA	ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS	ÁFRICA
Homens	55	35	51
Mulheres	7	8	14
Publicaram mais de um artigo na mesma revista	10	5	10
TOTAL	62	43	65

Fonte: Revista *África*, 1978-1987. 10 números. Total de 79 artigos. Revista *Estudos Afro-Asiáticos*, 1978-1987. 13 números. Total de 52 artigos. Revista *Áfro-Ásia*, 1965-1983. 14 números. Total de 90 artigos

Conforme destacamos anteriormente, as mulheres representam uma minoria entre os pesquisadores. A *Afro-Ásia* é a revista com menor representatividade, apesar de ter sido a única no período a contar com uma coordenadora mulher, Yêda Pessoa de Castro. Não calculamos o total dos pesquisadores por estes dados, pois 6 deles publicaram em mais de um destes periódicos no período delimitado por esta pesquisa. Em geral, as revistas do CEAO e do CEA compartilharam os autores, 6 homens e 2 mulheres. Deste modo, no número de autores, 141 eram homens, e 29 mulheres, totalizando 170 pesquisadores/as. Este dado informa a proporção de 4,86 homens para cada mulher que publicou artigo nas revistas.

É importante destacar também que os 3 periódicos analisados não eram compostos somente por artigos, possuindo a prática de publicar também resenhas de livros e indicações bibliográficas. Todas igualmente traziam notícias sobre os acontecimentos no continente africano, na época em plena efervescência política após as independências. A *Afro-Ásia* e a *Estudos Afro-Asiáticos* também traziam informações sobre os centros de estudos e os relatórios produzidos por estes. A *África* não tinha este costume, mas apresentava resumos de teses e dissertações, dando enfoque a formação acadêmica de seus leitores.

Num período em que a internet não estava tão disseminada e acessível, atrelado a dificuldade de localizar livros sobre África - ainda mais escritos em português - e de obter informações sobre o continente, os periódicos dos Centros de Estudos Africanos eram importantes instrumentos de formação e informação sobre a temática.

2.2 TESES E DISSERTAÇÕES

Como citado anteriormente, os cursos de pós-graduação *strictu sensu* foram regulamentados no Brasil em 1965. Até então, havia entre as mais diversas áreas de conhecimento cerca de 30 cursos de pós-graduação no país, nem todos considerados mestrado e doutorado.¹⁰¹ Pode-se deduzir que se a pós-graduação, nas mais diversas áreas do conhecimento, só foi regulamentada no país em 1965, as monografias dedicadas a assuntos relacionados ao continente africano levaram ainda mais tempo para aparecer. Esta hipótese mostra-se correta na medida em que a pesquisa aqui realizada aponta que na década de 1960 somente um trabalho sobre África foi realizado, a dissertação de mestrado de Fernando Augusto Albuquerque Mourão, intitulada *A sociedade angolana através da literatura: a Luanda na obra de Castro Soromenho*. Mourão defendeu sua dissertação em 1969, pelo departamento de Sociologia da USP, sob a orientação de Ruy Galvão de Andrada Coelho.

No decorrer do tempo, sistematicamente aumentou o número de monografias escritas por brasileiros sobre África. Na década de 1970 surgiram 7 trabalhos, e de 1980 até 1987 mais 9 foram escritos. É importante frisar que só estamos analisando nesta

¹⁰¹ SANTOS, Cássio Miranda dos. Os primeiros passos da pós-graduação no Brasil: a questão da dependência. *Ensaio: aval. pol., públ., educ.*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 37, p. 479-492, out/dez. 2002.

pesquisa monografias escritas por brasileiros, no Brasil ou no exterior. No período estudado, diversos intercambistas, principalmente africanos, fizeram pós-graduação no Brasil e defenderam teses e dissertações sobre África, contudo, pela questão da nacionalidade, estes trabalhos não são computados em nossos dados.

O primeiro trabalho dos anos setenta foi a dissertação de mestrado de Yêda Antonita Pessoa de Castro, de 1974 e intitulada *The Religious Terminology and Everyday Speech Vocabulary of an Afro-Brazilian Cult House*. Yêda realizou seu mestrado na Universidade de Ifé, na Nigéria e foi orientada por Olasope Oyelaran. A segunda monografia também pertence a Castro, que em 1976 defendeu sua tese de doutorado, intitulada *De l'intégration des apports africains dans les parlers de Bahia au Brésil*. Novamente ela realizou seus estudos fora do país, mas desta vez na Universidade do Zaire, sob a orientação de Jean-Pierre Angenot. Na mesma universidade, no ano seguinte, Júlio Braga Santana, diplomou-se doutor com a tese *Le jeu de Búzios dans le Candomblé de Bahia: étude sur la divination dans les cultes Afro-brésiliens*.

Tanto Braga quanto Castro já foram citados neste capítulo por sua intensa produção bibliográfica nas revistas e por serem pesquisadores do CEAO/UFBA, instituição que possibilitou o aperfeiçoamento profissional de ambos no exterior. Além disso, suas monografias retratam o perfil de pesquisa do CEAO, pois os dois se dedicaram ao estudo da religiosidade, especificamente do candomblé, uma das linhas de inclinação do Centro. Julio Braga Santana se dedicou ao tema no campo da Antropologia, e Yêda A. Pessoa de Castro na área da Linguística. É importante destacar que, apesar da formação no continente africano, suas monografias não se destinam inteiramente à África, mas ao eixo África-Brasil.

No mesmo ano da defesa de Braga, 1977, uma dissertação de mestrado sobre África também foi defendida por um brasileiro no exterior. Trata-se do trabalho de Mario José Maestri Filho, *A agricultura africana nos séculos XVI e XVII no litoral angolano*. Ele realizou sua formação na Universidade Católica de Louvain, na Bélgica, e foi orientado por Jean-Luc Vellut. A dissertação de Maestri Filho foi a primeira da área de História a se dedicar à África. Contudo, como seus estudos foram realizados fora do país, optamos por dar maior destaque ao trabalho de Selma Pantoja, que em 1987 defendeu no Brasil a primeira dissertação sobre História da África.

Em 1978, duas dissertações foram defendidas. Carlos Alberto Iannone escreveu a dissertação *Personagens e descrição no romance de Castro Soromenho*, orientada por

Massaud Moisés, Universidade de São Paulo. Nesta mesma instituição, Sósia Goldenberg Rabin obteve grau de mestre com o trabalho intitulado *Relações Brasil-Angola através da imprensa brasileira 1930-1975*. Rabin foi a primeira orientanda de Fernando Augusto Albuquerque Mourão, que nove anos antes havia escrito a primeira monografia sobre África. Mourão doutorou-se em 1971, mas a temática de sua tese não tinha relação com o continente africano.

O segundo orientando de Mourão foi Henrique Altemani de Oliveira que, em 1979, escreveu a dissertação de mestrado *O papel do gás natural no processo de desenvolvimento econômico e social da Argélia*. Altemani foi um dos primeiros pesquisadores brasileiros a realizar pesquisa de campo em África para a composição de sua monografia. Ele passou uma estadia na Argélia, acompanhando os trabalhos da *Société Nationale pour la Recherche, Production, Transport, Transformation et Commercialisation des Hydrocarbures* (SONATRACH), empresa estatal argelina exploradora de hidrocarboneto.¹⁰²

Nos anos 1980, os primeiros trabalhos datam de 1983. Fábio Rubens da Rocha Leite defendeu na Universidade de São Paulo a tese *A questão ancestral: notas sobre ancestrais e instituições ancestrais em sociedades africanas: ioruba, agni e senufob*, também orientada por Fernando Augusto de Albuquerque Mourão. E Luzia Garcia do Nascimento tornou-se doutora com o trabalho intitulado *Manuel Ferreira: ficção caboverdiana em causa*, formada pela USP, sob a orientação de Maria Aparecida de Campos Brando Santilli.

Em 1984 2 mulheres defenderam suas dissertações. Tânia Celestino de Macedo escreveu o trabalho *Da inconfidência à revolução: trajetória do trabalho artístico de Luandino Vieira*, com a orientação de Benjamin Abdala Júnior, na USP. A monografia de Rita de Cássia Natal Chaves, denominada *Mayombe: a reinvenção de Ogum, o Prometeu Africano*, orientada por Domício Proença Filho, foi defendida na Universidade Federal Fluminense.

Em 1985 dois brasileiros defenderam o mestrado no *El Colegio del Mexico*. O trabalho de Manolo Florentino foi intitulado *La Trata Atlántica y las Sociedades Agrárias del Africa Occidental (Ensayo Sobre las Consecuências del Tráfico Negrero en la Agricultura del Oeste Africano, c. 1450-c.1800)*. E o de José Flavio Sombra Saraiva

¹⁰² MUNANGA, Kabengele. Estudo e ensino da África na Universidade de São Paulo: atuação do Centro de Estudos Africanos e do professor Fernando Augusto Albuquerque Mourão. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, São Paulo: número especial 2012:11 -30, p. 24.

Angola - Brasil, 1500-1980. Estudio de un caso en las relaciones y vinculaciones de África con América Latina, sob a orientação de Maria Federico Real de Azua.

No ano de 1986 Virgínia Maria Gonçalves escreveu a tese de doutorado *Os arquétipos e a ruptura dos estereótipos na produção literária de Luandino Vieira*, na Universidade de São Paulo, trabalho orientado por Maria Aparecida de Campos Brando Santilli.

1987 marca o final do recorte temporal de nossa pesquisa, pois é quando o primeiro trabalho na área de História da África foi defendido no Brasil. Ele é de autoria de Selma Alves Pantoja, intitulado *Nzinga Mbandi: Comércio e Escravidão no Litoral Angolano no Século XVII*, mestrado orientado por Ciro Flamarion Cardoso, na Universidade Federal do Rio de Janeiro.

É interessante destacar que a pós-graduação em História foi implantada no Brasil em 1971. Carlos Fico e Ronald Polito afirmam que:

De 1971 a 1974, foram instalados 8 cursos de pós-graduação, na USP, UFPR, PUC-SP, UFGO, PUC-RS, FFCLSCJ/Bauru e UFPE. Todas estas pós-graduações eram cursos de mestrado, à exceção da USP, com doutorado em História Social e História Econômica. Na segunda metade dos anos 70, iniciaram suas atividades mais 4 cursos de mestrado, na UFSC, UnB, UNICAMP e UFRJ.¹⁰³

Iniciadas as atividades das pós-graduações, as instituições ainda não possuíam um perfil definido, nem um fluxo de pesquisa contínuo para conquistar bolsas em agências de fomento. Por isso, nos anos 1970 a pós-graduação no Brasil foi considerada incipiente, vindo a se consolidar realmente durante a década de 1980.¹⁰⁴ A citação anterior permite percebermos que quase 10 anos de existência de programas de pós-graduação foram necessários para a realização da primeira dissertação em História da África no Brasil, o mestrado de Pantoja, realizado em uma instituição criada na segunda metade da década de 1970.

Fico e Polito (1996) apresentam que, entre 1973 e 1979, foram defendidas 275 dissertações e 54 teses nos cursos de pós-graduação em História no Brasil, totalizando 309

¹⁰³ FICO, Carlos; POLITO, Roland. *A História no Brasil (1980-1989): elementos para uma avaliação historiográfica*. Ouro Preto: UFOP, 1992, p. 33.

¹⁰⁴ FICO, Carlos; POLITO, Roland. A historiografia brasileira nos últimos vinte anos: tentativa de avaliação crítica. In: MALERBA, Jurandir. *A velha história: teoria, método e historiografia*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

monografias.¹⁰⁵ Nenhum destes estudos dedicou-se à História da África, contudo, estes dados refletem um movimento similar na área dos estudos africanos, visto que nesta área o número de dissertações também era muito superior ao de teses.

No total, 17 monografias com assuntos relacionados ao continente africano foram escritas: 1 na década de 1960, 7 em 1970 e 9 de 1980 até 1987.¹⁰⁶ A maioria destes trabalhos, 11 deles, eram dissertações de mestrado, sendo 6 o quantitativo de teses de doutorado. Naquele momento da recém-regulamentação da pós-graduação no Brasil, naturalmente os pesquisadores estavam primeiramente realizando seus mestrados e depois seus doutorados, por isso o maior número de dissertações.

Já na década de 1980, ocorre um aumento substancial no número de monografias defendidas na área de História, 817 ao todo. Destes, 665 eram dissertações e 152 teses.¹⁰⁷ Até 1987, somente a dissertação de Selma Pantoja, dentre os mais de 800 trabalhos, era da área de História da África. Neste mesmo ano de 1987, Henrique Altemani de Oliveira defendeu sua tese de doutorado, *Política externa brasileira e relações comerciais Brasil-África*, novamente orientado por Fernando Augusto Albuquerque Mourão, na Universidade de São Paulo.

Sobre os pesquisadores, a maioria é composta por homens, mas há uma diferença em relação às revistas, pois a desigualdade não é tão substancial. Ao todo, são 8 homens e 7 mulheres. Henrique Altemani de Oliveira e Yêda A. Pessoa de Castro escreveram suas dissertações e teses durante o período delimitado pelo recorte temporal da presente pesquisa. A respeito dos orientadores, os homens predominam fortemente com 10 professores, ao passo que apenas 2 professoras compõem os quantitativos de orientação. Mourão foi o professor que mais orientou trabalhos, 4 no total; seguido de Maria Aparecida de Campos Brando Santilli, com 2. Fico e Polito apontam que, na área de História, o número de orientadores é substancialmente mais elevado do que de orientadoras neste mesmo período.¹⁰⁸

Área e subárea de conhecimento

A Área de conhecimento das Ciências Humanas foi a predominante, com 10 trabalhos. Linguística, Letras e Artes predominou nos outros 7. As duas subáreas mais

¹⁰⁵ FICO, Carlos; POLITO, Roland. *A História no Brasil (1980-1989): elementos para uma avaliação historiográfica*. Ouro Preto: UFOP, 1992, p. 42.

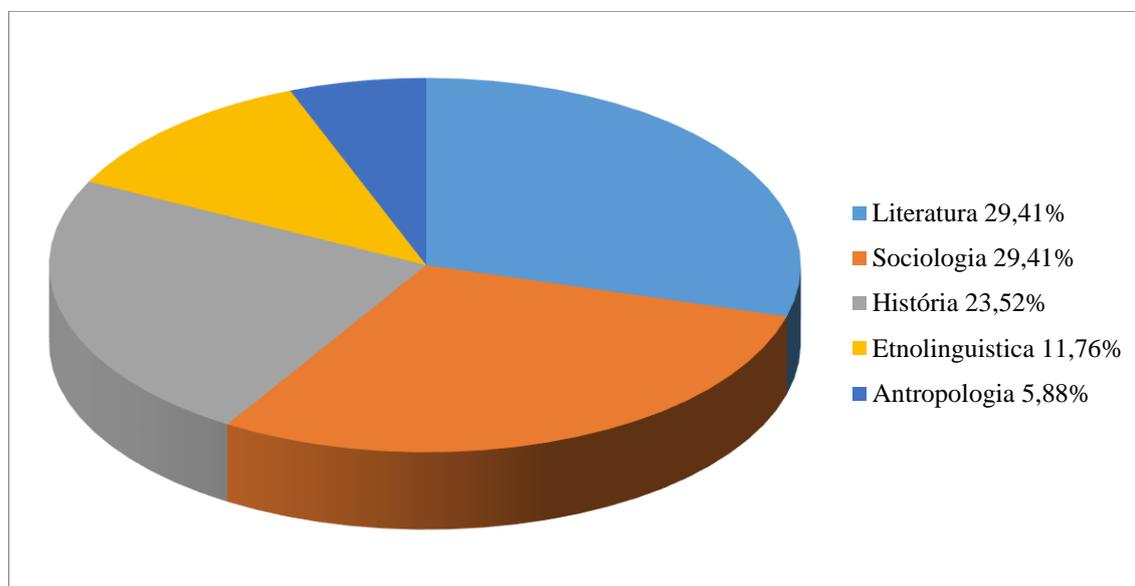
¹⁰⁶ A título de informação, até o final da década de 1980, mais 7 monografias foram defendidas: 2 em 1988 e 5 em 1989.

¹⁰⁷ FICO; POLITO, 1992, p. 42.

¹⁰⁸ FICO; POLITO, 1992, p. 50.

pesquisadas foram Sociologia e Literatura, tiveram 5 trabalhos cada. Fernando Mourão, professor de uma cadeira de Sociologia e orientador de muitos trabalhos, contribuiu para essa produção. A área de História contou com 4 dissertações, 3 delas defendidas no exterior. Etnolinguística teve 2 trabalhos, ambos de Yeda Pessoa de Castro. E por último, foi defendida 1 dissertação na área de Antropologia. O Gráfico 6 permite melhor vislumbrarmos estes dados.

Gráfico 6 – Subáreas de conhecimento das teses e dissertações brasileiras sobre África (1969-1987).



Fonte: Teses e dissertações brasileiras sobre África (1969-1987). Total de 17 monografias.

Apesar de a UFBA ser a universidade que primeiro institucionalizou os estudos africanos, ela não produziu tese ou dissertação na área até a década de 1990 por não contar com cursos de pós-graduação. Seus pesquisadores, para poderem se aperfeiçoar, migravam para outras universidades, como fizeram Yêda A. Pessoa de Castro e Julio Braga Santana.

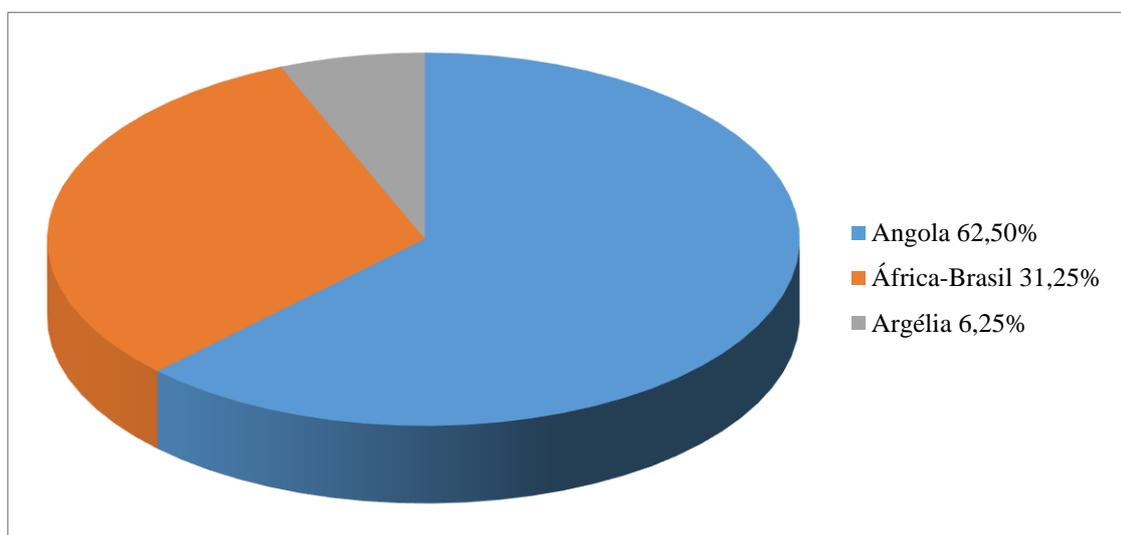
No Brasil, por contar com os programas de pós-graduação mais antigos do país, a Universidade de São Paulo foi predominantemente a instituição que mais produziu dissertações e teses sobre África, com 9 trabalhos. A UFF e a UFRJ produziram 1 monografia cada. 4 universidades estrangeiras, 2 africanas, 1 latino-americana e 1 europeia

formaram pesquisadores brasileiros. A Universidade do Zaire lançou 2 monografias, assim como *El Colegio de México* e as Universidades de Ifé, Católica da Bélgica 1 cada.

A respeito do recorte temporal dos textos, pelo acesso a fontes e pelos temas em voga, 13 trabalhos focaram o século XX, e outros 4 se dedicaram a períodos anteriores. A dissertação de Selma Pantoja limitou-se ao século XVII e a de Manolo Florentino do século XV ao XIX. José Flávio Sombra Saraiva se debruçou por um longo recorte, do século XVI ao XX. Do mesmo modo, a monografia de Mario José Maestri Filho delimitou para pesquisa o século XVI a XVII.

Na delimitação espacial das pesquisas, Angola é o país mais pesquisado. Nas revistas, o país também está entre os mais recorrentes nos artigos. Certamente, a língua em comum, as relações especiais mantidas entre os países contribuíram para o interesse de pesquisadores brasileiros em estudar Angola. Em seguida, relações África-Brasil predominam nas pesquisas, e em depois um trabalho sobre Argélia, conforme o gráfico abaixo:

Gráfico 7 - Recorte geográfico das teses e dissertações brasileiras sobre África (1969-1987).



Fonte: Teses e dissertações brasileiras sobre África (1969-1987). Total de 17 monografias.

Apesar de se esperar sempre um volume maior de trabalhos sobre Angola, é interessante perceber que outros países com os quais o Brasil também mantinha relações acadêmicas e culturais, como a Nigéria, não foram pesquisados. Isso nos leva a refletir que

para a escolha do recorte geográfico nas pesquisas, a língua era um fator realmente importante, uma vez que neste período, o estudo de uma língua estrangeira fazia-se menos acessível.

Três principais motivos podem ser elencados para a insipiente produção das décadas de 1960 até 1980: primeiro, a falta de orientadores aptos a trabalhar com temas relacionados a África, uma vez que praticamente não havia pesquisas e especialistas sobre o assunto; segundo, a dificuldade de acesso a fontes, pois na maioria das vezes estas se encontravam fora do Brasil; e, por último, as poucas referências bibliográficas encontradas nas bibliotecas brasileiras desencorajavam os pesquisadores a se debruçar sobre a temática.

Na análise das revistas, averiguamos o perfil dos pesquisadores que publicaram artigos. Nas teses e dissertações, este perfil é muito mais homogêneo, pois além da menor quantidade de autores a serem avaliados, todos são brasileiros e a maioria, durante a pós-graduação, estava vinculada a universidades brasileiras. Das profissões, 4 eram sociólogos, 4 historiadores, 1 linguista, 1 antropólogo e 6 pessoas formadas em Letras. Das universidades a qual pertenciam, 9 eram da USP, 2 da *Université National du Zaire*, 2 de *El Colegio de México*, 1 da *University of Ifé*, 1 da *Université Catholique de Louvain* (Bélgica), 1 da UFF e 1 da UFRJ.

2.3 LIVROS

Em nossa pesquisa, 37 livros escritos entre 1959 e 1987 foram catalogados. Obras de literatura, poesia e relatos de viagem ou jornalísticos, não foram consideradas, pois nosso objetivo é a análise da produção acadêmica nas Ciências Humanas. Por isso, estabelecemos um padrão, onde a carreira do autor, a abordagem do livro e a construção do texto (utilização de notas de rodapé, citação de bibliografia, referências bibliográficas) foram critérios para selecionar as obras consideradas acadêmicas.

Como citado, 1960 foi considerado pela ONU como o “ano da África”. Os diversos países que conquistaram suas independências e provocaram profundas mudanças políticas e econômicas no continente, colocaram a África em destaque no mundo. Por isso, diversos pesquisadores despertaram interesse pelas possibilidades que se abriram, e se debruçaram a estudar o assunto. Esta euforia pode ser percebida no volume de publicações nesta década, 20 no total.

Carlos Fico e Ronald Polito afirmam que neste período, as pesquisas, em especial na área de História, não estavam necessariamente ligadas a universidades, uma vez que a pós-graduação no Brasil ainda estava se consolidando.¹⁰⁹ Esta informação ajuda a compreender o contraste entre a produção quase inexistente na academia na década de 1960 em comparação com a intensa publicação de livros no mesmo período, pois como ainda não haviam cursos de pós-graduação devidamente institucionalizados, os pesquisadores realizavam suas atividades por conta própria. Na década de 1970, 6 livros foram publicados, e até 1987 mais 11 obras foram lançadas.

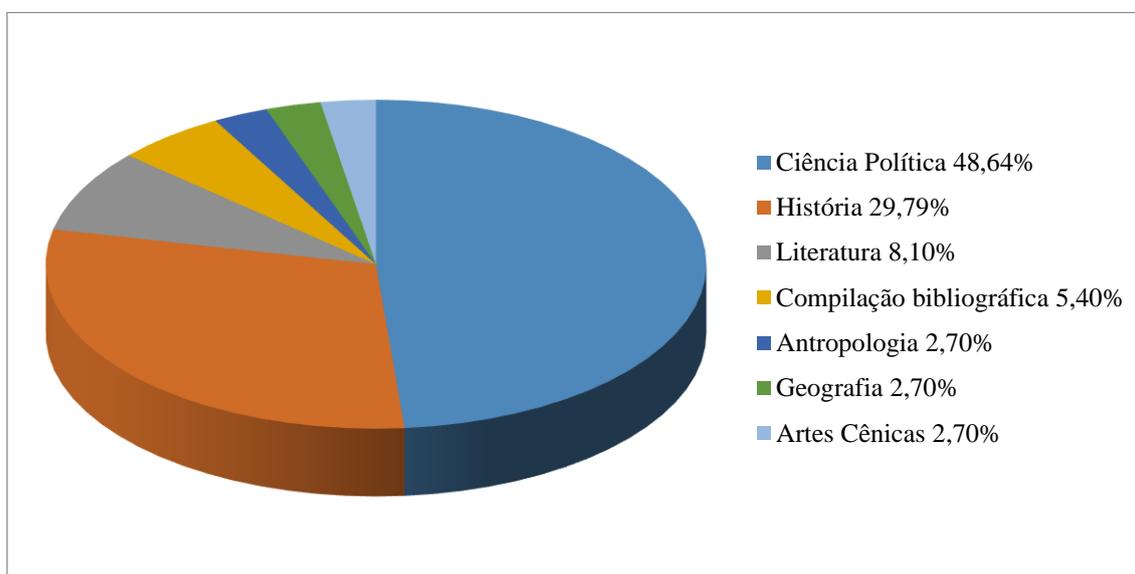
As transformações ocorridas em África no século XX foram tema bastante presente nos livros publicados. Por este motivo, a conjuntura política e econômica contemporânea do continente foi a temática mais estudada, com 18,91% do total. Em seguida, o colonialismo foi o assunto mais publicado, com 16,21% do total. A história antiga africana também foi recorrente, o Egito em especial, com 8,10% dos livros; mesma porcentagem das compilações bibliográficas, obras de indexação de bibliografia sobre África.¹¹⁰ Os 48,68% dos livros restantes, possuem, em sua maioria, temas dentro do campo da Ciência Política, como política externa, geopolítica, imigração, independências.

A subárea de Ciência Política foi a disciplina mais recorrente nos livros, totalizando 48,64% do total; seguida de História, com 29,79% e Literatura com 8,10%, conforme aponta o gráfico 8:

¹⁰⁹ FICO; POLITO, 1992, p. 31.

¹¹⁰ Todas foram escritas por Fernando Augusto de Albuquerque Mourão e publicadas pelo CEA.

Gráfico 8 – Subáreas de conhecimento dos livros sobre África publicados no Brasil entre 1961 e 1987.



Fonte: Livros sobre África publicados no Brasil entre 1961 e 1987. Total de 37 livros.

No recorte geográfico dos livros, a África enquanto continente é predominante, com 51,35% do total, perpassando por diversos países. Em seguida, as relações África-Brasil marcam o recorte de 24,32%, seguido de Angola com 8,10%, Nigéria e Egito aparecem com 5,40% cada. Por sua vez, os 8,10% restantes são de textos dedicados a recortes como América Latina e África, Terceiro Mundo e, por fim África, Ásia e Europa em conjunto.

Como percebemos nas demais publicações, o século XX também foi o recorte temporal mais frequente nos livros, totalizando 27 das obras, ou 72,97%. Livros sobre África Antiga (compreendiam de 3000 a. C. ao século II a.C.) compunham 8,10%. Com recorte em finais do século XIX e início do XX somam-se 5,40% ao todo.

Diferente das revistas, sob responsabilidade de publicação dos diretores dos Centros de Estudos Africanos, ou das monografias, que tem sua divulgação muitas vezes restrita ao meio universitário, os livros passam por um processo de editoração para serem publicados e depois distribuídos em livrarias nacionais, ou seja, os autores necessitam de editoras interessadas pela temática para ter o livro impresso e circulando.

Dos 37 livros, nenhum teve publicação independente, pois todos contam com selos de editoras. 6 deles foram impressos por órgãos públicos: a obra de Amilcar Alencastre, intitulada *Oswaldo de Aranha, Oswaldo Aranha, o mundo afro-asiático e a paz*, publicada

em 1961 pelo Serviço de Documentação do antigo Ministério do Trabalho e Previdência Social (MTPS); e o livro *África: geohistória, geopolítica e relações internacionais*, de Therezinha de Castro, pela Biblioteca do Exército Editora, em 1981; o extinto IBEEA – Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos, vinculado a presidência da república, publicou 4 livros em sua curta existência (1961 a 1964). Em 1962, 3 livros foram lançados: *Terceiro Mundo: unidade e emergência*, de J. Soares Pereira; *Dois caminhos da revolução africana*, de Moacir Werneck de Castro e *A revolução no trópico*, de Vamireh Chacon. Em 1963 foi lançado o livro *Nacionalismo e Desenvolvimento*, de Cândido Antônio Mendes de Almeida.

De todos os livros, somente *A agricultura africana nos séculos XVI e XVII no litoral angolano*, de Mario José Maestri Filho, de 1978, não foi publicado no eixo Rio de Janeiro (19 livros) - São Paulo (17 livros). Fruto da dissertação de Maestri Filho, a obra foi publicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Quem mais publicou livros sobre África, junto com o IBEEA, foi a Editora Brasiliense, também com 4 obras. Em seguida, a Editora Civilização Brasileira com 3, mesmo número de publicações do CEA/USP. A Editora Prado, a Atual Editora e a Editora Codecri lançaram 2 títulos cada uma.

No perfil dos pesquisadores, a disparidade entre homens e mulheres é novamente significativa, com 24 autores e somente 5 autoras. No total, 4 escreveram mais de um livro. Amilcar Alencastre e Fernando Augusto de Albuquerque Mourão publicaram 4 livros cada um. João Alves das Neves, Ciro Flamarion Cardoso e Carlos Comitini 2 livros cada um. Destes pesquisadores, todos são brasileiros e a maioria, 62,06%, vinculada a uma universidade, sendo a USP a predominante, seguida da UFF e UFRJ. 13,79% eram vinculados ao extinto IBEEA (Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos) e 10,34% pertenciam a Academia Brasileira de Letras.

Quanto às profissões, 24,13% eram historiadores, 10,43% jornalistas e 6,89% geógrafos. Os demais profissionais que publicaram livros sobre África eram diplomatas, críticos literários, escritores, médicos, políticos, antropólogos, sociólogos e cientistas sociais.

Dos pesquisadores, Fernando Augusto de Albuquerque Mourão é o único que transita em todos os tipos de publicações, com artigos na *Afro-Ásia* do CEA/O e na *África*, da USP, do qual era vice-diretor. Além disso, defendeu a primeira monografia sobre o continente africano no Brasil, em 1969, orientou monografias e publicou 4 livros sobre a

temática. Ciro Flamarion Cardoso, além dos 2 livros que escreveu, foi orientador de Selma Pantoja na primeira monografia de História escrita no Brasil sobre África. Mario José Maestri Filho transformou sua dissertação de mestrado em livro, publicado um ano depois de sua defesa. O historiador José Honório Rodrigues, além do livro publicado, também escreveu um artigo na *Afro-Ásia*.

Alguns pesquisadores que escreveram monografias, como Yêda Pessoa de Castro, Júlio Braga Santana, Fábio Rubens da Rocha Leite, Henrique Altemani de Oliveira e Luzia Garcia do Nascimento, por estarem vinculados a universidades como a USP ou a UFBA, que possuíam Centros de Estudos Africanos, também publicaram artigos nas revistas dos centros. Contudo, os autores escreveram pouco em diferentes tipos de publicações. São escassos os que escreveram em diferentes revistas, ou que também publicaram livros, totalizando apenas 13, dentre 214 pesquisadores.

2.4 COMPUTO GERAL:

Compilando todos os números referentes a revistas, monografias e livros, percebe-se a grande desigualdade de gênero, pois há 40 mulheres e 175 homens, em uma proporção de 4,37 homens para cada 1 mulher. Este dado representa um paradoxo, uma vez que Guedes aponta que o número de mulheres em cursos de pós-graduação na área de Ciências Humanas é, desde a década de 1970, mais elevado que o de homens.¹¹¹ Jaqueline Leta, por sua vez, afirma que apesar de as mulheres serem maioria nas Ciências Humanas, tanto como alunas quanto docentes universitárias, elas até hoje ocupam menos cargos de administração e liderança. Também são minoria nas agências de fomento à pesquisa no país e nos comitês científicos que decidem sobre a distribuição das bolsas de estudos e seus valores.¹¹²

Estes fatores, de certa forma, inibiam e inibem até hoje a produção acadêmica feminina. Maria Yedda Linhares, por exemplo, em entrevista a Jerry D'Ávila, falou que passou a se dedicar a História da África, pois foi a única disciplina que seu departamento, composto inteiramente por homens, “permitiu” que ela pesquisasse, pois na época esta era

¹¹¹ GUEDES, Moema de Castro. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.117-132, jun. 2008, p. 126.

¹¹² LETA, Jaqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. *Estudos Avançados*, 17 (49), 2003, p. 280.

considerada uma matéria periférica, e por isso não despertava o interesse de nenhum colega de departamento.¹¹³

No total das publicações, também foi evidenciado o predomínio de algumas áreas, conforme o quadro abaixo.

Quadro 5 - Subáreas das revistas, monografias e livros publicados sobre África no Brasil.

Disciplina	Afro-Ásia	Estudos Afro-Asiáticos	África	Teses e Dissertações	Livros	Total
História	40	12	21	04	11	88
Ciência Política	06	15	07	---	18	46
Literatura	02	05	19	05	03	34
Antropologia	15	02	14	01	01	29
Sociologia	09	06	8	05	---	28
Outros¹¹⁴	6	---	01	---	03	14
Linguística	06	---	04	02	---	12
Economia	---	10	01	---	---	11
Belas	04	01	02	---	01	08
Filosofia	01	01	02	---	---	04
Educação	01	---	---	---	--	02
						275

Fonte: Revista *África*, 1978-1987. 10 números. Total de 79 artigos; Revista *Estudos Afro-Asiáticos*, 1978-1987. 13 números. Total de 52 artigos; Revista *Afro-Ásia*, 1965-1983. 14 números. Total de 90 artigos; Teses e monografias: total de 17; Livros: total de 37.

Das diversas subáreas que contribuiriam para os Estudos Africanos no Brasil, através desta pesquisa, podemos verificar que o campo predominante é a História, com 31,02% das 274 publicações compiladas. Em seguida estão Ciência Política, que possui 16,78% do total; Literatura com 12,40%; Antropologia 10,94%; e, a quinta área mais comum, a Sociologia, com 10,21%. Do recorte temporal, relacionado com as disciplinas,

¹¹³ D'ÁVILA, Jerry. *Hotel Trópico: O Brasil e o desafio da descolonização africana, 1950 – 1980*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

¹¹⁴ Na revista *Afro-Ásia*, o item “outros” refere-se a biografias, relatos de viagem e etnomusicologia. Na revista *África* trata-se da etnomusicologia. Nos livros referem-se aos temas: compilação bibliográfica e geografia.

pode-se perceber que o século XX é terminantemente o século que predomina em todos os tipos de publicações.

Já sobre os recortes geográficos, podemos realizar algumas reflexões analisando os Quadros 5 e 6, na sequência.

Quadro 6 - Recorte geográfico geral das revistas, monografias e livros publicados sobre África no Brasil.

Recorte Geográfico	Afro-Ásia	Estudos Afro-Asiáticos	África	Teses e Dissertações	Livros	Total
África	24	19	55	11	26	135
Brasil	34	13	06			53
África-Brasil	07	08	03	06	08	32
África-América	05	04	03	---	01	13
Outros	20	09	10	---	02	41

Fonte: Revista *África*, 1978-1987. 10 números. Total de 79 artigos; Revista *Estudos Afro-Asiáticos*, 1978-1987. 13 números. Total de 52 artigos; Revista *Afro-Ásia*, 1965-1983. 14 números. Total de 90 artigos; Teses e monografias: total de 17; Livros: total de 37.

Nas revistas, optamos por agregar todos os artigos, até mesmo os não relacionados com África para avaliar os periódicos em sua totalidade. Porém, as monografias e os livros são dedicados exclusivamente ao estudo do continente africano. As relações entre África e Brasil também estão presentes, e representam 11,67% do total de obras analisadas. Já os trabalhos envolvendo América e África são 4,74%.

Quadro 7 - Recorte geográfico da África em revistas, monografias e livros publicados sobre África no Brasil.

Recorte Geográfico	Afro-Ásia	Estudos Afro-Asiáticos	África	Teses e Dissertações	Livros	Total
África geral	10	08	29	02	19	68
Angola	02	03	06	08	03	22
Nigéria	03	---	04	---	02	09
Cabo Verde	---	---	07	---	---	07
Daomé	05	---	---	---	---	05
Zaire	---	---	05	---	---	05
África do Sul	---	04	---	---	---	04
Benin	01	---	02	---	---	03

Guiné-Bissau	---	02	01	---	---	03
Egito	---	---	---	---	02	02
Argélia	---	---	---	01	---	01
Reino do Ngoyo	---	---	01	---	---	01
Namíbia	---	01	---	---	---	01
Moçambique	---	01	---	---	---	01
Reino de Gana	01	---	---	---	---	01
Congo	01	---	---	---	---	01
Etiópia	01	---	---	---	---	01

Fonte: Revista *África*, 1978-1987. 10 números. Total de 79 artigos; Revista *Estudos Afro-Asiáticos*, 1978-1987. 13 números. Total de 52 artigos; Revista *Afro-Ásia*, 1965-1983. 14 números. Total de 90 artigos; Teses e monografias: total de 17; Livros: total de 37.

Os números desta análise geral são similares ao trabalho realizado com as revistas dos CEAs. Os textos que abrangem o continente africano como um todo, sem um país ou local especificamente analisado são maioria, como pode ser percebido na análise apresentada. Entre os que possuem recorte específico, Angola predomina como o país mais estudado, com 22 trabalhos, seguida de Nigéria, Cabo Verde, Daomé, Zaire, África do Sul, Benin e Guiné. Os demais países foram objeto de estudo somente 1 vez.

Temos assim, um cenário visualizado com maior facilidade acerca dos estudos africanos no Brasil. Mais uma vez, é importante ressaltar que estas interpretações não são totalizantes. Constituem, portanto, reflexões realizadas a partir de uma análise qualitativa da produção brasileira, uma vez que balanços historiográficos são importantes pois auxiliam a perceber os avanços já realizados e garantem a legitimidade do processo de construção de uma inteligibilidade para o passado.

3 UMA ANÁLISE DIRECIONADA DA PRODUÇÃO BRASILEIRA SOBRE ÁFRICA

Este capítulo analisa a repercussão e o alcance da produção de conhecimento sobre África no Brasil, e também avalia as obras específicas da área de História da África, fazendo uma radiografia do que em si foi produzido na área de História. Enfocamos quais os principais temas e autores, bem como as correntes historiográficas que influenciaram os pesquisadores brasileiros.

Para o exame da repercussão das obras, como estamos trabalhando com diferentes tipos de publicações, utilizamos distintas metodologias. Na análise das revistas, o impacto da obra foi examinado a partir da periodicidade e continuidade, além da participação de autores internacionais, indicando o alcance global delas, pois a prática de permuta de revistas acadêmicas entre universidades de todo o mundo era algo comum.¹¹⁵ Por isso, quanto mais pesquisadores estrangeiros colaborando, maior o número de trocas com diferentes instituições internacionais.

As monografias foram avaliadas a partir da carreira acadêmica dos pesquisadores, aqueles que continuaram a se dedicar ao tema e a orientar futuros trabalhos na área, e também quais monografias tornaram-se livros publicados. Os livros, por sua vez, foram avaliados pelas editoras que os publicaram, e pelo número de edições das obras.

Assim como Fico e Polito (1992), acreditamos na importância de analisar a repercussão das publicações, considerando “o fenômeno historiográfico em sua globalidade, isto é, não apenas como conhecimento produzido, mas como conhecimento que, de alguma maneira, se realiza em outros níveis, os da publicação, da leitura ou da crítica.”¹¹⁶

¹¹⁵ MUNANGA, 2012, p. 26.

¹¹⁶ FICO; POLITO, 1992, p. 21.

3.1 ALCANCE E REPERCUSSÃO DAS PUBLICAÇÕES

3.1.1 Revista *Afro-Ásia*

Dentro do recorte temporal deste trabalho, a revista *Afro-Ásia* publicou 14 números, de 1965 a 1983. Com seu fôlego inicial, lançou 6 números ininterruptamente, de 1965 a 1970. Contudo, na década de 1970, só em 1976 uma nova edição foi disponibilizada ao público leitor. Novamente ocorreu um intervalo significativo entre uma publicação e outra, sendo o próximo número lançado apenas em 1983, e outro em 1989. A partir da década de 1990 o periódico retoma a regularidade das publicações.

Em sua primeira edição, mais da metade dos artigos foram escritos por pesquisadores vinculados ao CEAO. Contudo, nos outros números das revistas a contribuição maior foi sempre de pesquisadores estrangeiros. Ao todo, das 62 pessoas que publicaram artigos na *Afro-Ásia*, 11 eram associadas do CEAO, 30 eram pesquisadores de instituições estrangeiras, 20 eram de instituições brasileiras e uma única pesquisadora não apresentou vínculo, impossibilitando identificar sua formação no Brasil ou, se ocorrida no exterior.

Este expressivo número de colaboradores internacionais é um importante indicador do alcance da revista, uma vez que os pesquisadores que publicavam recebiam seus exemplares do periódico, uma forma de divulgar os trabalhos em diversos lugares do mundo. É válido destacar também, que as contribuições para o periódico eram, em sua maioria, de professores universitários. Consideramos este fator valioso, pois a colocação destes pesquisadores possibilitava uma maior disseminação de conhecimento, tanto em sala de aula quanto na orientação de alunos de graduação e pós-graduação.

Além disso, estes pesquisadores representavam importantes instituições como: *Howard University* (EUA), *Institut Fondamental d'Afrique Noire* (Senegal), *New York University* (EUA), *Oxford University* (Inglaterra), *Université Libre du Congo* (Congo), *Université de Paris* (França), *Ifé University* (Nigéria), *El Colegio de México* (México), *University of Port Harcourt* (Nigéria), *Toronto University* (Canadá), *Tel-Aviv University* (Israel), *Université Catholique de Louvain* (Bélgica), *Instituto Luis de Camões* (Macau), *Universidade da Cracovia* (Polônia), *University of Texas* (EUA), *Hunther College* (EUA),

Centre National de la Recherche Scientifique (França), *Northwestern University* (EUA), *Universidad Católica Andrés Bello* (Venezuela) e o *Musée d'Histoire de Ouidah* (Benin).

3.1.2 Revista *Estudos Afro-Asiáticos*

Da revista *Estudos Afro-Asiáticos* analisamos 9 dos 13 volumes publicados no período que abrange nosso recorte temporal da pesquisa. Como já citamos anteriormente, os números 6-7 e 8-9 são comunicações apresentadas em eventos do Centro de Estudos Afro-Asiáticos, e por isso não se encaixam nos moldes de artigos acadêmicos examinados nesta dissertação. O periódico manteve uma boa regularidade durante o período estudado, pois somente um ano - 1979 –, permaneceu sem publicação.

Dos 43 autores que publicaram na revista, 11 eram vinculados ao CEAA. Outros 12 pertenciam a instituições brasileiras como USP, UCG, UFRJ, UFF, UFBA, FUNCEX e IBGE. A *Afro-Asiáticos* também teve boa circulação internacional, pois os contatos estabelecidos com importantes universidades propiciou a colaboração de autores de diversos lugares do mundo como *Harvard University* (EUA), *Hunter College* (EUA), *Queen's University de Belfast* (Irlanda do Norte), Universidade do Porto (Portugal), *Dartmouth College* (EUA), Universidade Nova de Lisboa (Portugal), *Université de Grenoble* (França), *Elizabethtown College* (EUA), Instituto Nigeriano de Assuntos Internacionais (Nigéria), *Universidad Nacional de Rosario* (Argentina), *El Colegio de México* (México), Instituto de Estudos Latino-Americanos de Hamburgo (Alemanha) *Centro Argentino de Estudios Internacionales* (Argentina), Instituto Nacional da Guiné (Guiné Bissau), *University of Benin* (Nigéria).

3.1.3 Revista *África*

A *África* foi o único periódico com publicação ininterrupta no período pesquisado. Ao todo, 79 artigos foram analisados em 10 números da revista. Sobre os pesquisadores, 3 não conseguimos identificar a vinculação, 7 eram do CEA e 14 possuíam vínculo com

outras instituições brasileiras. O periódico foi o que mais contou com pesquisadores estrangeiros, sendo 41 ao todo, porém, nem todos vinculados a universidades, pois militantes nas lutas de independência, diplomatas e funcionários de órgãos públicos também enviaram artigos para a revista do CEA. É um número bem expressivo, e de acordo com Kabengele Munanga, a revista possui uma característica peculiar:

[...] sua maleabilidade em publicar artigos nas línguas de pesquisa e expressão científicas em que são escritos: francês, o inglês, o espanhol e as línguas africanas. Essa maleabilidade facilitou grande número de permutas com outras revistas congêneres de outros países, universidades e centros de estudos africanos.¹¹⁷

Sendo assim, essa facilidade potencializou o alcance internacional, lançando artigos de pesquisadores de diversos lugares como: *Université de Cocody* (Costa do Marfim), *Université Libre du Congo* (Congo), *Université Catholique de Louvain* (Bélgica), Serviço Nacional de Museus do Benin (Benin), *Institute of the National Museums in Zaire* (Zaire), *Hunther College* (EUA), *Ifé University* (Nigéria), *Université Nationale du Bénin* (Benin), *University of Ibadan* (Nigéria), *University of Toronto* (Canadá), *Université Laval* (Canadá), *University of Benin* (Nigéria), *Université de Kinshasa* (Congo), *University of Califórnia* (EUA), *Centre National de la Recherche Scientifique* (França), *Smithsonian Institution* (EUA), *Universidad Nacional de Rosario* (Argentina), *Universidad Argentina John F. Kennedy* (Argentina), Universidade de Cabo Verde (Cabo Verde), *Universidade de Dar es Salaam* (Tanzânia), *University of Nairobi* (Quênia).

3.1.4 Monografias

O alcance das monografias, como já destacado, será mensurado pela carreira dos pesquisadores, enfocando quais orientaram trabalhos na área e continuaram atuando neste campo dos estudos africanos. Consideramos que esta é uma forma de avaliar a relevância de seus trabalhos, pois a continuidade das pesquisas, o crescimento dos pesquisadores e sua influência em alunos e orientandos constitui uma forma de disseminar conhecimento. Além disso, monografias que se tornaram livros posteriormente, também são indicativos de sucesso e da procura pelas obras.

¹¹⁷ MUNANGA, 2012, p. 26.

Durante o período delimitado por esta pesquisa, 2 dissertações tornaram-se livros: *A agricultura africana nos séculos XVI e XVII no litoral angolano*, de Mario Maestri Filho e *A sociedade angolana através da literatura: a Luanda na obra de Castro Soromenho*, de Fernando Augusto Albuquerque Mourão. Maestri Filho defendeu seu trabalho em 1977 e o livro foi lançado no ano seguinte, 1978, mesmo ano em que foi publicado o livro de Mourão, cuja monografia foi defendida nove anos antes.¹¹⁸

A contribuição de Fernando Augusto Albuquerque Mourão para os estudos africanos no Brasil é importantíssima, e seu trabalho é um dos que possui maior alcance na área. A defesa de sua dissertação não marcou o início de seu diálogo com o campo, pois já havia auxiliado a fundar o CEA/USP anos antes. Além de fundador e coordenador do centro, e de escrever a primeira monografia brasileira sobre o tema, como já vimos, ele publicou artigos em diversas revistas acadêmicas e livros sobre o assunto. Também, como professor, lecionou inúmeras disciplinas vinculadas ao continente africano e orientou diversas dissertações e teses.

A contribuição de Yeda Pessoa de Castro para os estudos africanos também teve grande impacto. Além de mestrado e doutorado na área, Castro foi pesquisadora associada e coordenadora do CEAO/UFBA de 1981 a 1991. Publicou um grande volume de artigos, livros e capítulos de livro, além de orientar alunos em monografias na área de etnolinguística.

Júlio Braga Santana também tornou-se professor universitário e associado do CEAO/UFBA, desenvolvendo pesquisas na área de religiosidade. Publicou artigos, livros e capítulos de livros ligados ao assunto, além de lecionar e orientar alunos na temática.

Mario José Maestri Filho fez sua formação no exterior, mas atua até hoje como professor universitário no Brasil na Universidade de Passo Fundo (RS). Entretanto, Maestri Filho mudou de campo, lecionando e realizando pesquisas atualmente na área de História do Brasil, em especial no período do Império no Rio Grande do Sul.

Carlos Alberto Iannone também seguiu carreira acadêmica, mas não na área de literatura africana, dedicando-se atualmente à literatura portuguesa. A primeira orientanda de Mourão no campo dos estudos africanos foi Sósia Goldberg Rabin. Contudo, em nossa pesquisa não encontramos mais informações acadêmicas a seu respeito, o que nos leva a deduzir que Rabin não seguiu carreira.

¹¹⁸ Posteriormente, duas monografias também tornaram-se livro: Selma Pantoja adaptou sua dissertação para ser publicada em formato de livro no ano 2000, e Fabio Leite publicou sua tese em 2008.

Henrique Altemani de Oliveira tornou-se professor universitário na área de relações internacionais. Apesar de ter dedicado o mestrado e o doutorado a temas relacionados à África, atualmente não atua mais em temáticas pertinentes ao campo.

Fábio Rubens da Rocha Leite foi um dos únicos que se efetivou em uma universidade como pesquisador e não como professor, sendo concursado pela USP e vinculado ao CEA. Apesar de não ser professor, participou de diversas bancas de mestrado, doutorado e qualificações, além de publicar artigos e livros ligados à religiosidade de matriz africana.

Luzia Garcia do Nascimento defendeu sua tese na área de Literatura e participou da revista *África* do CEA. Contudo, não conseguimos informações da carreira acadêmica dela após a defesa de seu doutorado.

Tânia Celestino de Macedo tornou-se professora na USP e é atualmente vice-coordenadora do CEA. Macedo também ofereceu uma grande contribuição aos estudos africanos no Brasil, possuindo um número extenso de publicações e orientações na área.

Rita de Cássia Natal Chaves também seguiu carreira na USP e é professora universitária, seguindo discussões na área. Publicou artigos, livros e capítulos de livros relacionados ao tema, além de ter orientado diversas monografias.

José Flavio Sombra Saraiva defendeu sua dissertação na área de História, mas atualmente dedica-se às relações internacionais, ainda dentro da temática africana. Ele também seguiu carreira acadêmica e é professor universitário.

Manolo Florentino continuou sua formação na área de História da África, e atualmente suas pesquisas estão relacionadas ao tráfico de escravos e escravidão nas Américas e África. Ele também seguiu carreira acadêmica, publicando diversos textos e orientando monografias.

Virgínia Maria Gonçalves é professora universitária, mas com olhares voltados atualmente à literatura portuguesa, e não mais à angolana.

Selma Alves Pantoja dedica-se até hoje a História da África. Professora universitária da UNEB, publicou diversas obras e orientou dezenas de alunos na área dos estudos africanos.

Conhecendo a carreira dos pesquisadores, verificamos que a maioria se aperfeiçoou academicamente através de mestrados e doutorados, tornando-se professores universitários. Das 15 pessoas que defenderam monografias sobre África entre 1959-1987, somente no caso de 2 não temos informações sobre a continuidade na carreira acadêmica. Entre os

demais, todos os 13 seguiram carreira acadêmica e 9 prosseguiram na área dos estudos africanos.

Este dado mostra que as monografias têm um grande impacto nos estudos africanos, uma vez que a maioria dos pesquisadores dedicaram suas carreiras ao tema, dando continuidade a pesquisas, disseminando conhecimento e contribuindo para o crescimento do campo.

3.1.5 Livros

Para a análise dos livros, dois critérios foram escolhidos: o primeiro é similar ao exame das monografias, pois pretendemos constatar, dentre os pesquisadores, quais ainda se dedicam ao tema; e, o segundo, analisar as editoras. Sabemos que a análise das editoras pode ser polêmica, pois muitas vezes, livros de impacto e importância acadêmica não são reeditados, ou são impressos em poucas tiragens. Contudo, acreditamos que em uma análise conjunta com a carreira dos pesquisadores que os escreveram, os dados coletados são relevantes e podem validar nossa interpretação.

Dos 28 autores, 13 possuíam carreira acadêmica e eram vinculados a universidades. Destes, somente Milton Santos, Fernando Augusto Albuquerque Mourão, Maria Yedda Linhares, Ciro Flamarion Cardoso e José Flávio Sombra Saraiva continuaram trabalhando com temas relacionados à África. Dos demais pesquisadores, somente 3 escreveram mais de um livro sobre África, indicativo de que nem todos tiveram interesse em continuar pesquisando sobre o continente.

Quanto ao alcance de suas obras, dos 37 livros publicados no período, 9 tiveram mais de uma edição publicada, e os 28 restantes somente uma edição. Entre os livros com mais edições, a obra de Leticia Bicalho Canêdo, *A descolonização da Ásia e da África*, recebeu 14 edições, revisadas e ampliadas. Este fato é interessante, pois coloca a obra como um fenômeno de vendas, apesar de Canêdo ser professora universitária, sua formação e carreira não se voltam aos estudos africanos.

O livro fez parte de uma coletânea de 16 obras da *Atual Editora*, chamada *Discutindo a História*, que teve um bom alcance e repercussão, pois todas as obras, apesar de escritas com rigor acadêmico, possuíam uma linguagem fácil e acessível ao público

leigo. O segundo livro mais editado foi o clássico do historiador José Honório Rodrigues, *África e Brasil: outro horizonte*, consolidando, ao todo, 6 edições revisadas, ampliadas e publicadas pela *Editora Civilização Brasileira*. Na terceira colocação ficou a obra de Maria Yedda Linhares, *A luta contra a metrópole (Ásia e África: 1947-1975)*, com 5 edições pela *Editora Brasiliense*.

Outro livro marcante foi *História da África: anterior aos descobrimentos*, de Mário Curtis Giordani, publicado pela *Editora Vozes*, reimpresso 4 vezes. *Trabalho compulsório na antiguidade*, de Ciro Flamarion Cardoso recebeu 3 edições, pela *Edições Graal*. *Ásia, África e política independente do Brasil* de Adolfo Justo Bezerra de Menezes, *A Nova África* de João Alves das Neves e *Made in África* de Luís da Câmara Cascudo e *Nacionalismo e Desenvolvimento* de Cândido Mendes receberam 2 edições cada. A obra *Nacionalismo e Desenvolvimento* foi a única publicada por editoras diferentes: a primeira vez pelo extinto IBEAA e a segundo pela UCAM.

Podemos avaliar que a maioria dos livros teve pouca repercussão, pois não venderam o suficiente para despertar o interesse das editoras em realizar novas edições. Muitos livros foram publicados por editoras que na época eram pequenas, imprimiam poucas tiragens e não tinham muita estrutura para disseminação e divulgação das obras. Algumas delas conseguiram crescer e se fortalecer, como a *Editora Brasiliense*, *Editora Ática*, *Zahar Editores* e *Editora Vozes*, que se consolidaram e até hoje estão no mercado editorial. Outras como a *Editora Codecri*, *Editora Coliseu* e *CRD Edições* foram extintas ou incorporadas a outras empresas.

Assim, podemos ver que o alcance dos livros dependeu não apenas da qualidade da obra, mas também da editora que o publicou. Por isso, pesquisadores de peso como Fernando Augusto Albuquerque Mourão, que lançou sua tese e outros livros pelo CEA/USP, por exemplo, teve sua obra menos disseminada no país do que Canêdo, que não é uma especialista na área.

3.2 ANÁLISE DAS PUBLICAÇÕES NA ÁREA DE HISTÓRIA

3.2.1 Afro-Ásia

A revista *Afro-Ásia* publicou, dentro do recorte temporal analisado, 40 artigos na área de História. Dentre eles, 18 na área de História da África, ou seja, quase metade do total de publicações de História. Na análise realizada no segundo capítulo desta dissertação, contabilizamos todos os textos da revista com a finalidade de caracterizá-la e compará-la com as demais. Entretanto, o exame que aqui segue é mais específico, e os artigos sobre História sem recorte geográfico sobre o África também foram descartados.

Dos 3 periódicos, este foi o único contendo resumos em português, inglês e francês de cada texto. Porém, foi também o único a não registrar a bibliografia dos artigos, nem em notas de rodapé ou referências bibliográficas. Esta questão limita os critérios estabelecidos para a análise das obras, mas não a inviabiliza.

De modo geral, a maioria dos artigos se dedica ao estudo do século XX e as questões pertinentes àquele momento, como o colonialismo e as independências africanas. A religiosidade e o período da escravidão também foram explorados, assim como a industrialização na Nigéria e questões teóricas sobre História da África. Daomé, Congo, Angola e Nigéria foram os principais países pesquisados, além de debates e apontamentos sobre o continente como um todo, principalmente nos artigos sobre o tema do colonialismo. Dos autores, 5 são do CEAO/UFBA, e os demais pertencem a instituições estrangeiras.

3.2.2 Estudos Afro-Asiáticos

Nesta revista, 12 artigos dedicaram-se ao campo da História, e 7 deles à História da África. Destes, apenas 2 não se voltaram ao século XX, tratando do retorno de escravizados ao continente africano e de questões de identidade e assimilação cultural. Os outros textos pautam o século XX e assuntos como o *apartheid* e o colonialismo, recorrentes nas pesquisas do CEAA. Estes temas normalmente englobam o continente africano por inteiro em seu recorte geográfico, e estes artigos não fogem à regra. Namíbia, África do Sul e relações entre África com outras regiões e lugares também foram estudados. Sobre os pesquisadores, 2 eram vinculados ao CEAA, 1 a PUC-RIO e os demais pertenciam a universidades estrangeiras.

Praticamente todos os artigos utilizam a bibliografia como fonte e somente um usa entrevistas, mas em sua bibliografia não registra metodologia referente a história oral. Do mesmo modo, a maior parte das referências são de autores estrangeiros, africanos em especial. Nelson Mandela, Amílcar Cabral, Kwane N'Krumah e Leopold Senghor foram frequentemente utilizados, além de outras importantes referências na área, como Catherine Coquery-Vidrovitch, Albert Memmi, Jean Chesneaux, Henri Grimal, Philippe Decraene e George Padmore.

3.2.3 África

No periódico *África*, 21 artigos na área de História foram publicados, e destes, 13 em História da África. Os recortes temporais são mais variados nesta revista do que nas duas primeiras, com trabalhos sobre os séculos XVI, XVIII e XIX. Os temas também variam, e Rainha Njinga, cultura yorubá, historiografia, ancestralidade, história de doenças, etc. Quanto aos pesquisadores, só há 1 brasileiro, e 1 norte-americano, os demais são todos africanos, em sua maioria professores universitários.

Os estrangeiros em sua maioria utilizam bibliografia internacional. Em geral, as bibliografias utilizadas pelos autores da revista *Estudos Afro-Asiáticos* são similares às do periódico *África*. Jan Vansina, John Fage, Leopold Senghor e B. Malinowski foram nomes recorrentes, além de uma grande quantidade de distintos autores africanos. As fontes utilizadas também foram muito variadas, e nos artigos há um maior equilíbrio entre fontes bibliográficas e primárias, além do uso de entrevistas. Os recortes temporais mais frequentes foram o continente africano como um todo, com 5 trabalhos, e, em específico, Angola com 4, Nigéria com 2, Zaire e Benin tiveram um trabalho cada.

Analisando os trabalhos, podemos perceber que a maioria dos escritos pertence a historiadores estrangeiros, em grande parte africanos. Este dado mostra não só a capacidade de articulação e alcance dos periódicos, mas também que os historiadores brasileiros, contribuintes com as revistas, estavam mais voltados para os estudos afro-brasileiros do que estudos africanos. As dificuldades em encontrar e acessar fontes primárias e bibliografia em português pode ter sido uma barreira para estes pesquisadores,

e por isso entre os que se dedicaram a escrever artigos sobre o tema, somente um não era vinculado a um CEA.

De um modo geral, a maioria dos trabalhos elegeu o século XX como recorte temporal, e as questões pertinentes ao momento vivenciado, como colonialismo, independências e negritude foram muito debatidos. A disputa teórica sobre História da África também apareceu, pois os artigos na década de 1980, como já vimos, foram palco de diversas mudanças teórico-metodológicas. Estes temas que demandavam análises abrangentes acabavam necessariamente a ampliar o recorte geográfico, e por isso o continente como um todo foi mais pesquisado do que países individualmente.

3.2.4 Monografias

No recorte temporal desta pesquisa, das 17 monografias defendidas, 4 eram da área de História, e 3 foram realizadas em universidades estrangeiras. A dissertação de Mario José Maestri Filho, *A agricultura africana nos séculos XVI e XVII no litoral angolano*, foi defendida na Bélgica, em 1977. José Flavio Saraiva fez sua dissertação, intitulada *Angola - Brasil, 1500-1980. Estudio de un caso en las relaciones y vinculaciones de África con América Latina* no *El Colegio de México*, em 1985. Manolo Florentino também defendeu sua dissertação no *El Colegio de México*, *La Trata Atlántica y las Sociedades Agrárias del Africa Occidental (Ensayo Sobre las Consecuências del Tráfico Negrero en la Agricultura del Oeste Africano, c. 1450-c.1800)* em 1985. E, a primeira monografia sobre história da África realizada no Brasil, defendida por Selma Alves Pantoja, em 1987, intitulada *Nzinga Mbandi: Comércio e Escravidão no Litoral Angolano no Século XVII*.

Os trabalhos de Pantoja e Maestri Filho, por ter o mesmo recorte geográfico, e um recorte temporal muito próximo, utilizam fontes e referências bibliográficas similares. Ambos fazem uso de documentos escritos por membros da Igreja Católica, além do acervo da administração portuguesa em Angola. Além disso, usam autores como Jan Vansina, Jean-Luc Vellut e Filippo Pigafetta como referência. Pantoja utiliza a dissertação de Maestri Filho como fonte também, além de um arcabouço um pouco mais atualizado, com autores da *Coleção História Geral da África* e nomes que se consolidaram como referência

na área, como Catherine Coquery-Vidrovitch, Beatrix Heintze, Paulo Lovejoy, Claude Meillassoux e Joseph Miller.

Já a dissertação de José Flavio Sombra Saraiva procura abranger um recorte temporal de cinco séculos e um recorte geográfico de dois continentes, acabando por priorizar Brasil e Angola neste contexto. Como Saraiva é especialista em relações internacionais, as fontes e bibliografia são dirigidas para este olhar. Ele utiliza um denso volume de fontes documentais e bibliográficas, ambas em diversos idiomas, principalmente em português, inglês, francês e espanhol.

Manolo Florentino, que realizou seu mestrado na mesma instituição e mesmo período que Saraiva, compartilha com o pesquisador uma metodologia, bibliografia e fontes semelhantes. Florentino também abrange em sua pesquisa um grande recorte temporal e espacial.

Os 10 anos que separaram o trabalho de Maestri Filho e de Pantoja foram marcados por importantes mudanças teórico-metodológicas, que podem ser percebidas nas dissertações. Apesar de utilizarem as mesmas fontes, a obra *A agricultura africana nos séculos XVI e XVII no litoral angolano* ainda se utiliza de autores eurocêntricos e com uma visão limitada de África. Este arcabouço teórico-metodológico impediu o autor de explorar as fontes em sua complexidade e multiplicidade, diferentemente de Pantoja que, pautada em autores que a auxiliaram a dar novos olhares as fontes, dedicou-se a um objeto de pesquisa tão original quanto foi seu trabalho, caracterizando assim sua dissertação ao movimento historiográfico da década de 1980, mencionado no primeiro capítulo de nosso trabalho.

As dissertações de Saraiva e Florentino, por sua vez, encontram-se entremeio esta transição. A tentativa de abarcar um grande recorte geográfico e temporal fizeram com que seu trabalho se aproximasse da abordagem tradicional de José Honório Rodrigues, discutido logo em seguida. Contudo, a busca por fontes heterogêneas e bibliografia diversificada também os aproximaram do novo modo de se fazer História da África.

3.2.5 Livros

Dos 37 livros analisados, 8 são do campo da História, dos quais 1 foi publicado na década de 1960, 1 na de 1970 e 6 na de 1980. O trabalho de José Honório Rodrigues, de 1961 seguiu uma tradição que procurava realizar uma história geral, e por isso, nele o autor analisava a história das relações entre África e Brasil do século XVI ao XX.

Os demais livros não seguem esta característica, e 3 deles têm como foco questões atuais do continente, como colonialismo, descolonização, imigração, política e economia, e portanto, o recorte geográfico é direcionado para o século XX. Outros 3 priorizaram a história antiga de África, em especial do Egito. E 1 livro trata da reconstituição histórica da agricultura em Angola, nos séculos XVI e XVII. Dos recortes geográficos, 6 destes livros abarcaram todo o continente, 2 se dedicaram exclusivamente ao Egito, 1 a Angola e outro a Nigéria.

Sobre os autores, a carreira José Honório Rodrigues se difere dos demais, pois apesar de possuir graduação e diversos cursos em universidades brasileiras e estrangeiras, ele não possui mestrado e doutorado. Contudo, foi um importante historiador brasileiro e membro de respeitáveis instituições: Academia Brasileira de Letras, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Academia Portuguesa da História, *American Historical Association* (EUA), *Royal Academy of History* (Inglaterra) e Sociedade Histórica de Utrecht (Países Baixos). Todos os outros autores - Mario José Maestri Filho, Maria Yedda Linhares, Ciro Flamarion Cardoso, Leticia Bicalho Canêdo, Mário Curtis Giordani e José Flávio Sombra Saraiva -, possuem mestrado e doutorado, mas não necessariamente as duas formações na área de História.

Brasil e África: outro horizonte (1961), de José Honório Rodrigues é uma das primeiras obras de historiadores brasileiros sobre África, e a primeira se posicionar contra o colonialismo. No livro, dividido em dois volumes, podemos perceber uma metodologia pontual. Sobre as suas fontes, os documentos que utilizou eram todos oficiais, como boletins, relatórios e documentos da ONU, de ministérios do governo brasileiro e de governos estrangeiros também, além de cartas, inventários, ofícios, atas de reuniões e anais da câmara de deputados. Rodrigues também valeu-se de documentos e informações de outros autores, todos devidamente citados, além de uma vasta bibliografia. Suas fontes e bibliografia foram indicadas no final do livro e em notas de rodapé ao longo do texto.

A bibliografia utilizada pelo autor é bem volumosa e diversificada, contando com livros, artigos, jornais, revistas e periódicos em português, francês, inglês, espanhol e alemão. No primeiro volume, o autor aborda o século XVI até 1960, utilizando muitos

autores brasileiros, principalmente Gilberto Freyre, José Honório Rodrigues (o próprio autor se cita 8 vezes), Thales de Azevedo, Nina Rodrigues, Florestan Fernandes, Roger Bastide, Edson Carneiro, Luís Viana Filho, Arthur Ramos, Orlando Ribeiro, Afonso de Taunay e Caio Prado Jr.

No segundo volume da obra, pautado no século XX, o autor utilizou somente um autor brasileiro, Moacir Werneck de Castro. A maior parte de sua bibliografia é estadunidense e inglesa, seguida de obras em francês e uma minoria em alemão e espanhol. É fato interessante que quando o autor escreve sobre os séculos XVI, XVII, XIII e principalmente XIX, utiliza uma bibliografia predominantemente brasileira, contudo, ao falar do século XX, cita praticamente só autores estrangeiros. Podemos atribuir a pouca produção brasileira sobre África no período a esta lacuna. Neste segundo momento da obra, autores como Charles Boxer, Charles Webster, Andrew Shonfield, William Butler, Paul Gache e Robert Mercier foram os mais citados por Rodrigues.

O livro de Mario José Maestri Filho, *A agricultura africana nos séculos XVI e XVII no litoral angolano* (1978), resultado de sua dissertação de mestrado, foi o único livro de História lançado na década de 1970, e a análise sobre ele é a mesma realizada a respeito de sua dissertação, uma vez que ambos são o mesmo produto.

Em comparação com a obra de José Honório Rodrigues, Maestri Filho também fez muito uso de bibliografia estrangeira, unanimemente francesa. Os dois historiadores não utilizam autores africanos para falar sobre África, preferindo escritores europeus. Contudo, suas escolhas são totalmente diferentes, visto não possuírem autores em comum. Maestri Filho, por exemplo, utilizou como principal referência Jan Vansina e seu orientador, Jean-Luc Vellut. Por sua vez, Rodrigues se apoiou em Charles Boxer e Donald Pierson.

Ciro Flamarion S. Cardoso publicou 2 livros: *O Egito Antigo* (1982) e *Trabalho compulsório na antiguidade* (1984), que abordam a África Antiga. O primeiro livro faz parte da coletânea *Tudo é História*, da *Editora Brasiliense*. O livro de Maria Yedda Linhares também compõe esta coleção, em disputa de mercado com *Discussindo a História*, da *Atual Editora*, que também lançou 2 livros sobre África, o de Letícia Bicalho Canêdo e o de Flávio Sombra Saraiva.

O Egito Antigo retrata a história do período faraônico e segue o padrão dos demais títulos da coletânea, uma leitura facilmente compreendida, acessível a diversos públicos leitores, sem notas de rodapé e indicação de fontes. A bibliografia foi organizada didaticamente e comentada pelo autor com sugestões de leitura. Primeiro Cardoso citou

três autores cujas obras estão traduzidas para o português e as demais referências, todas em idiomas estrangeiros, foram dispostas por assunto.

O outro livro do egiptólogo, *Trabalho compulsório na antiguidade*, não trata exclusivamente do Egito, mas também de outros lugares do mundo antigo. Com linguagem e formatação mais acadêmica, o livro traz uma importante contribuição, pois metade dele é informativo acerca do tema, e a outra metade é composta por fontes do período, que o autor sugere serem trabalhadas com alunos dos cursos de graduação em História. Os livros de Cardoso, por tratarem de temas diferentes de José Honório Rodrigues e Mario José Maestri Filho, também utilizam fontes e bibliografias distintas, embora também sejam em sua maioria europeias (francesas e inglesas).

Dentro da temática da África Antiga, o livro *História da África: anterior aos descobrimentos* (1985), de Mario Curtis Giordani é uma valiosa contribuição para a historiografia brasileira sobre África, pois é o primeiro historiador que trabalha efetivamente com autores africanos. O autor acessou estas bibliografias através da biblioteca do Centro de Estudos Afro-Asiáticos/UCAM, ao qual ele agradece em seu livro.

Em 1982 a Coleção *História Geral da África* chegou ao Brasil em uma versão traduzida e publicada pela *Editora Ática*. A chegada da Coleção H.G.A. gerou grande impacto, ampliando e tornando acessível o conhecimento sobre África, por ser em língua portuguesa, uma vez que, como vimos acima, a maior parte da bibliografia sobre o continente era publicada somente em outras línguas. Além disso, a Coleção deslocou o eixo de produção de conhecimento da Europa para o continente africano, valorizando pesquisadores e intelectuais que traziam uma nova visão e perspectiva de África, a partir de então estudada sem as lentes do eurocentrismo.

O trabalho de Giordani é um dos primeiros a representar o impacto e a importância destas obras, pois como podemos perceber em suas notas de rodapé, o H.G.A. é sua principal referência bibliográfica, em especial o volume I, que trata das questões metodológicas para abordagem sobre África e da Pré-História africana.

Apesar de trabalharem na mesma área, África Antiga, seu objeto de pesquisa é diferente, pois Ciro F. Cardoso dedica-se ao Egito, e Mario Giordani à África ao sul do deserto do Saara. Além de temas diferentes, eles também utilizam um aporte teórico distinto, visto que Cardoso priorizou autores europeus, franceses em especial, ao contrário de Giordani que utilizou em sua maioria pesquisadores africanos.

Os livros *A luta contra a metrópole - Ásia e África: 1947-1975* (1981), de Maria Yedda Linhares, *A descolonização da Ásia e da África* (1985), de Letícia Bicalho Canêdo, e *Formação da África Contemporânea* (1987), de José Flávio Sombra Saraiva, por possuírem temáticas similares, foram analisados em conjunto. Todos pertencem a coleções, sendo o de Linhares vinculado a *Tudo é História*, da *Editora Brasiliense*, e os outros 2 pertencem a coletânea *Discutindo a História*, da *Atual Editora*. Essa característica influenciou no formato dos livros, marcados por uma linguagem acessível e de fácil compreensão. Os três discutiam questões atuais do continente africano naquele período, principalmente os impactos do colonialismo, das independências e as transformações políticas e econômicas vigentes em África.

As fontes bibliográficas das obras também eram muito similares. Utilizam diversos autores africanos e alguns europeus, muitos já traduzidos e com versões publicadas por editoras brasileiras. Joseph Ki-Zerbo, Frantz Fanon, Albert Memmi, Kwane N’Krumah, Alpha Sow, Jack Woodis, Mustafa Yazbek, K. M. Panikkar e a coleção *História Geral da África*, são algumas das referências em comum entre as três obras. Deve-se atentar ao fato de que eram coleções direcionadas a um público mais amplo, e portanto, tinham mais referências em português para facilitar a leitura e a pesquisa de leitores interessados em aprofundar os conhecimentos sobre África.

Na realidade, a partir da análise do conjunto dos 8 livros de *História da África*, percebemos que José Honório Rodrigues, Mario Maestri Filho e Ciro Flamarion Cardoso escrevem, no período, ancorados em uma bibliografia eurocêntrica, pautada em uma concepção limitada do continente africano.

Já a obra de Mario Curtis Giordani, mesmo em se tratando de um recorte geográfico totalmente diferente, é muito mais semelhante às obras de Linhares, Canêdo e Saraiva, pois eles compartilham das mesmas fontes bibliográficas. As referências em comum não se restringem apenas a utilização de Leopold Senghor, Joseph Ki-Zerbo e demais autores presentes na *História Geral da África*, mas também se fazem presentes outros nomes como Hubert Deschamps, F. Anfray e Bernard Shaw.

Este segundo grupo de pesquisadores, ao escolherem fontes bibliográficas afrocentricas e autores africanos em detrimento de europeus, adota uma perspectiva esforçada em se desvencilhar do eurocentrismo. Ao mesmo tempo, o sucesso de vendas destes livros (só o de Saraiva não foi editado mais vezes), mostra que esta nova perspectiva sobre África estava sendo disseminada e bem aceita no Brasil.

3.3.BALANÇO FINAL

Esta análise direcionada do último capítulo auxilia a compreender melhor as primeiras décadas da institucionalização dos estudos africanos no Brasil. Por meio das obras podemos perceber os movimentos de valorização do continente africano e o afrocentrismo da década de 1970. As preocupações e o posicionamento pelo fim do colonialismo, os debates sobre as independências africanas e as reconfigurações políticas e econômicas colocavam o continente no centro da discussão, no lugar de protagonista. Além disso, questões debatidas intensamente no Movimento Negro, como negritude e *apartheid*, também foram estudadas e publicadas por diversos pesquisadores.

No Brasil, esse movimento se estende até a década de 1980, pois foi a partir daí que os autores responsáveis por essas mudanças, em sua maioria africanos, começaram a ser traduzidos e publicados no país. Como já vimos, nessa década a área de História passou por intensas transformações no Brasil, principalmente impulsionada pelo movimento de redemocratização e também pelo acesso a novos autores, que traziam novas opções para além do modelo marxista.

Podemos ver a contribuição destes dois movimentos em diversas obras, como a dissertação de Selma Alves Pantoja, nos livros de Mario Curtis Giordani, Letícia Bicalho Canêdo e José Flavio Sombra Saraiva. No livro de Maria Yedda Linhares notamos ainda a presença do marxismo, do mesmo modo que identificamos a presença de historiadores afrocêntricos.

A formação dos pesquisadores da área de História também contribuiu na construção de uma verdade plausível acerca de dois pontos descritos no primeiro capítulo: inicialmente, da importância dos CEAs, pois muitos dos pesquisadores eram associados aos Centros de Estudos Africanos, e muitos que não o eram, fizeram uso das bibliotecas, principais locais onde se encontravam disponíveis bibliografias sobre África, traduzidas ou não, no Brasil; segundo, a importância da academia em si, pois os pesquisadores eram quase todos professores, vinculados a universidades. Tanto nos artigos quanto nos livros, praticamente todos os autores possuíam mestrado e doutorado. Não foram todos os que deram continuidade aos estudos sobre África, mas os que seguiram carreira tiveram papel fundamental para o crescimento dos estudos africanos no Brasil.

Como foi analisado, o alcance das obras dos pesquisadores também é refletido através das carreiras acadêmicas destes estudiosos. Os projetos de pesquisa realizados, os artigos e livros publicados, as disciplinas lecionadas na área e a orientação de trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses contribuíram para a propagação dos estudos africanos no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como ponto de partida a criação dos Centros de Estudos Africanos no Brasil. A partir deles, lentamente o país foi retomando laços cortados com o continente africano após a Abolição da escravidão em terras brasileiras, em 1888.

O impacto que o surgimento dos CEAs acarretou para a institucionalização dos estudos africanos é indelével, pois a partir deles ocorreram os primeiros intercâmbios acadêmicos, diversos acordos foram firmados com universidades africanas, pesquisadores tiveram acesso a informações, livros e materiais sobre África. Também produziram muitas informações e as disseminaram através de suas revistas, que, como foi visto no segundo capítulo, constituíram pontes para diálogos acadêmicos com diversos pesquisadores africanos.

Em concomitância com este deslumbre acadêmico e o fôlego inicial, as lutas do Movimento Negro acompanharam as independências das colônias portuguesas em África. Diversos militantes não só participaram de discussões acadêmicas e leram avidamente os textos das lideranças africanas neste processo de luta, como também integraram os CEAs, e dedicaram-se tanto a militância quanto a academia.

Contudo, ao longo deste trabalho, podemos notar que apesar da importância dos CEAs no início, na institucionalização dos estudos africanos no Brasil, o principal agente deste processo foi as universidades e seus departamentos. Como já citado, a reforma universitária de 1968 não permitiu autonomia a nenhum laboratório ou núcleo de estudos, o que inevitavelmente prejudicou as ações dos centros de estudos africanos.

Deste modo, através dos departamentos se formaram os pesquisadores. As universidades, salvo exceções, não contratavam especialistas para trabalhar exclusivamente nos laboratórios e dedicar-se unicamente à pesquisa; elas contratavam professores. E foram estes, a partir dos esforços deles dentro dos departamentos, que disciplinas sobre África foram criadas e alunos foram orientados na produção de suas monografias, bem como recursos para pesquisas foram obtidos.

É importante ressaltar que os professores integravam os CEAs e que os alunos faziam pesquisas através dos arquivos das bibliotecas dos CEAs. Contudo, dentro do funcionamento das universidades, estes e qualquer outro laboratório são dependentes dos departamentos e da aprovação destes para a realização de suas atividades. Por isso, os fundadores dos centros também eram professores. Agostinho Neto (CEAO/UFBA)

lecionava Filosofia do Teatro,¹¹⁹ Fernando Augusto Albuquerque Mourão (CEA/USP) Sociologia¹²⁰ e José Maria Nunes Pereira (CEAA/UCAM), História da África.¹²¹

Parte da presente dissertação foi dedicada a uma análise direcionada acerca da produção no Brasil, por brasileiros, sobre África. Procuramos analisar 4 principais eixos: temas, subáreas, recorte temporal e recorte geográfico; mas outras informações, como o gênero dos pesquisadores, o volume de produção e as datas de publicação também foram problematizadas.

As Ciências Humanas foram a grande área produtora de conhecimento, em especial a História, Sociologia e Literatura. Nos três diferentes tipos de materiais que analisamos – revistas dos CEAs, monografias e livros -, são os campos que predominam na produção de conhecimento. Dentre estes, a História é que mais ganha destaque nas revistas e nos livros, sendo a segunda colocada (atrás da Sociologia) nas monografias.

O século XX, em especial a sua segunda metade, foi o recorte temporal mais presente nas publicações. Este dado é uma reflexão dos principais temas estudados pelos pesquisadores acerca de África, uma vez que a reconfiguração política e econômica do continente após as independências foi marcante, despertando atenção e também inquietação. Por isso temas relacionados à política, economia, *apartheid*, colonialismo, relações internacionais foram constantes.

Na análise realizada também detectamos a maior presença de países de língua oficial portuguesa como recorte geográfico, sendo Angola o país predominante. Sabemos que o fator da língua em comum foi aspecto facilitador para os pesquisadores, além do relacionamento privilegiado com este grupo de países. Entretanto, na ordem dos países mais frequentemente estudados, primeiro aparece Angola e depois Nigéria, e na sequência surgem outros países de língua oficial portuguesa. O destaque a Nigéria pode ser atribuído aos antigos laços escravocratas que o Brasil manteve com esta nação, pois foi uma das maiores fontes de mão de obra escravizada para o país. As heranças culturais, principalmente aquelas presentes na religiosidade, foram tema de interesse dos

¹¹⁹ REIS, Luiza Nascimento dos. *O Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia: intercâmbio acadêmico e cultural entre Brasil e África (1959-1964)*. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2010, p. 38.

¹²⁰ MUNANGA, 2012, p. 11 -30.

¹²¹ OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. *Histórias da África e dos africanos na escola*. As perspectivas para a formação dos professores de História quando a diferença se torna obrigatoriedade curricular. Rio de Janeiro, 2010. Tese de Doutorado – Departamento de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, p. 171.

pesquisadores, além dos Agudás, ex-cativos que retornaram a África após a Abolição ocorrida no Brasil.

O exame direcionado realizado foi importante não apenas para mapear a produção brasileira sobre África, mas também para auxiliar na compreensão deste processo de instalação dos estudos africanos no Brasil. A euforia e o entusiasmo da década de 1960 podem ser percebidas, por exemplo, no grande número de obras lançadas nesta década, muito mais do que nos anos de 1980, que sofreu com as mudanças na organização das universidades e o endurecimento do regime civil-militar. Em compensação, se em 1960 havia muito mais livros sendo publicados, a partir de 1970 as primeiras monografias foram defendidas, concretizaram a qualificação acadêmica dos primeiros especialistas.

Procuramos aqui entender como iniciaram os estudos africanos no Brasil, os principais agentes e o que efetivamente foi produzido pela área de História neste período. Com base em nossas fontes, podemos afirmar que, apesar da importância dos CEAs e das transformações na academia brasileira, dos movimentos sociais e do Movimento Negro, foram os esforços dos professores, dentro de seus departamentos, os principais responsáveis pela consolidação dos estudos africanos no país.

Dos escassos pesquisadores e das apenas 17 monografias publicadas no recorte deste trabalho, para a atual realidade destes estudos no Brasil, os avanços são inegáveis. O número de pesquisadores e trabalhos publicados cresceu vertiginosamente, e atualmente, na área de História, a grande maioria das universidades possui cadeiras obrigatórias destinadas à África.

Entretanto, sabemos que apesar dos progressos e da institucionalização, o campo dos estudos africanos ainda não está na situação ideal no Brasil, e a luta pelo reconhecimento perante instituições de pesquisas e órgãos de financiamento ainda está sendo travada.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Vera; PEREIRA, Amilcar Araujo. Entrevista com José Maria Nunes Pereira. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 39, jan-jun, 2007.

_____. Qual África? Significados da África para o movimento negro no Brasil. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 39, jan-jun, 2007.

_____. *Movimento negro e “democracia racial” no Brasil: entrevistas com lideranças do movimento negro*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2005.

ALVES, H. L. *Diálogo da negritude*. Lorena, Centro de Estudos Históricos Gustavo Barroso. CEDIC/PUC-SP, 1965.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

ARAÚJO, Valdei Lopes de. Sobre o lugar da história da historiografia como disciplina autônoma. *Locus*, Juiz de Fora, V. 12, p. 79-94, 2006.

ARAÚJO, Valdei Lopes de. História da historiografia como analítica da historicidade. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 12, agosto de 2013, p. 34-44.

ARMITAGE, DAVID. Three concepts of Atlantic History. In: ARMITAGE, DAVID; BRADDICK, Michael J. *The British Atlantic World, 1600-1800*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2002.

AZEVEDO, Desireé de Lemos. *Os melhores anos de nossas vidas: narrativas, trajetórias e trajetos de exilados brasileiros, que se tornaram cooperantes na República Popular de Moçambique*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 2011.

BALABAN, Marcelo. Reflexões sobre história e historiografia. *História da historiografia*, número 8, abr. 2012, p. 217-224.

BARBOSA, Muryatan Santana. Eurocentrismo, História e História da África. *Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*, n. 1, jun. 2008.

BARROS, José Costa D’assunção. O tratamento historiográfico de fontes dialógicas. *Revista Expedições: Teoria da História & Historiografia*, ano 3, n. 4, Julho 2011.

BARRY, Boubacar. Reflexões sobre os discursos históricos das tradições orais em Senegâmbia. In: BARRY, Boubacar. *Senegâmbia: o desafio de uma história regional*. Salvador: SEPHIS, s/d, p. 5-34.

BAYLIN, Bernard. *Atlantic History: Concepts and Contours*. Cambridge: Harvard Press University, 2005.

BRAUDEL, Fernand. *O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II*. 2 vols. São. Paulo: Martins Fontes, 1984. [1949].

BELTRÁN, Luís. *O Africanismo Brasileiro*. Recife: Pool, 1987.

BITTENCOURT, Marcelo; CORREA, Sílvio Marcus de Souza. África e Brasil: uma história de afastamentos e aproximações. *Métis: história & cultura*. Caxias do Sul, RS: Educs, v. 10, n. 19, 2011.

BURNARD, Trevor. The Rise and Rise (and Fall?) of Atlantic History. In: YERXA, Donald A. (Org.). *Recent themes in the history of Africa and the Atlantic World: historians in conversation*. Columbia: University of South Carolina Press, 2008.

CARDOSO, Marcos. *O Movimento Negro em Belo Horizonte: 1978-1998*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2. Ed., 2011.

CARNEIRO, Edison de Souza. *Negros Bantos*. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1937.

CAPELATO, Maria Helena Rolim; DUTRA, Eliana Regina de Freitas. Representação política: o reconhecimento de um conceito na historiografia brasileira. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; MALERBA, Jurandir. *Representações: contribuição a um debate transdisciplinar*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

CERTAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Universitária Forense, 1982.

CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano: artes de fazer*. v. 1, Petrópolis: Vozes, 1994.

CONJUNTO DOCUMENTAL: INDEPENDÊNCIA DO BRASIL: ACONTECIMENTOS POSTERIORES (IMPRESSOS). Disponível em: <http://www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=1230&sid=115&tpl=printerview>. Acesso em 30/05/2014.

COOPER, Barbara M. Oral Sources and the Challenge of African History. In: PHILIPS John Edward (Ed.). *Writing African History*. Rochester, NY: University of Rochester Press, 2005, p. 191-215.

COSTA e SILVA, Alberto da. A história da África e sua importância para o Brasil. In: *Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*. 5ª. Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

CURTIN, Philip. Tendências recentes das pesquisas históricas africanas e contribuições à história em geral. In: KI-ZERBO, J. (Org.). *História Geral da África*, V. 1. Metodologia e Pré-História da África. São Paulo: Ática/UNESCO, 1982.

D'ÁVILA, Jerry. *Hotel Trópico: o Brasil e o desafio da descolonização africana, 1950 – 1980*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

DUCHESNE, Ricardo. The Way of Africa, “The Way I Am”, and the Hermeneutic Circle. In: YERXA, Donald A. (Org.). *Recent themes in the history of Africa and the Atlantic World: historians in conversation*. Columbia: University of South Carolina Press, 2008.

FAGE, John D. A evolução da historiografia da África. In: KI-ZERBO, J. (Org.). *História Geral da África, V. 1. Metodologia e Pré-História da África*. São Paulo: Ática/UNESCO, 1982.

FARIAS, Paulo F. de Moraes. Afrocentrismo: entre uma contranarrativa histórica universalista e o relativismo cultural. *Revista Afro-Ásia*, 29/30 (2003), p. 317-343.

FERREIRA, Roquinaldo. A institucionalização dos Estudos Africanos nos Estados Unidos: advento, consolidação e transformações. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 30, nº 59, p. 73-90 – 2010.

FICO, Carlos; POLITO, Roland. *A História no Brasil (1980-1989): elementos para uma avaliação historiográfica*. Ouro Preto: UFOP, 1992.

FICO, Carlos; POLITO, Roland. A historiografia brasileira nos últimos vinte anos: tentativa de avaliação crítica. In: MALERBA, Jurandir. *A velha história: teoria, método e historiografia*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

FIGUEIREDO, Anna Cristina Camargo Moraes. *Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada: publicidade, cultura de consumo e comportamento político no Brasil, 1954-1964*. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

FERREIRA, Wallace. Revisitando a África na Política Externa Brasileira: distanciamentos e aproximações da “Independência” à “década de 1980”. *Universitas Relações Internacionais*, Brasília, v. 11, n. 1, p. 57-71, jan./jun. 2013.

FREIXO, Andre de Lemos. Um ‘arquiteto’ da historiografia brasileira: história e historiadores em José Honório Rodrigues. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 31, nº 62, p. 143-172 – 2011.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

_____. *Sobrados e Mocambos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.

GAMES, Alison. Atlantic History: Definitions, Challenges, and Opportunities. Oxford: *American Historical Review*, Vol. 111, n. 3, June, 2006, p. 741-757.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. Rio de Janeiro: Universidade Cândido Mendes, 2002.

GONÇALVES, Williams da Silva; MIYAMOTO, Shiguenoli. Os militares na política externa brasileira: 1964-1984. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6, n. 12, 1993, p. 211-246.

GUEDES, Moema de Castro. A presença feminina nos cursos universitários e nas pós-graduações: desconstruindo a ideia da universidade como espaço masculino. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.117-132, jun. 2008.

INFORMAÇÕES. *Afro-Ásia*, 2-3 (1966), p. 177-182.

INFORMAÇÕES. *Afro-Ásia*, 4-5 (1967), p. 112-117.

INFORMAÇÕES. *Afro-Ásia*, 6-7 (1968), p. 145-149.

INFORMAÇÕES. *Afro-Ásia*, 8-9 (1969), p. 131-142.

INFORMAÇÕES. *Afro-Ásia*, 10-11 (1970), p. 159-162.

INFORMAÇÕES. *Afro-Ásia*, 12 (1976), p. 247-251.

INFORMAÇÕES. *Afro-Ásia*, 14 (1983), p. 188-189.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, UFMG, 2003.

HERNANDEZ, Leila Leite. História da África no Brasil. *Cerrados (UnB. Impresso)*, v. 19, p. 231-242, 2010.

_____. O Olhar imperial e a invenção da África. In: *A África na sala de aula: visita a história contemporânea*. Belo Horizonte: Selo Negro, 2005, p. 17-44.

HORTA, José da Silva. Entre história europeia e história africana, um objecto de charneira: as representações. *Actas do Colóquio Construção e Ensino da História da África*. Lisboa: Linopazes, 1995.

HOUNTONDJI, Paulin J. Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: duas perspectivas sobre os Estudos Africanos. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 80, Março 2008, p. 149-160.

HOWE, Stephen. *Afrocentrism. Mythical pasts and imagined homes*. London: Verso, 1998.

JOUTARD, Philippe. História Oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

KARNAL, L; TATSCH, F. G. Documento e História. A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). *O historiador e suas fontes*. 1 ed. 1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

KI-ZERBO, Joseph. *História da África Negra*. Volume 1. Portugal: Publicações Europa-América, 1972.

KÖSSLING, Karin Sant'Anna. Olhares sobre a África: temas dos movimentos negros brasileiros sob vigilância do DEOPS-SP (1964-1983). *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 30, n 1/2/3, Jan-Dez 2008, p. 131-64.

LECHINI, Gladys. O Brasil na África ou a África no Brasil? A construção da política africana pelo Itamaraty. *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, out de 2008.

LEITE, Fábio Rubens da Rocha. *A questão ancestral: Notas sobre ancestrais e instituições ancestrais em sociedades africanas – Ioruba, Agni e Senúfo*. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 1982.

LEITE, Ilka Boaventura. Olhares de África: lugares e entre-lugares da arte na diáspora. *Tomo*, São Cristóvão, SE, n. 11 jul./dez. 2007.

LETA, Jaqueline. As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso. *Estudos Avançados*, v. 17, n. 49, 2003, p. 271-284.

LIMA, Maria Regina Soares de. A política externa brasileira e os desafios da cooperação Sul-Sul. *Bras. Polít. Int.* vol. 1, n. 48, 2005, p. 24-59.

LOPES, Carlos. A Pirâmide Invertida - historiografia africana feita por africanos. *Actas do Colóquio Construção e Ensino da História da África*. Lisboa: Linopazas, 1995, p. 21-29.

LOPES, Fábio Henrique. Reflexões sobre a operação historiográfica: diálogos e aproximações possíveis. *Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 4, n.1, jan/jun. 2012, p. 95-113.

MALERBA, Jurandir. Notas à Margem: a crítica historiográfica no Brasil dos anos 1990. *Textos de História*, v.10, n. 1/2, 2002.

MALERBA, Jurandir. *Ensaio: teoria, história e ciências sociais*. Londrina: EDUEL, 2011.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti. África no Brasil: mapa de uma área em expansão. *Topoi* (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, 2004, p. 33-53.

MARCELINO, Douglas Attila. Tempo presente e usos do passado: qual o lugar da epistemologia? *História da Historiografia*, v. 14, 2014, p. 162-169.

MARCELINO, Douglas Attila. A narrativa histórica entre a vida e o texto: apontamentos sobre um amplo debate. *Topoi* (Online): Revista de história, v. 13, 2012, p. 130-146.

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Como se deve escrever a história do Brasil*. Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), 1845.

MATORY, James Lorand. *Black atlantic religions: tradition, transnationalism, and matriarchy in the Afro-Brazilian Candomblé*. New Jersey: Princeton University Press, 2005.

MENEZES, Adolpho Justo Bezerra. *O Brasil e o mundo ázio-africano*. Rio de Janeiro: Edições GRD, 2ª edição, 1960.

MILLET, Nathaniel. An analysis of the role of the study of the African Diaspora within the field of the Atlantic History. In: *African and Black Diaspora*. Chicago: vol. 5, n.1, 2011.

MOREIRA, Vânia Maria Losada. Nacionalismos e reforma agrária nos anos 50. *Rev. bras. Hist.*, São Paulo, v. 18, n. 35, 1998.

MOURÃO, Fernando Augusto de Albuquerque. “Reprise” da África no Brasil. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos da USP*: São Paulo, vol. 1, n. 1, 1978.

_____. A informação científica no plano das relações entre o Brasil e a África como fator de desenvolvimento dos estudos africanos. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 8-9, 1983.

MUNANGA, Kabengele. *Negritude: Usos e Sentidos*. São Paulo: Ática, 1986.

_____. Estudo e ensino da África na Universidade de São Paulo: atuação do Centro de Estudos Africanos e do professor Fernando Augusto Albuquerque Mourão. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, São Paulo: número especial, 2012, p. 11-30.

NASCIMENTO, Amanda Frechiani. A formação da identidade coletiva entre o Brasil e a África na política externa brasileira. *Fronteira*, Belo Horizonte, v. 9, n. 18, 2010, p. 27-48.

NIANE, Djibril Tamsir. *Sundjata ou a Epopéia Mandinga*. Coleção Autores Africanos. São Paulo: Editora Ática, 1982.

NOTAS INTRODUTÓRIAS PARA LINHAS DE PESQUISAS. *Revista Centro de Estudos Afro-Asiáticos – CEAA*. Ano 1, n. 2, mai/ago, 1978.

OLIVA, Anderson Ribeiro. A história da África em Perspectiva: Caminhos e descaminhos da historiografia africana e africanista. *Revista Múltipla*, Brasília, v. 10, n. 16, 2004, p. 9-40.

OLIVEIRA, Arilson S. de. Roger Bastide e a Identidade Nagocêntrica. *Sankofa*. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, n. 2 dez./2008.

OLIVEIRA, Henrique Altemani de. *Política externa brasileira e relações comerciais Brasil-África*. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 1987.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes d. *Histórias da África e dos africanos na escola. As perspectivas para a formação dos professores de História quando a diferença se torna obrigatoriedade curricular*. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Rio de Janeiro, 2010.

OLIVEIRA JUNIOR, Gilson Brandão de. *Agostinho da Silva e o CEAO: a primeira experiência institucional dos estudos africanos no Brasil*. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2010.

ORTIZ, Renato. *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

PENHA, Eli Alves. *Relações Brasil-África e geopolítica do Atlântico Sul*. Salvador: EDUFBA, 2001.

PENNA FILHO, Pio. A Evolução da política africana no Brasil contemporâneo. Trabalho apresentado no *II Encontro Memorial “Nossas Letras na História da Educação, Mariana, Instituto de Ciências Humanas e Sociais”*, 2009.

_____. África do Sul e Brasil: diplomacia e comércio (1918-2000). *Rev. Bras. Polít. Int.* vol. 44, n.1, 2001, p. 69-93.

_____; LESSA, Antônio Carlos Moraes. O Itamaraty e a África as origens da política africana do Brasil. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 39, jan/jun, 2007.

PEREIRA, Amauri Mendes. *Para além do racismo e do antirracismo: a produção de uma cultura de consciência negra na sociedade brasileira*. Itajaí: Casa Aberta Editora, 2013.

PEREIRA, Amilcar Araújo. Linhas (da cor) cruzadas: relações raciais, imprensa negra e Movimento Negro no Brasil e nos EUA. In: PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da. (Orgs.) *O Movimento Negro Brasileiro: escritos sobre os sentidos da democracia e justiça social no Brasil*. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.

PEREIRA, José Maria Nunes. *Os Estudos Africanos no Brasil e as relações com a África – um estudo de caso: o CEAA (1973 – 1986)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 1991.

_____. Os Estudos Africanos na América Latina: Um estudo de caso. O centro de Estudos Afro-Asiáticos (CEAA). In: *Los estudios afroamericanos y africanos en América Latina: herencia, presencia y visiones del otro*. Córdoba; Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales e CEA-UNC, Centro de Estudios Avanzados-Universidad Nacional de Córdoba, 2008.

PEREIRA, Marcia Guerra. *História da África, disciplina em construção*. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 2012.

PINTO, João Alberto da Costa Gilberto Freyre e o lusotropicalismo como ideologia do colonialismo português (1951–1974). *Revista UFG*, n. 6, ano XI, jun. 2009.

PINTO, Regina Pahim. *O Movimento Negro em São Paulo: luta e identidade*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 1993.

_____. *O Movimento Negro em São Paulo: luta e identidade*. Ponta Grossa: Editora UEPG; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2013.

PORTELLA, Eduardo. *África: colonos e cúmplices*. Rio de Janeiro: Prado, 1961.

QUIRINO, Manuel Raimundo. A raça africana e os seus costumes na Bahia. *Anais do V Congresso Brasileiro de Geografia*: Salvador, 1916.

_____. *O colono preto como fator da civilização brasileira*. Salvador: Imprensa Oficial do Estado da Bahia, 1918.

RAMOS, Arthur. *O Negro Brasileiro: etnografia religiosa e psicanálise*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1934.

_____. *O negro no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1940.

RAMOS, Igor Guedes. *Genealogia de uma operação historiográfica: as apropriações dos pensamentos de Edward Palmer Thompson e de Michel Foucault pelos historiadores brasileiros na década de 1980*. Tese (Doutorado em História). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista (UNESP). Assis, 2014.

RAMPINELLI, Waldir José. A política internacional de JK e suas relações perigosas com o colonialismo português. *Revista Lutas Sociais*, v. 17/18, 2007.

RELATÓRIO DE ATIVIDADES. *Estudos Afro-Asiáticos*, n. 13, 1987.

RATTS, Alex. Encruzilhadas por todo percurso: individualidade e coletividade no movimento negro de base acadêmica. In: PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da. (Orgs.) *O Movimento Negro Brasileiro: escritos sobre os sentidos da democracia e justiça social no Brasil*. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.

REIS, Luiza Nascimento dos. *O Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia: intercâmbio acadêmico e cultural entre Brasil e África (1959-1964)*. Dissertação (Mestrado Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia (UFBA). Salvador, 2010.

RIBEIRO, Claudio Oliveira. Brasil, África, Portugal: da política externa independente à CPLP. *Leviathan*, n. 1, 2004, p. 99-117.

_____. Adjustment changes: a política africana do Brasil no pós-Guerra Fria. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v.18, n. 35, fev. 2010, p. 55-79.

_____. Brasil-África: notas sobre política externa e comércio exterior (1985-2005). *Afro-Ásia*, n. 35, 2007, p. 281-314.

RIZZI, Kamilla Raquel. *Relações Brasil-Angola no pós-Guerra Fria: os condicionantes internos e a via multilateral*. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, 2005.

RODRIGUES, José Honório Rodrigues. *Brasil e África: outro horizonte*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964, 2ª edição.

RODRIGUES, Raymundo Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Madras, 2008.

RUSSELL-WOOD, A.J.R. Sulcando os mares: um historiador do império português enfrenta a "Atlantic History". *História*, vol. 28, n.1, 2009.

SANTANA, Ivo de. *A experiência empresarial brasileira na África (1970-1990)*. Salvador: Ponto e Vírgula Publicações, 2004.

_____. Notas e comentários sobre a dinâmica do comércio Brasil-África nas décadas de 1970 a 1990. *Rev. Bras. Polít. Int.* Vol. 46, n. 2, 2003, p. 113-137.

_____. Relações Econômicas Brasil-África: A Câmara de Comércio Afro-Brasileira e a Intermediação de Negócios no Mercado Africano. *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 25, n. 3, 2003, p. 517-555.

SANTANA, Julio Braga. *Le jeu de Búzios dans le Candomblé de Bahia: étude sur la divination dans les cultes Afro-bresiliens*. Tese (Doutorado em Antropologia) - Université Nationale du Zaïre. Kinshasa, 1977.

SANTOS, Cássio Miranda dos. Os primeiros passos da pós-graduação no Brasil: a questão da dependência. *Ensaio: aval. pol., públ., educ.*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 37, out/dez. 2002, p. 479-492.

SANTOS, Joel Rufino dos. *O que é racismo*. Editora Brasiliense, 1982.

_____. *Zumbi*. São Paulo: Editora Moderna, 1985.

SANSONE, Lívio. Um Campo Saturado de Tensões: O Estudo das Relações Raciais e das Culturas Negras no Brasil. *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 24, n. 1, 2002, p. 5-14.

SANTOS, Vanicléia Silva. A redescoberta da África no Brasil: As pesquisas em História da África no Brasil (1992-2012). In: FERRAO, J. (Org.). *Ensino Superior e Investigação Científica no Espaço da CPLP*. Lisboa: AULP, 2012, v. 22.

SARAIVA, José Flávio Sombra. *O lugar da África: a dimensão atlântica da política externa brasileira, de 1946 a nossos dias*. Brasília: EdUnB, 1996.

_____. *África parceira do Brasil atlântico: relações internacionais do Brasil e da África no início do século XXI*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

_____. Um momento especial nas relações Brasil-Angola: do reconhecimento da Independência aos desdobramentos atuais. In: PANTOJA, Selma; SARAIVA, José Flávio Sombra (Orgs.). *Angola e Brasil nas rotas do Atlântico Sul*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1879 – 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SECCO, Lincoln Ferreira. *A Revolução dos Cravos e a Crise do Império Colonial Português*. São Paulo: Alameda Casa Editorial/Fapesp/Cátedra Jaime Cortesão, 2004.

SEGURA-RAMIREZ, Hector. *Revista Estudos Afro-Asiáticos (1979-1997) e relações raciais no Brasil: elementos para o estudo do subcampo acadêmico das relações raciais no Brasil*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 2000.

SERRANO, Carlos Moreira Henrique. *O poder político no reino Ngoyo*. Dissertação (Mestrado em Ciência Social/Antropologia Social) - Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 1979.

SILVA, Joselina. *Jornal SINBA: a África na construção identitária brasileira dos anos setenta*. IN: PEREIRA, Amauri Mendes; SILVA, Joselina da. (Orgs.) *O Movimento Negro Brasileiro: escritos sobre os sentidos da democracia e justiça social no Brasil*. Belo Horizonte: Nandyala, 2009.

SILVA JÚNIOR, Hédio. Entrevista concedida ao CPDOC. In: ALBERTI, Vera; PEREIRA, Amilcar Araujo (Org). *Histórias do Movimento Negro no Brasil: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

SLENES, Robert W. *Na senzala uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava*. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2. Ed., 2011.

VANSINA, Jan. *Oral Tradition as History*. Madison: University of Wisconsin Press, 1985.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *História Geral do Brasil (1854-1857)*. Madrid, Imprensa de J. del Rio, a cargo de F. Molina, R. Estrella, 7.

VIANA, Suhayla Mohamed Khalil. A posição brasileira diante da independência angolana: antecedentes e desdobramentos. *Revista África e Africanidades*. Ano I, n. 3, nov. 2008.

ZAMPARONI, Valdemir D. Os estudos africanos no Brasil: veredas. *Rev. Educ. Pública*, Cuiabá, v. 4, n. 5, jan./jun. 1995.

_____. África e os estudos africanos no Brasil: passado e futuro. *Cienc. Cult.*, vol.59, n. 2, São Paulo Abr/Jun, 2007.

APÊNDICES

Monografias

Ano	Autor	Título	Tipo	Subárea	Local
1969	Fernando A. Albuquerque Mourão	<i>A sociedade angolana através da literatura: a Luanda na obra de Castro Soromenho</i>	Dissertação	Sociologia	USP
1974	Yeda Antonita Pessoa de Castro	<i>The Religious Terminology and Everyday Speech Vocabulary of an Afro-Brazilian Cult House</i>	Dissertação	Letras	<i>University of Ifé</i>
1976	Yeda Antonita Pessoa de Castro	<i>De l'intégration des apport afraciens dans les parlers de Bahia au Brésil, 1976.</i>	Tese	Letras	<i>Université National du Zaire</i>
1977	Júlio Braga Santana	<i>Le jeu de Búzios dans le Candomblé de Bahia: étude sur la divination dans les cultes Afro-bresiliens</i>	Tese	Antropologia	<i>Université National du Zaire</i>
1977	Mario José Maestri Filho	<i>A agricultura africana nos séculos XVI e XVII no litoral angolano</i>	Dissertação	História	<i>Université Catholique de Louvain, Bélgica</i>
1978	Carlos Alberto Iannone	<i>Personagens e descrição no romance de Castro Soromenho</i>	Dissertação	Letras	USP
1978	Sósia Goldenberg Rabin	<i>Relações Brasil-Angola através da imprensa brasileira (1930-1975)</i>	Dissertação	Sociologia	USP
1979	Henrique Altemani de Oliveira	<i>O papel do gás natural no processo de desenvolvimento econômico e social da</i>	Dissertação	Sociologia	USP

		<i>Argélia</i>			
1983	Fábio Rubens da Rocha Leite	<i>A questão ancestral: notas sobre ancestrais e instituições ancestrais em sociedades africanas: ioruba, agni e senúfo</i>	Tese	Sociologia	USP
1983	Luzia Garcia do Nascimento	<i>Manuel Ferreira: ficção caboverdiana em causa</i>	Tese	Letras	USP
1984	Tânia Celestino de Macedo	<i>Da inconfidência à revolução: trajetória do trabalho artístico de Luandino Vieira</i>	Dissertação	Letras	USP
1984	Rita de Cássia Natal Chaves	<i>Mayombe: a reinvenção de Ogum, o Prometeu Africano</i>	Dissertação	Letras	Universidade Federal Fluminense
1985	José Flavio Sombra Saraiva	<i>Angola - Brasil, 1500-1980. Estudio de un caso en las relaciones y vinculaciones de África con a. Latina</i>	Dissertação	História	<i>El Colegio de México</i>
1985	Manolo Florentino	<i>La Trata Atlántica y las Sociedades Agrárias del Africa Occidental (Ensayo Sobre las Consecuências del Tráfico Negrero en la Agricultura del Oeste Africano, c. 1450-c.1800)</i>	Dissertação	História	<i>El Colegio de México</i>
1986	Virgínia Maria Gonçalves	<i>Os arquétipos e a ruptura dos estereótipos na produção literária de Luandino Vieira</i>	Tese	Letras	USP
1987	Selma Alves Pantoja	<i>Nzinga Mbandi: Comércio e Escravidão no Litoral Angolano no Século XVII</i>	Dissertação	História	UFRJ

1987	Henrique Altemani de Oliveira	<i>Política externa brasileira e relações comerciais Brasil-África</i>	Tese	Sociologia	USP
------	-------------------------------	--	------	------------	-----

Livros

Ano	Autor	Título	Editora
1961	Adolfo Justo Bezerra de Menezes	<i>Ásia, África e política independente do Brasil</i>	Zahar Editores – RJ
1961	Eduardo Portella	<i>África: colonos e cúmplices</i>	Editora Prado - RJ
1961	José Honório Rodrigues	<i>Brasil e África: outro horizonte</i>	Editora Civilização Brasileira - RJ
1961	Amilcar Alencastre	<i>Oswaldo Aranha, o mundo afro-asiático e a paz</i>	Serviço de Documentação do M.T.P.S - RJ
1961	João Alves das Neves	<i>A Nova África</i>	Editora Anhambi - SP
1962	Amilcar Alencastre	<i>A Rebelião dos Povos Coloniais</i>	Editora Prado - RJ
1962	Jarbas Maranhão	<i>Brasil - África: um mesmo caminho</i>	Editora Fulgor - SP
1962	Castro Carvalho	<i>África Contemporânea</i>	Gráfica Biblos - SP
1962	J. Soares Pereira	<i>Terceiro Mundo: unidade e emergência</i>	IBEAA - RJ
1962	Victor da Cunha Rêgo e João M. Tito de Morais	<i>Angola através dos Textos</i>	Editora Felman-Rêgo - SP
1962	Moacir Werneck de Castro	<i>Dois Caminhos da Revolução Africana</i>	IBEAA - RJ
1962	Vamireh Chacon	<i>A Revolução no Trópico</i>	IBEAA - RJ

1963	Cândido Antônio Mendes de Almeida	<i>Nacionalismo e Desenvolvimento</i>	IBEAA - RJ
1963	Delgado de Carvalho	<i>África: Geografia social econômica e política</i>	Edição Da Divisão Cultural - RJ
1963	João Alves das Neves	<i>Poetas e Contistas Africanos de Expressão Portuguesa</i>	Editora Brasiliense - SP
1964	Antônio Olinto	<i>Brasileiros na África</i>	Edições GRD - SP
1965	Luís da Câmara Cascudo	<i>Made in África</i>	Editora Civilização Brasileira - RJ
1965	Milton Santos	<i>A cidade nos Países Subdesenvolvidos</i>	Editora Civilização Brasileira - RJ
1966	Mario Neme	<i>Difícil África Negra</i>	Editora Coliseu - SP
1969	Amilcar Alencastre	<i>O Brasil, a África e o futuro</i>	Editora Laemmert - RJ
1973	Fernando Augusto de Albuquerque Mourão	<i>Bibliografia em língua francesa sobre África</i>	CEA - SP
1974	Maria Amália Corrêa Giffoni	<i>Danças da Ásia, África e Oceania</i>	NOBEL - SP
1977	Fernando Augusto de Albuquerque Mourão	<i>Contribuição a uma bio-bibliografia sobre Fernando Monteiro de Castro Soromenho</i>	CEA - SP
1977	Fernando Augusto de Albuquerque Mourão	<i>Contribuição a uma bibliografia de bibliografias sobre África</i>	CEA - SP

1978	Mario José Maestri Filho	<i>A agricultura africana nos séculos XVI e XVII no litoral angolano</i>	Editora UFRGS - RS
1978	Fernando Augusto Albuquerque Mourão	<i>A sociedade angolana através da literatura</i>	Editora Ática - SP
1980	Amílcar Alencastre	<i>América Latina, África e Atlântico Sul</i>	Editora Paralelo - RJ
1980	Carlos Comitini	<i>Amílcar Cabral: a arma da teoria</i>	Editora Codecri – RJ
1980	Carlos Comitini	<i>África Arde</i>	Editora Codecri – RJ
1981	Maria Yedda Linhares	<i>A luta contra a metrópole (Ásia e África: 1947-1975)</i>	Editora Brasiliense - SP
1981	Therezinha de Castro	<i>África: geohistória, geopolítica e relações internacionais</i>	Biblioteca do Exército Editora - RJ
1982	Ciro Flamarion Cardoso	<i>O Egito Antigo</i>	Editora Brasiliense - SP
1984	Ciro Flamarion Cardoso	<i>Trabalho compulsório na antiguidade</i>	Edições Graal - RJ
1985	Manuela Carneiro da Cunha	<i>Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África</i>	Editora Brasiliense - SP
1985	Letícia Bicalho Canêdo	<i>A descolonização da Ásia e da África</i>	Atual Editora - SP
1985	Mário Curtis Giordani	<i>História da África: anterior aos descobrimentos</i>	Editora Vozes - RJ

Revistas*Afro-Ásia*

Ano	Subárea	Recorte Geográfico	Recorte Temporal	Autor
1965	História	América Do Sul	Indefinido	Rolf Reichert
1965	Antropologia	Angola	Século XX	Waldir Freitas Oliveira
1965	Relato de viagem	Nigéria	Século XX	Yêda Pessoa de Castro
1965	História	África	Século XX	Johildo Lopes de Athayde
1965	Ciência Política	Ásia	Século XX	Anthony S. Reyner
1965	Ciência Política	Terceiro Mundo	Século XX	Carlos P. Rômulo
1965	História	América Latina-Brasil	Século XX	José Maceda
1966	Antropologia	Brasil	Século XX	Vivaldo da Costa Lima
1966	História	Reino De Gana	Séculos X a XII	Paulo Fernando de Moraes Faria
1966	História	Estados Unidos	Século XX	Vicent Monteil
1966	História	Congo	Século XX	Fernando Moura
1966	História	África	Século XX	René Pélissier
1966	Sociologia	África	Século XX	Pierre L. Van Den Berghe

1966	História	Índia	Século XX	Hugh Wooding
1966	História	China e Ocidente	Século I a.C. a século XIV	Luís Gonzaga Gomes
1966	Linguística	Índia	Indefinido	Thomas Burrow
1966	Ciência política	América Latina - África	Século XX	Aaron Segal
1967	História	África	Século XX	Vincent Monteil
1967	Linguística	Brasil	Século XX	Yêda Pessoa de Castro
1967	História	Benin	Século XV a XIX	James D. Graham
1967	História	Nigéria	Século XIX	Tadeusz Lewicki
1967	Literatura	Brasil	Século XVII	Fernando da Rocha Peres
1967	História	Reino do Congo	Século XVI	Marli Geralda Teixeira
1967	Antropologia	Brasil	Século XX	Melville J. Herskovits
1968	Etnologia	Brasil-África	Indefinido	Roger Bastide
1968	História	Angola	Século XVII	Fernando da Rocha Peres
1968	História	China e Portugal	Século XVII	Luis Gonzaga Gomes
1968	Sociologia	Daomé	Século XIX e XX	Julio Santana Braga
1968	Linguística	Brasil	Século XX	Yêda Pessoa de Castro

1968	História	Brasil	Século XVIII	José Roberto do Amaral Lapa
1968	Sociologia	Brasil	Século XIX e XX	Edison Carneiro
1968	História	Brasil	Século XIX	José Honório Rodrigues
1968	História	Brasil	Século XVII e XIX	Carlos Ott
1969	História	Brasil-África	Século XV a XX	Waldir Freitas Oliveira
1969	Sociologia	Daomé	Século XX	Julio Santana Braga
1969	História	Etiópia	1000 a.C. a século XX	William B. Davis
1969	História	Brasil	Século XVIII a XX	Carlos Ott
1969	História	África	Século XX	Luís Béltran
1969	História	China	Século XX	W. A. C.H. Dobson
1969	Ciência Política	Israel	Século XX	Uri Avnery
1969	Ciência Política	África-Ásia	Século XX	David Kimche
1969	Filosofia	Índia	Século XIX e XX	Ary Guimarães
1970	História	Daomé	Século XIX e XX	J. Michael Turner
1970	Antropologia	Daomé	Indefinido	Honorat Aguessy
1970	Etnologia	Brasil	Século XVIII e XIX	Carlos Ott

1970	Antropologia	Brasil	Século XX	Julio Santana Braga
1970	História	África-França	Século XX	Michael Crowder
1970	História	Brasil-África	1958 a 1968	Anani Dzidzienyo
1970	História	América Latina-África	Século XV a XIX	Angelina Pollak-Eltz
1970	Linguística	África-Brasil	Indefinido	Rolf Reichert
1970	História	Brasil	1835	Etienne Ignace
1970	Artes Cênicas	Japão	Indefinido	Kazuya Sakai
1976	Sociologia	Brasil	Século XX	Roger Bastide
1976	Sociologia	Brasil	Século XX	Roger Bastide
1976	Indefinido	Brasil	Século XX	Maria Isaura Pereira de Queiróz
1976	Indefinido	Brasil	Século XX	Gilberto Freyre
1976	Indefinido	Brasil	Século XX	Jorge Amado
1976	Antropologia	Brasil	Século XVIII a XX	Vivaldo da Costa Lima
1976	Antropologia	Brasil-África	Século XIX	Pierre Verger
1976	Sociologia	América Latina	Século XX	Miguel Acosta Saignes
1976	Ciência Política	África	Século XX	Agostinho da Silva

1976	Etnomusicologia	Brasil	Século XX	Gerard Béhague
1976	Indefinido	África	Século XX	Fernando Augusto de Albuquerque Mourão
1976	História	Brasil	Século XVI a XIX	Napoleão Figueiredo
1976	História	Brasil-África	Século XVI a XX	Gisèle Cossard-Binon
1976	História	Daomé	Século XX	Julio Santana Braga
1976	Educação	Brasil	Século XX	A.L. Machado Neto
1976	Sociologia	Brasil	Século XX	Abraham Samuel Scheinowitz
1976	Antropologia	Daomé	Século XVIII a XX	Dohou Codjo Denis
1976	Etnolinguística	Brasil	Século XX	Yêda Pessoa de Castro
1976	Indefinido	Brasil	Século XX	Waldir Freitas Oliveira
1976	História	Brasil	Século XIX	Édison Carneiro
1976	Linguística	Brasil-África	Século XX	Yêda Pessoa de Castro e Guilherme Pessoa de Castro
1980	Literatura	África	Século XX	Willfried F. Feuser
1980	Antropologia	Brasil	Século XX	Julio Santana Braga
1980	Antropologia	Brasil	Século XX	Ronaldo Senna e Itamar Aguiar
1980	História	Brasil	Século XX	P. Valdeli Carvalho da Costa

1980	História	Brasil	Século XVIII a XX	Veríssimo de Melo
1980	História	África	Século XII a XVIII	Adbullahy Smith
1980	História	Brasil	Século XVI a XX	Manuel Querino
1983	Antropologia	Brasil	Século XX	Raul Lody
1983	Artes	Brasil	Século XX	Clarival do Prado Valladares
1983	Artes	Nigéria	Século XX	Babatunte Lawal
1983	História	Brasil	Século XX	Carmem Ribeiro
1983	Linguística	Brasil-África	Século XX	Yêda Pessoa de Castro
1983	História	Brasil	Século XVIII e XIX	João José Reis
1983	História	Brasil	Século XIX e XX	Clóvis Moura
1983	Sociologia	África	Século XX	Pierre Verger
1983	História	Irã	Século XVI a XX	Rolf Reichert
1983	Artes	Brasil	Século XX	Antonio Vieira da Silva

Estudos Afro-Asiáticos

Ano	Subárea	Recorte Geográfico	Recorte Cronológico	Autores
1978	Ciência Política	África do sul	1974	A. Mangunte Lukele
1978	História	Costa ocidental da África	Final do século XIX	J. Michael Turner
1978	História	África do sul	Século XX	José Maria Nunes Pereira
1978	Literatura	Angola	Décadas de 1950 e 1960	João Carneiro
1978	Antropologia	África	Século XX	Kabengele Munanga
1978	Ciência Política	África do sul	Século XX (década de 60 e 70)	Victor. A. Vockerodt
1978	História	África	Século XX	José Maria Nunes Pereira
1978	Literatura	Brasil	Século XX	David Brookshaw
1978	Literatura	Angola	Século XX	José Luís Pires Laranjeira
1980	Economia	Brasil-África	1958-1977	Jacques d'Adesky
1980	História	Brasil/África/Europa	Século XIX e primeira metade do XX	Leo Spitzer
1980	História	Japão	Indefinido	Gustavo Alberto Corrêa Pinto
1980	Literatura	Angola	Década de 1970	Mário António de Oliveira Fernandes

1980	Ciência Política	Brasil-África	Década de 1970	Jacques d'Adesky
1980	Sociologia	Moçambique	Século XX	Elimar Nascimento
1980	Ciência Política	América Latina-África	Século XX	Guy Martinière
1980	Literatura	Brasil	Final do século XIX e início do XX	Joel Rufino dos Santos
1981	Ciência Política	Brasil	Década de 1950 a 1970	João Luís Ribeiro Fragoso
1981	História	Namíbia	Século XX	Maria Helena de Oliveira Barbosa
1981	Ciência Política	África do Sul	Século XX	J. Monserrat Filho
1981	História	China	Indefinido	Ricardo Joppert
1984	Ciência Política	Brasil	Década de 1950 a 1970	João Luís Ribeiro Fragoso
1984	Economia	China	Século XX	José Carlos Avelino
1984	Ciência Política	Brasil-África	Século XX	Wayne A. Selcher
1984	Geografia	Guiné-Bissau	Século XX	Milton Santons
1984	Ciência Política	Brasil-África	Século XX	Jacques d'Adesky
1984	Artes	China	Indefinido	Ricardo Joppert
1985	Ciência Política	Brasil-África	Século XX	U. Joy Ogwu
1985	Ciência Política	Terceiro-mundo	Século XX	Fidelis Cabral d' Almada

1985	Ciência Política	Terceiro Mundo	Século XX	José Armando Duarte
1985	Economia	América Latina-África	Século XX	Nélida Beatriz Perona
1985	Economia	África	Século XX	Kassahun Checole
1985	Economia	África	Século XX	P. Anyang' Nyong'o
1985	Economia	Brasil-África	Século XX	Jacques d'Adesky
1985	Economia	Brasil-África	Século XX	Gilberto Calcagnotto
1985	Ciência Política	Argentina-África	Século XX	Gladys Lechini de Alvares
1985	Ciência Política	Argentina	Século XX	María del Carmen Llavre
1985	Economia	Brasil	Século XX	Edson P. Guimarães
1985	Economia	Brasil	Século XX	Helson C. Braga
1985	Antropologia	África	Século XX	Kabengele Munanga
1985	Sociologia	Guiné-Bissau	Século XX	Carlos Lopes
1985	História	América Latina-África	Século XX	Amouzouvi Akakpo
1986	Filosofia	Brasil	Século XX	Helena Theodoro Lopes
1986	Sociologia	Brasil	Século XX	Ari Araújo
1986	História	Brasil	Final do século XIX e início do XX	José Jorge Siqueira

1987	Ciência Política	África-França	Século XX	José Maria Nunes Pereira
1987	História	Brasil-África	Século XX	Williams da Silva Gonçalves
1987	Ciência Política	África	Século XX	Jacques d'Adesky
1987	História	Brasil	Século XIX	João José Reis
1987	História	Brasil	Século XIX e XX	Olga R. de Moraes von Sinson
1987	Sociologia	Brasil	Século XX	Carlos A. Hasenbalg
1987	Sociologia	Brasil	Século XX	Luciana Elena Garcia, Rosa Maria Porcaro e Tereza Cristina Nascimento Araujo

África

Ano	Subárea	Recorte Geográfico	Recorte Cronológico	Autores
1978	Sociologia	Brasil	Século XX	Fernando Augusto Albuquerque Mourão
1978	Sociologia	África	Século XX	Darcy da Silva
1978	Literatura	África	Século XX	Celso José Loge
1978	Sociologia	Brasil	Século XX	Francisco Cartaxo Rolim

1978	Filosofia	Brasil-África	Indefinido	Liana Maria Salvia Trindade
1978	História	Venezuela	Século	Angelina Pollak-Eltz
1978	Sociologia	África	Século XX	Antoine Yangni Angaté
1978	História	Afro-América	Século XX	Luís Beltrán
1979	Filosofia	África	Indefinido	Fábio Rubens da Rocha Leite
1979	Antropologia	África	Indefinido	Dohou Codjo Denis
1979	História	Peru	Século XVII e XIX	Fernando Romero
1979	Literatura	Cabo Verde	Século XX	Luiz Romano
1980	Sociologia	Brasil-África	Século XX	Fernando Augusto de Albuquerque Mourão
1980	Antropologia	África	Século XX	Bushabu Piema-Kuete
1980	Sociologia	África	Século XX	Ruth Biajotti
1980	Ciência Política	África	Século XX	Antônio Carlos Pojo do Rego
1980	História	África	Século XIX	Jean-Luc Vellut
1980	Artes	África	Indefinido	Mbuyamba Lupwishi
1980	História	Venezuela	Século XX	Luís Béltran
1981	História	Benin	Século XIX	J. Michael Turner

1981	Linguística	Colômbia	Século XX	Jan Daeleman
1981	História	Peru	Século XVIII a XX	Andrés Miguel Paz Varías
1981	Linguística	Brasil	Século XX	Yêda Pessoa de Castro
1981	História	Angola	Século XVI e XVII	Fernando Campos
1981	História	Brasil	1727-1826	Francisco Vidal Luna e Iraci del Nero da Costa
1981	Literatura	Cabo Verde	Século XX	Luís Romano
1981	Literatura	África	Século XX	Euridice Figueiredo Lethbridge
1981	Literatura	África	Século XX	Maria Bernadette Velloso Porto
1981	Literatura	África	Século XX	Fernanda Maria de Sousa e Silva
1981	Sociologia	Reino do Ngoyo	Século XX	Carlos Serrano
1981	Sociologia	Brasil	Século XX	Liana Salvia Trindade
1982	História	Angola	Século XVI e XVII	Fernando Campos
1982	Literatura	Cabo Verde	Século XX	Kwame Kondé
1982	Literatura	África	Século XX	Femi OJO-ADE
1982	Linguística	Zaire	Século XX	Kazadi Ntole Mbaya e Motumbo Huta-Mukana
1982	Ciência Política	África	Século XX	Kwam Kouassi

1982	Ciência Política	Nigéria	Século XX	J. A. A. Ayoade
1983	Antropologia	Zaire	Século XX	Katumba Ndadua beya Moi ya
1983	Ciência Política	Chil-África	Século XX	Luís Béltran
1983	Antropologia	África	Século XX	Rita Cordonnier
1983	Literatura	África	Século XX	Raymundo de Souza Dantas
1983	Literatura	África	Século XX	Frederick Ivor Case
1983	História	Angola	Séculos XVI e XVII	Fernando Campos
1983	História	Indefinido	1980	Lilian Pestre de Almeida
1984	Antropologia	Benin	1950-1955	Michel Houndjahoue
1984	Economia	Nigéria	Século XX	P.O. Agbonifo
1984	Literatura	Cabo Verde	1880-1980	Luís Romano
1984	Antropologia	África	Indefinido	Biodun Adediran
1984	Sociologia	África	1961-1982	Carlos Serrano
1984	Indefinido	Zaire	Século XX	Bakajika Banjikila
1984	Antropologia	Argentina	Século XII a XX	Néstor Ortiz Oderigo
1984	História	Zaire	Indefinido	Ngokwey Ndolamb

1985	Antropologia	África	Século XX	Jacqueline R. Eberhardt
1985	Literatura	África	Século XX	E.C. Nwezeh
1985	Literatura	Cabo Verde	1880-1980	Luís Romano
1985	História	África	Século XX	Nkeonye Otakpor
1985	Antropologia	África	Século XX	Kabengele Munanga
1985	Literatura	África lusófona	Século XX	Fernando Augusto de Albuquerque Mourão
1985	Etnomusicologia	Zaire	Século XX	Kazadi wa Mukuna
1985	História	Nigéria	Indefinido	Olusola Akinrinade
1985	Antropologia	África	Indefinido	A. Nogueira
1985	Literatura	Martinica	Século XX	Jayme de Mattos Kopke
1985	Literatura	Angola	Século XX	Fernanda Bastos Moraes
1986	História	Nigéria	Século XX	Biodun Adediran
1986	História	África	Século XVIII a XX	Fábio Leite
1986	Antropologia	Guiné-Bissau	Século XX	Pablo Sidersky
1986	Antropologia	Brasil	Século XX	Roberto Motta
1987	Ciência Política	África	Século XX	Fernando Augusto de Albuquerque Mourão

1987	Antropologia	África-Brasil	Século XIX e XX	Tundonu A. Amosu
1987	Literatura	Angola	Século XX	Adriana Coelho
1987	Linguística	África	Século XX	Kazadi wa Mukuna
1988	Ciência Política	África-Argentina	Século XX	Gladys Lechini de Alvarez
1988	História	África	Século XIX	Isola Olomola
1988	História	América do Sul	Século XX	Jorge Emilio Gallardo
1988	Literatura	Cabo Verde	Século XX	Manuel Brito Semedo
1988	História	África	Século XX	S.A. K.Mlacha
1988	Antropologia	África	Século XX	Asante Darkwa
1988	História	Angola	Século XX	Maria do Céu Carmo Reis
1988	Literatura	Cabo Verde	Século XX	Dulce Almada Duarte